REVISTA
DA SEMANA
N. 41 10-10-1953 Cr$ 5,00

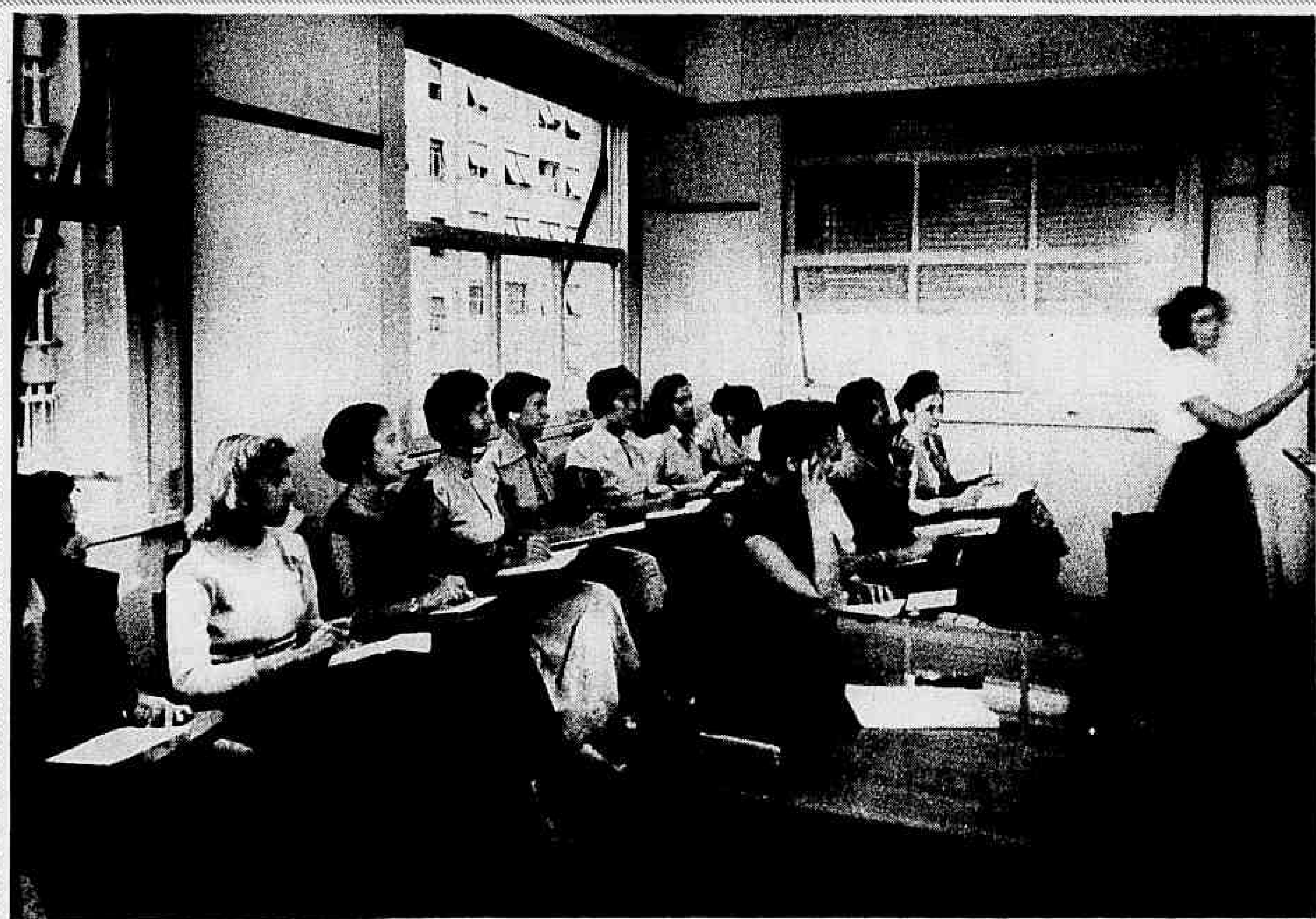
OS ASTROS E O SR. ADHEMAR DE BARROS

•

JANGO NA BERLINDA



A ESCOLA REMINGTON em COPACABANA



• A Escola Remington que, além de sua sede, na rua Sete de Setembro, possui filiais em Olaria e no Meier, mantém, em Copacabana, na rua Miguel Lemos, 44 (Edifício Mauá), um modelar Departamento, do qual algumas fotos ilustram esta página. Vê-se ao alto, a aula de Datilografia; à esquerda, a de Taquigrafia.

Jango na berlinda

13 PERGUNTAS: RESPOSTAS E EVASIVAS



NESTE MOMENTO NEM SÓ O CAFÉ ESTAVA QUENTE. No flagrante, tomado durante a visita de uma delegação da Associação Comercial, no decorrer da qual o tempo estêve quente, aparece o sr. Carlos Brandão.

O REPÓRTER LUTA DURANTE TREZE DIAS ★ O PRIMEIRO CONTATO ★ A INVESTIDA ★ REAÇÕES INICIAIS E POSTERIORES ★ NA MADRUGADA DE 29 PARA 30, AS RESPOSTAS ★ DISSE MUITO... PORÉM NADA FALOU... ★ IMPRESSÕES.

Texto de HÉLIO ABREU

FOI no dia 18 de setembro que entregamos ao ministro João Goulart um questionário de treze perguntas, tôdas de uma certa forma relacionadas com a pasta de que é titular. Daí para cá fizemos do ministro do Trabalho a nossa segunda residência. É hoje, é amanhã e assim por diante nos iam «conversando» s. excia. e seus auxiliares imediatos. Muita promessa, cafèzinho quente a tôda hora mas... quanto ao nosso questionário, coitado, ia passando bem de saúde, porém em poder do sr. Ministro. As suspeitas que tínhamos sôbre o propósito de s. excia. responder ou não aos quesitos formulados nasceram do primeiro encontro que tivemos com o sr. João Goulart que, ao ler o que lhe submetíamos torceu elegantemente o nariz diante de certas perguntas, tais como aquela que indaga de suas relações com o ex-ministro Danton Coelho, ou a outra que procura conhecer o seu juízo sôbre a ajuda eleitoral prestada pelo sr. Ademar de Barros à eleição do sr. Getúlio Vargas. Tivemos nossas dificuldades em obter do Ministro as respostas almejadas, porém estas não foram maiores do que as que povoaram a cabeça de s. excia... A coisa chegou a tal ponto que, de certa feita lembramos ao senhor João Goulart a possibilidade de publicarmos as perguntas com uma explicação ao público, dizendo ter êle se recusado a respondê-las. Nessa ocasião s. excia. reagiu, dizendo: «Não faça isto. Não pense que eu estou com mêdo de responder. Aguarde e verá».

Homem da nova geração, superdiscutido não só na imprensa como também em todos os círculos do país, o ministro João Goulart era um «pratinho» que a nossa gastronomia jornalística não podia deixar de saborear. Destarte, insistimos com redobrado vigor no propósito de «arrancar» de s. excia. as respostas pretendidas, o que só foi possível após treze dias de luta constante, num dos quais, na madrugada de 29 para 30, o ministro não dormiu... pois seguimos os passos do sr. João Goulart durante todo o dia 29 e, mesmo à noite demos sucessivos telefonemas para o hotel onde reside o titular do Trabalho. Sòmente às 2 horas da madrugada do dia 30 conseguimos falar ao telefone com S. excia., e tivemos a promessa de que naquela mesma manhã nos seria devolvido o questionário, já convenientemente respondido. Assim, às 6 horas da manhã chegamos ao hotel, onde um porteiro sonolento nos encaminhou aos aposentos do ministro-madrugador. Encontramos o sr. João Goulart pronto para sair. A barba feita e o laço de gravata aprimorado, diziam já estar o ministro de pé há muito. Nesta ocasião, mostrou-nos s. excia. uma verdadeira

Jango na berlinda

pirâmide de papel sôbre a mesa. Eram solicitações de outras revistas e jornais que êle não havia ainda respondido por falta de tempo, disse-nos.

E, afinal, s. excia. nem sempre observou nas respostas a substância das perguntas; como se pode ver a seguir:

Como e quando conheceu v. excia. o sr. Getúlio Vargas?

«Meu conhecimento com Getúlio Vargas está ligado aos tempos de minha infância. Era grande e estreita a sua amizade com meu pai, Vicente Goulart, estendendo-se as relações amistosas às duas famílias. Ainda conservo viva em minha memória a recordação do entusiasmo de meu pai pelos ideais e princípios com que Getúlio Vargas começou a exercer suas primeiras influências no cenário político estadual. Ao meu espírito jovem, causaram profunda impressão a resoluta determinação de nosso atual Presidente quanto aos problemas nacionais, ao tornar-se paladino das duas causas máximas: a das reivindicações dos novos tempos, inspiradas no imperativo humano de libertar o braço trabalhador da condição de mero fator de riqueza, sem usufruir seus benefícios, e a da plena soberania nacional, pela complementação da autonomia política com a econômica, transformando um país exportador de matérias-primas em nação a caminho da ampla industrialização, com consciência de seu papel na civilização contemporânea, na América e no Mundo.

E é com justa alegria cívica que se observa estar hoje o trabalhador integrado em seus direitos e o Brasil não ser apenas um país do futuro. Não obstante o elevado preço em lutas incessantes e sacrifícios extremos a que, infelizmente, ainda não foi possível pôr têrmo, já há um presente brasileiro.»

Na eleição que levou o sr. Getúlio Vargas à suprema magistratura do país, a quem atribui a maior parte dos votos que lhe foram dados? Ao prestígio pessoal do atual Presidente ou à contribuição eleitoral do sr. Ademar de Barros?

«O retôrno de Getúlio Vargas ao poder em 1951, há de ficar gravado em nossa história como uma de suas mais belas páginas, escrita com a mais viva emoção popular. No Brasil, nunca foi observada uma afirmação popular tão categórica, jamais uma vitória política se radicou tanto nos anseios e esperanças do povo quanto essa. O movimento que levou ao poder o seu líder surgiu espontâneamente, com uma incoercível fôrça de expansão, superior a tôda compressão econômica ou oficial. A opinião pública em 1951 exigia a volta de Getúlio Vargas ao govêrno, desiludida com a quebra de continuidade do processo político, no momento em que se encaminhava aceleradamente para a fase de superação dos obstáculos, retardada pela eclosão da guerra. Durante o tempo em que Getúlio Vargas estêve afastado do govêrno, o povo pôde meditar nos benefícios de sua obra e nas razões históricas de algumas medidas de emergência, que seus detratores passaram a interpretar e expor, intencionalmente, fora do ambiente que as determinaram. O povo, porém, sentindo a injustiça do julgamento de certos fatos e circunstâncias históricos, compreendeu o êrro da mudança na evolução política brasileira, quando mais se impunha a persistência de sua trajetória natural, pois que o mundo acabava de derrotar os extremismos, permitindo, dessa forma, uma era de ampla e irrestrita liberdade democrática. Tomando, assim, consciência política do engano cometido, tornou-se um fatalismo a volta de Getúlio Vargas ao poder, por fôrça da vontade irrefreável do povo de repor o Brasil no rumo certo de sua emancipação econômica, dentro dos princípios da justiça social.

A decisão das urnas foi, portanto, o resultado do esclarecimento das massas que, como sempre, depositaram sua esperança naquele que foi o seu intérprete máximo, reparando, assim, um pronunciamento feito à sua revelia.» (Aqui o ministro não só foge, em parte, a pergunta como também ignora a existência do sr. Ademar de Barros . . .)

Acha v. excia., quer como ministro de Estado e presidente de um partido político, quer ainda que como simples cidadão, o prestígio do sr. Getúlio Vargas, perante as massas, sofrido alterações? Para mais, ou para menos?

«Getúlio Vargas reassumiu a direção do Govêrno, encontrando uma situação econômico-financeira alarmante e o povo deploràvelmente descrente dos poderes públicos. Era natural que se formasse em tôrno de sua ação, com apoio nas iniciativas e realizações de seu passado, uma onda de esperanças além de tôda possibilidade de concretização, aguardando-se solução imediata de tôdas as dificuldades, como resultado de uma ação milagrosa. Naturalmente que isso não era possível e, em conseqüência, houve um abalo na esperança popular, ante os sacrifícios impostos pelas necessidades de recuperação geral na vida nacional. Mas se engana quem pensar que o povo está decepcionado, pois compreendeu que nos primeiros tempos da luta os sofrimentos são maiores e está certo que, embora ainda não solucionados totalmente, todos os problemas estão equacionados e previstos num plano cujos resultados virão inevitàvelmente. Por isso, creio ainda ser o mesmo o prestígio de Getúlio Vargas, estando o povo em atitude observadora, na certeza de que, nas condições atuais, ninguém conseguiria mais e melhor.»

A escolha do nome de v. excia., para o cargo que ora ocupa, resultou de uma reivindicação do PTB ou das ligações de amizade existentes entre o presidente da República e a pessoa de v. excia.?

«Sendo a política social um dos postulados essenciais da ação governamental de Getúlio Vargas, decorre quase como um corolário a destinação da Pasta do Trabalho para o Partido Trabalhista, associado, é óbvio, à necessidade da confiança pessoal do chefe da Nação. Nessas duas circunstâncias principais, residiu, assim, a razão de minha escolha para o Ministério do Trabalho, onde tenho me esforçado para não desmerecer a confiança do Presidente, lutando pela realização da harmonia entre as duas fôrças básicas da prosperidade geral: capital e trabalho.»

No pensar de v. excia. deve ser regulamentado o direito de greve? Em caso afirmativo, em que têrmos?

«Não há direito sem limites. Nada mais legítimo do que os protestos de uma classe contra o que julga ferir abusivamente os seus interêsses vitais. Assim como, porém, o direito individual deve procurar conciliar-se com o interêsse coletivo, o direito da classe deve subordinar-se também aos interêsses da sociedade. Por isso sou favorável à regulamentação do direito de greve, limitado apenas pela necessidade de salvaguarda dos interêsses essenciais da coletividade e da ordem pública.

Há, porém, uma Comissão incumbida de estudar a questão, e composta de elementos representativos da cultura jurídica nacional, a qual certamente saberá encontrar uma solução que resguardará os interêsses legítimos dos trabalhadores.»

E sôbre a devassa que, segundo se divulgou, teria mandado v. excia. proceder na Comissão do Impôsto Sindical? A que resultado se chegou?

«É um fato notório o desvirtuamento do Fundo Social Sindical. Ninguém ignora as queixas dos trabalhadores contra o modo como tem sido gerido, afastando-se de sua destinação legal e se omitindo na consecução de suas finalidades específicas. Sabedor dessa situação, logo ao assumir a pasta, nomeei uma Comissão para apurar o que há de verdadeiro sôbre o assunto, a fim de tomar as providências recomendáveis, em face das circunstâncias e imprimir um rumo definitivo nesse patrimônio, a favor dos trabalhadores. Tenho uma dívida com os trabalhadores e espero resgatá-la, recolocando o Fundo Social Sindical no legítimo lugar que lhe cabe no sindicalismo brasileiro.»

— O ministro já é ministro há muito tempo porém . . . tudo continua no sistema das investigações que nada apuram, como é costume neste país.



UM MINUTO PARA AS CINCO no relógio do Ministro. Os ponteiros do carrilhão do comércio e da indústria marcarão o mesmo tempo? Que falem Lodi, Brasílio Machado e Carlos Brandão de Oliveira.

Ùltimamente muito se tem falado em República Sindicalista, forma de govêrno que, no dizer de várias pessoas, tem em v. excia. o mais fervoroso defensor da idéia. Em tôrno do assunto o que de verdadeiro existe?

«Não me causa mais estranheza a atribuição de desígnios inconcebíveis. Acusam-me de adepto de doutrinas impróprias ao clima brasileiro e de fomentador de movimentos incompatíveis com a dignidade e a responsabilidade do cargo que ocupo. No entanto, não apontam um só ato, uma só atitude que não esteja na mais rigorosa órbita constitucional e dentro do mais sadio espírito de defesa do regime e das instituições democráticas.

A idéia da implantação de uma república sindicalista não mereceria nenhuma consideração, se não fôsse a tensão de espírito, as incertezas, as inquietações e a confusão lançadas no ambiente, pelos que maliciosamente a veiculam. Na qualidade de ministro de Estado, que deve satisfação à opinião pública e considerando o mal que tem causado à tranqüilidade nacional, quero, protestando veementemente contra êsse indigno e desleal processo de oposição, declarar que não tem o menor fundamento essa e outras fantasias criadas pelos que não se conformam com o estabelecimento de um clima de concórdia entre o capital e o trabalho, equilibrados pelos direitos e deveres mútuos.»

Existe algum desentendimento entre v. excia. e o ex-ministro Danton Coelho?

«Minhas relações com o sr. Danton Coelho são as mais cordiais. É um grande companheiro que muito lutou pela causa trabalhista, tornando-se credor de uma vasta soma de serviços prestados ao Partido.»

Que pensa v. excia. da atual Constituição da República? Dentro dela tem encontrado o govêrno os meios que necessita para dirigir o Estado?

«Creio que o govêrno pode cumprir seus deveres para com a Nação, dentro dos preceitos da Constituição, mesmo porque, se não o julgasse possível, seria obrigação primária evidenciar os seus defeitos para que, na forma devida, fôssem promovidas as emendas necessárias.» (A resposta do ministro não enaltece a Carta Magna. Nenhuma palavra amiga, nem sequer a citação de um artigozinho bom . . .)

V. excia., como ministro do comércio e da indústria, que também é, como vem encarando os problemas atinentes aos dois ramos citados?

«São questões intimamente entrelaçadas o desenvolvimento do comércio e da indústria e a solução dos problemas pertinentes às necessidades do trabalhador. Sem que êstes se sintam satisfeitos em suas reivindicações justas e essenciais, não há condições favoráveis para uma intensa campanha de elevação do nível da produção e sua colocação racional nos mercados consumidores. É essa a razão por que, sem despreocupar-me de nenhum setor do Ministério, tenho nesta primeira fase de minha gestão, dedicado particular atenção ao ângulo pertinente à questão Social.»

Acha que o problema trabalhista de v. excia. se concilia com as duas citadas partes?

«Claro que sim, conforme se depreende da resposta à pergunta precedente.»

Os aumentos de salários são, no pensamento de v. excia., fatôres favoráveis ou desfavoráveis ao comércio e a indústria?

«A elevação do custo de vida é um fato cuja origem decorre de causas complexas, de remoção difícil e demorada.

Enquanto não fôr possível uma solução que extermine definitivamente essas causas, não há outro recurso senão atenuar os seus efeitos, mediante a elevação do nível de vida dos trabalhadores, pelo aumento de salários ou redução do preço das utilidades.»

Finda a gestão de v. excia., no Ministério, ou mesmo antes, pensa em candidatar-se a algum cargo eletivo?

«Atualmente meu pensamento é ùnicamente desobrigar-me de minhas atribuições ministeriais. Não acalento vaidades, nem pretensões. Terminada a minha gestão do Ministério, voltarei às fileiras de meu Partido.»

★

Aí está o que João Goulart nos disse. O ministro cumpriu sua promessa no que tange às respostas às perguntas, mas não na interpretação das mesmas. S. excia. parece não ter entendido bem o propósito desta reportagem, ou seja: O ministro João Goulart falou muito, porém não disse nada . . .



JANGO DE CORPO INTEIRO. João Belchior Goulart sentado à vontade, exibe a última pose fotográfica de ministro "made in fronteira".



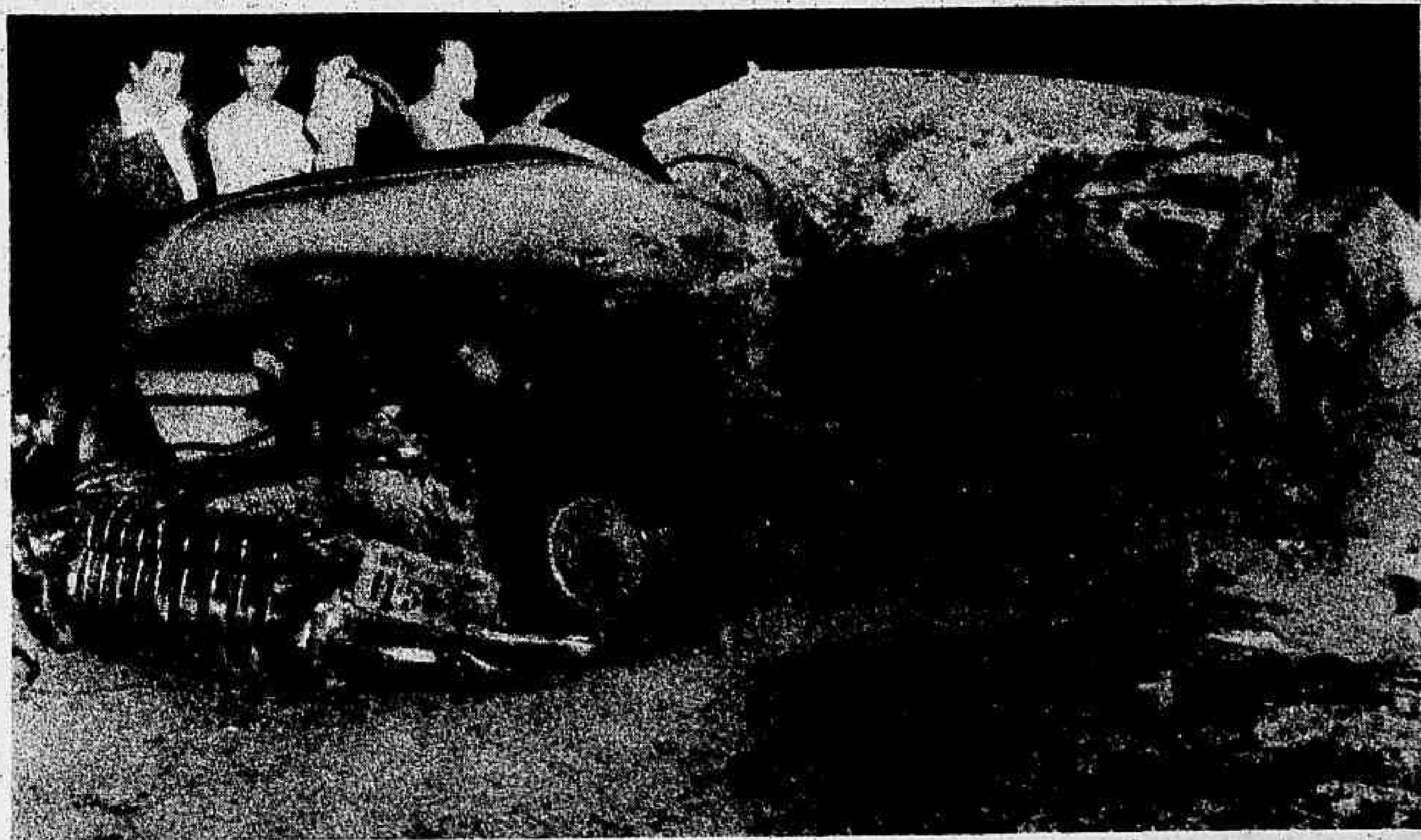
[illegible] tu madeira fria, sentirás [illegible] agonia do silêncio do cantor», [illegible] o que está gravado sôbre o túmulo de Chico Alves, cujo destino se irmanou ao do seu mudo violão.



Junto ao seu túmulo, corações em prece, olhos arroxeados pelo pranto, mãos que o cobriram de flores, pessoas da família do morto não podem ocultar a dolorosa recordação da tragédia. Ao fundo, a multidão que foi ao cemitério.

HOMENAGEM A CHICO ALVES

A 27 de setembro de 1952, morria Francisco Alves, um dos mais aplaudidos intérpretes da música popular brasileira. A brutalidade de sua morte, esmagado e queimado num acidente ocorrido na madrugada daquele dia no quilômetro 275 da estrada Presidente Dutra, quando um caminhão colidira com o seu auto, fêz estremecer o país inteiro e durante muitos dias emocionou a alma do povo. Francisco Alves, o popularíssimo «Chico Viola», como era conhecido na intimidade, foi agora novamente lembrado, ao completar-se o primeiro ano de sua morte trágica. Dentre as comemorações de saudade, houve a de uma romaria ao cemitério de S. João Batista, inaugurando-se o mausoléu onde repousam os seus restos mortais. Grande multidão afluiu ao campo santo para, mais uma vez, render homenagens ao saudoso cantor, justamente considerado o «Rei da Voz» em seu gênero. Mãos piedosas levaram braçadas de flores, e as pessoas de sua família oraram por sua alma e derramaram as lágrimas da saudade que lhes deixou o pranteado cantor.



Por entre êsse amontoado de ferragens retorcidas, foi retirado o corpo de Francisco Alves na madrugada fatídica.



Antisardina

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTÌFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

N ANTISARDINA LISOBARBA CABELOSAN ANTI



a REVISTA há 50 anos

Domingo, 11 de Outubro de 1903

PEDRAS PRECIOSAS

O brilhante é a mais formosa de tôdas as pedras preciosas e preserva de feitiços: o famoso annel de Salomão, «chamir», era feito dum só diamante perfurado. Significa amor, fé, constancia, pureza e é a pedra das donzellas.

O ambar, embora occupe um logar muito secundario no enfeite feminino, é um dos mais preciosos talismans. Supõe-se que acarreta sorte, e os antigos attribuiam-lhe o dom d'acalmar o systema nervoso; pondo um collar d'essa substancia aos recemnascidos evitam-se-lhes as convulsões.

A saphira symbolisa a bondade, a formosura, a nobreza e a magnificencia.

A esmeralda é a pedra das virgens e a dos magos. As druidas misturavam-n'a com a sua coroa de verbena, a fim de terem o dom de prophetisar, e é emblema da abundancia e da esperança.

O topazio goza a particularidade de procurar a sabedoria, a riqueza e a saude; preserva da loucura.

A amethista é o emblema da sciencia, da força espiritual, humildade e franqueza. Eis porque se emprega no annel dos Bispos. Attribui-se-lhe tambem a propriedade d'obstar a embriaguez. Aviso ás ligas anti-alcoolicas.

A opala tem más propriedades; quem a usa far-se-á inconstante. Uma variedade d'opala verde e raiada de branco destroe o feitiço.

A calcedonea dá força e vigor.

O coral desfaz os maleficios e diz-se que perde a cor quando a pessoa que o leva, tem uma doença mortal. O coral branco, significa modestia; o rosa, prudencia; o vermelho, bondade; o negro, pureza.

A agatha, em toda a sua variedade, valor, fé, prosperidades.

O rubi transmitte tambem força e valor e livra dos accidentes do ferro e do fogo; excellente para os soldados e os viajantes.

O jacintho, cercado de prata, livra de todos os males, dando graça, riqueza e cortezia.

A perola causa lagrimas e é indicio de fé e de pureza; a lazulite, simplicidade e alegria; a cornalina, paciencia; a granada, saude.

Não convem fiar nas turquezas, embora sejam recordação e amizade, pois têm qualidades desgraçadas e attribue-se-lhes a propriedade de morrerem, isto é, perderem a cor e o brilho quando um perigo ameaça o seu possuidor.

O azeviche é luto ou dor, pedra das viuvas e das orphãs.

O carbunculo ardor e paixão.

Com estas indicações podem-se compor joias symbolicas e de bom gosto, offerecendo as pedras em perfeita harmonia com o caracter das pessoas a quem se destinam.

Comtudo, os brilhantes são sempre um magnifico brinde e não dão tanto que pensar.

QUESTÃO DOS BALÕES

No anno 368, antes da nossa éra, o philosopho Archytas de Tarento, entretinha-se na construcção de passaros que voavam **por effeito do gaz leve que encerravam.**

Em 1638, o jesuita Lana publicou o projecto d'uma especie de navio voador, que devia elevar-se pela acção de **globos vazios d'ar.**

Mas a theoria dos aerostatos só se encontra mais tarde, e quem a encontra é um portuguez, o frade Bartholomeu de Gusmão, que em 1738 subiu em Lisboa na sua celebre **Passarola cheia de ar quente.**

Os irmãos Montgolfier só cincoenta annos depois é que fizeram as suas experiencias com balões cheios de gaz.

Foi a 27 de Agosto de 1783, em Paris. Os aeronautas Carlos e Roberto, subiram a 980 metros.

Em 1784, fizeram experiencia em balões, Morvan e Bertrand, da Academia de Dijon. O balão espherico, cheio de hydrogeneo, tinha uma especia de vela e um leme.

No mesmo anno appareceram mais os aeronautas: Blanchard, Janinet, o abbade Miollan, Roberte, Dom Patinho.

A 7 de Janeiro de 1785, Blanchard e Jeffries atravessaram a Mancha.

A 24 de Agosto, Alban e Vallet, fazem ensaios de locomoção aerea.

Em 1786, Tertu-Brissy passou no ar uma parte do dia e da noite de 18 de Junho.

D'ahi até 1813 esfriou o enthusiasmo.

N'esse anno fez-se uma experiencia sem resultados.

Em 1850, o americano Taggett Julien faz experiencias, assim como os Sanson, pae e filho, Blainville, o marquez de Bacqueville, Juanita Perez Darville, etc.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 41 ★ 10-10-53

SUMÁRIO

Jango na berlinda 3/ 5
Homenagem a Chico Alves 6/ 7
Aventura na Malaia 11/13
Meteorologistas falam sôbre chuvas artificiais 16/17
Os segredos de Clark Gable 24/25
Teófilo Otoni, a capital do Mucuri 26/32
A Cidade Maravilhosa na verve de Mesquitinha 44/45
Gilda casou outra vez 51/55
Os astros e o sr. Ademar de Barros 56/57

Os cem anos do Crato 9
O Regresso (conto) 19
Semana Literária 20
Nove pequenas para um rapaz ... 22/23
A marechala Junot 34/35

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
De Teatro 14
De Cinema 15
Janela sôbre o mundo 36/37
Arabelle 49
De Rádio 50
Último flash 58

A luz da psicanálise 18
Estampados 38/39
Você é supersticiosa? 40
Sugestões para o lar 40/41
Week-end na cozinha 42

CAPA: **Srta. MARIA ANGELA MACHADO** (Rainha do Centenário de Teófilo Otoni) **(Reportagem no texto)**

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação: VICTOR TAPAJÓS - Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A décana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.



OS CEM ANOS DO CRATO

DENTRE as várias comemorações que vem sacudindo festivamente êste jovem Brasil de quatrocentos anos, pomos em destaque a que leva a efeito no dia 17 de outubro corrente, a tradicional e valorosa cidade do Crato. Formosa princesa do sertão, engastada na doçura verde do vale do Cariri, esta jóia encantadora, tão justamente cognominada «Coração do Ceará», vê passar o seu primeiro centenário com ares de triunfadora, pelo ritmo de progresso constante que lhe vem marcando os passos. Mercê de sua previlegiada situação geográfica, paredes-meia de Pernambuco e Paraíba, esta pequena capital sul-cearense, ponto terminal da ferrovia de Baturité, presta inestimáveis serviços ao intercâmbio comercial de uma grande zona nordestina.

● Mas, perguntareis-me: — por que êste nome estranho de Crato numa cidadezinha brasileiríssima, simples, sem artifícios e sem afetação? Dizem uns que o nome lhe veio por imitação ao Crato de Portugal. Asseveram outros, que se originou de uma corruptela de sua antiga denominação Curato (de São Félix). O certo, porém, é que êste Crato, precioso e estranho, existe; completa êste mês cem anos e o seu centenário merece ser aplaudido pelo país inteiro, ante as páginas gloriosas que seus filhos ilustres escreveram na História Pátria. Berço da nobre estirpe dos Alencares, ela guarda no seu passado heróico lutas e feitos memoráveis. Dominou, no seu alvorecer, o vandalismo revolucionário de Joaquim Pinto Madeira. Enviou ao Piauí e ao Maranhão os grandes capitães Filgueyras e Tristão para consolidarem a nossa independência, com a derrota de Fidié, no morro do Alecrim. Baniu Pedro I em 1817, pela voz extraordinária dessa mulher símbolo que foi Bárbara de Alencar, avó do grande romancista de «Iracema», heroína inquebrantável, que trocou o confôrto do lar e aconchego da família pela tortura dos ferros e o inferno dos calabouços, em holocausto ao luminoso sonho da República.

● Infelizmente, o belo e o trágico do grande e heróico que ornam os fastos da história centenária do Crato, não cabem na síntese desta crônica. Os episódios dessas lutas cheias de civismo e bravura, dariam novelas, dramas e romances da mais viva intensidade. O fuzilamento de Pinto Madeira no alto do Barro Vermelho; a prisão de Dona Bárbara, depois do suplício de seu escravo, que preferiu cortar a língua com os dentes a descobrir onde estava a sua ama; a odisséia final do capitão-mor José Pereira Filgueyras; a tragédia de Tristão Gonçalves no combate de Santa Rosa, são páginas homéricas que, se tivesse espaço, gostaria de narrá-las aqui, já que as conheço de cor. Aprendi-as naturalmente, misturadas com lendas, no meu tempo de menino. Elas corriam de bôca em bôca, nesses sítios amáveis onde cresci — tomando banho no Poço da Escada, fazendo patuscadas no Lameiro, trabalhando na Travessa dos Ourives ou acompanhando serenatas na rua das Laranjeiras. Memórias que conservo indeléveis no espírito, há mais de vinte anos, quando, arrastado pela aventura, disse adeus ao Crato.

MARTINS D'ALVAREZ



●Dizem os pedagogos, que a criança só começa a ter personalidade, quando principia a ter percepções do mundo em que vive. E' discernimento que dá personalidade à criança, proporcionando-lhe a interpretação das pessoas e das coisas que a cercam. A personagem da REVISTA desta semanada é a Criança, como homenagem que dedicamos à Semana da Criança, no período de 10 a 17 do corrente. Embora não se possa dizer que uma criança possa ter personalidade, possui, porém, direito a ser uma **Personagem**, assim mesmo com P maiúsculo. O Estado, ao lhe dedicar tôda uma hebdômana, agiu com muita justiça e inteligência, pois que é, falando da Criança, cuidando da Criança, defendendo-lhe a saúde, a educação e o futuro, que a própria nação se robustece e progride. Esta REVISTA, prestigiando o programa organizado pelo Departamento Nacional da Criança para 1953, dedicou esta coluna à Semana da Criança, personagem que dominará todos os corações e todos os espíritos de 10 a 17 dêste **mês**, como centro de carinhos, de cuidados e comemorações em todo o território nacional. Tornar a Criança brasileira uma **Personagem** digna de todos os cuidados, amparada pelos poderes públicos e prestigiada pela sociedade, será a maior prova de civilização que o Brasil poderá dar ao mundo.



O general Anastácio Somoza, Presidente da República da Nicarágua, estêve no Rio em visita oficial, acompanhado de sua excelentíssima espôsa e membros de luzídia comitiva. Depois de firmar com o nosso govêrno vários convênios de interêsse recíproco, pelos quais o Brasil se vê ainda mais aproximado àquela República Central, fêz S. Excelência diversas visitas protocolares, bem como não esqueceu lugares isento de intenções políticas, como seja a Casa de Ruy Barbosa, visitada com muita emoção pelo sr. Somoza. Nas fotos aqui reproduzidas, vemos o Chefe do Executivo da Nicarágua com sua senhora em visita ao Ministério da Guerra, numa recepção no Itamarati, conduzindo pelo braço D. Darcy Vargas, e, finalmente, Mme. Somoza na visita ao Catete, apertando a mão de Mme. Vargas. Antes de regressar à sua pátria, o Presidente Somoza foi ver a Bahia, numa demonstração de alto espírito emotivo, conhecedor como é daquele relicário nacional.



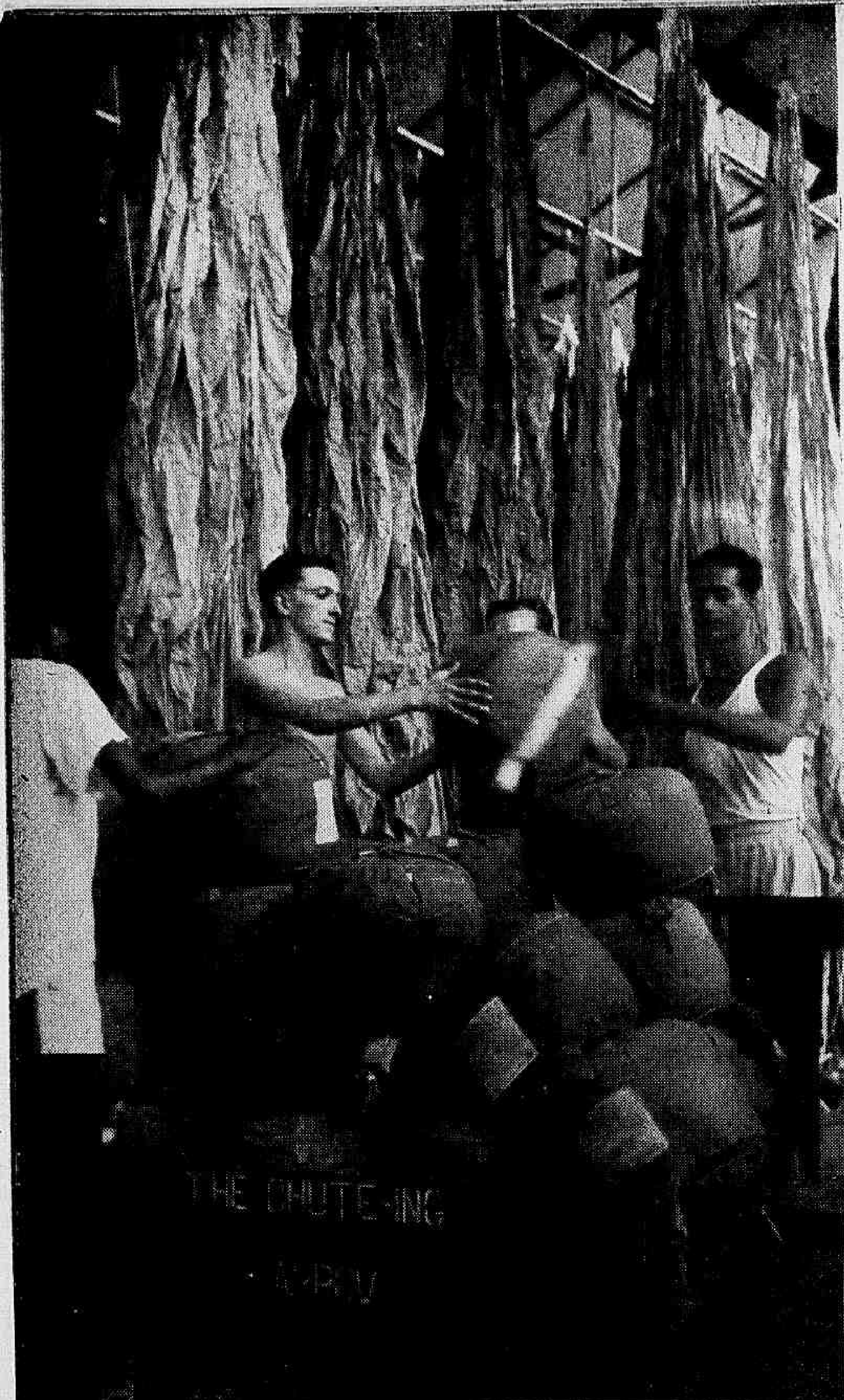
A SEMANA EM REVISTA



Mais um que chega para dar combate aos bandidos. Ivan Mi-co monta guarda, enquanto um seu camarada chega à jungle.

A guerra em que não se fala

AVENTURA na MALAIA





O abastecimento das tropas britânicas nas florestas da Malásia, por meio de pára-quedas é trabalho quotidiano.

E e a execução dêsse serviço é uma das mais penosas e perigosas, tudo por meio de sinais (fumaça), devidamente identificados.

Reportagem de ROBERT JACKSON

(Exclusividade da REVISTA DA SEMANA)

Fotos de JOHN SIMMONS

POR sôbre uma clareira na floresta, o helicóptero interrompeu o seu avanço entremeado de subidas, descidas e pequenos recuos, pairando suavemente sôbre a mesma.

— Eis um bom lugar — disse o pilôto, um jovem oficial da marinha, que trajava o uniforme verde para a campanha na selva.

A corda, cheia de nós, foi lançada pela porta aberta e por ela desceram cêrca de doze soldados. Êles haviam chegado, da forma que se afigurava mais simples para aquela região, com o intuito de desentocar e combater os comunistas da Malaia.

Há um modo ainda mais duro (e mais rápido), utilizado pelos soldados do Serviço Aéreo Especial. Êles são jogados em pára-quedas, não em zonas espaçosas e apropriadas para tais saltos, mas na selva virgem e traiçoeira. Um número surpreendentemente grande consegue passar pelas copas das árvores e chegar ao solo sem maiores dificuldades. Aquêles que ficam embaraçados nos galhos das árvores descem pelas mesmas, graças a um dispositivo de cordas e roldana que transportam no seu equipamento.

Robert Jackson voou em companhia dos homens que lutam na campanha de ataque e defesa por trás das linhas dos guerrilheiros na Málaca que fica numa península do sudeste da Ásia e é chamada pelos naturais «Tana Malayn». Conta com uma superfície de 212.000 quilômetros quadrados, incluindo as ilhas Cocos, Singapura e Penang, que formam parte da colônia inglêsa denominada Estabelecimentos do Estreito.

A península de Málaca é uma região essencialmente montanhosa e a isto se deve a difícil comunicação entre ambas as costas. É ocupada em sua maior parte pelos malaios (a raça predominante na Malásia, ou seja, na península de Málaca e no Arquipélago malaio), aos quais deve a denominação pela qual é geralmente conhecida: Península Malaia.

Atualmente, ao se falar em Málaca, esta é mencionada como uma colônia inglêsa. Com efeito, a maior parte da península está sujeita direta ou indiretamente ao domínio da Inglaterra. Dentre os três grupos que compreendem as possessões inglêsas na península estão os Estados Malaios Federados, mais conhecidos atualmente sob o nome de Federação Malaia, constituindo um protetorado inglês e são: Perak, Selangor, Negri Sembilan (nove estados) e Pahang. Esta federação se formou no ano de 1896, estando desde então sob a proteção britânica.

A Península de Málaca tem os seguintes limites: ao Norte, a Birmânia e o Sião; a Leste, o golfo de Sião e o mar meridional da China; ao Sul, o estreito de Málaca; a Oeste, a baía de Bengala.

A Federação Malaia tem de superfície 81.088 quilômetros quadrados e uma população de 4.877.000 almas, sendo sua capital a cidade de Kuala Lumpur.

Ambos os métodos não passam de rotina, na curiosa guerra aérea que se desenvolveu como base de sustentação das fôrças terrestres na «ação de polícia» que tem lugar na Malaia, ainda não diretamente afetada pelos discursos e arengas de paz comuns em outras regiões, onde os comunistas combatem o mundo ocidental.

E' uma guerra na qual os planos da era de 1939-45 conseguiram de súbito, apenas um lugar de honra ao lado dos seus sucessores da idade do jacto. Vejamos, por exemplo, o modesto e pequeno avião Auster.

— Êle é a nossa ama-sêca em todo o trabalho aqui realizado — disse o jovem aviador, quando retornamos. — Vale uma completa esquadrilha de jactos. Uma das suas funções mais importantes é atirar panfletos e passes de salvo-conduto sôbre os inimigos.

E há também o Valetta, usado principalmente para lançar suprimen-



Seis vêzes por dia, no mínimo, os aviões levantam vôo de Kuala Lumpur, levando abastecimento aos soldados que estão disseminados pela região em que trava a luta entre a ilegalidade e o govêrno inglês da longínqua Malásia, cujo povo está sob direta influência comunista.

tos às tropas da floresta. Desde que teve início a situação de emergência, a R. A. F. lançou cêrca de três milhões de libras em suprimentos. E se um número menor que seis aviões de transporte deixa Kuala Lumpur em um dia, isto é sinal de que as coisas estão um tanto frouxas.

Eu voei em um Valetta, com uma das «equipes de descarga aérea» da R.A.S.C., que lançam os suprimentos do avião e que são em sua maioria jovens nacionais prestando serviços nas fôrças aéreas.

— Deve ser fácil, esta manhã — disse o tenente-aviador Douglas Shepherd, um dos mais experientes pilotos de aviões lançadores de suprimentos da Malaia. — Já estive lá anteriormente e aquela é uma boa área D.Z. — um têrmo da gíria de serviço, utilizado para referir uma «zona de lançamento».

Durante uma hora, no ofuscante sol da manhã, voamos para o norte, em direção à fronteira do Sião, onde uma patrulha de policiamento da selva estabelecera um «fortim». Às 9 horas, o navegador Colin Flavell um jovem oficial aviador de Wembley, perscrutou a região que sobrevoávamos e anunciou ter avistado o rio que procurava, como ponto de referência.

As ordens de operação do pilôto diziam que uma letra «B» num quadrado marcaria a zona de lançamento e uma coluna de fumaça avisá-lo-ia de que se encontrava sôbre o local.

— Com essas pequenas D. Z. — disse o tenente Shepherd — um pilôto precisa contar com algum sinal de advertência, porque é muito fácil deixar de notar uma pequena craleira na selva, quando se está voando sôbre as copas das árvores.

A patrulha de polícia da selva escolhera uma zona de lançamento próxima a um rio, com um bom caminho de aproximação, cercada por elevações nos três outros lados, de modo a evitar qualquer surprêsa desagradável por parte dos comunistas. Quando o pilôto apontou para baixo, indicando a letra «B», escrita em côr escarlate, pude notá-la



O general Temples, que desceu em helicóptero na zona das operações, passa revista aos guardas fiéis à Inglaterra, bons conhecedores da região.

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

É FOGO NA JACA



A bailarina argentina Marina Marcel, «estrêla» da Companhia de Revistas de Walter Pinto, e que tem parte destacada em «É Fogo na Jaca».

DEPOIS de vários meses de sucesso no Teatro Recreio, conseguimos, finalmente, assistir à revista «É Fogo na Jaca», de Luis Iglésias e Walter Pinto. Trata-se de um espetáculo muito bem montado, mas falho no conteúdo, que é um dos pontos claudicantes do teatro de revista. As cortinas continuam fracas como sempre, obrigando os artistas a colocarem em jôgo todos os seus recursos no sentido de melhorarem o trabalho intelectual. Mesquitinha, êsse extraordinário cômico do teatro nacional, não encontrou apoio necessário em «É Fogo na Jaca», para poder aparecer com grande destaque, o mesmo acontecendo com a excelente caricata Violeta Ferraz, e o cômico Ankito, completamente esquecido dentro da revista. A fraqueza das cortinas, culmina com aquêle quadro de um mau gôsto tremendo, que é o dos fanáticos de «foot-ball», onde aparecem todos os elementos que trabalham na comicidade da revista: Mesquitinha, Violeta Ferraz, Ankito, Pedro Dias, Manoel Vieira e Paulo Celestino.

● **A maior atração de «É Fogo na Jaca», é Ivana, que veio do «Le Carroussel» de Paris, com o seu guarda-roupa caríssimo, demonstrando uma grande sensibilidade artística, sendo incapaz de usar qualquer recurso de licenciosidade. Tem uma bonita pronúncia em francês, convergindo para si tôdas as atenções da peça, apesar de nos seus quadros aparecerem ao fundo mulheres quase nuas. O transformista e cantor francês é, de fato, um grande êxito. Outra coisa de mau gôsto dentro do nosso teatro de revista, como acontece também com «É Fogo na Jaca», são alguns quadros com uma coreografia mais ou menos cuidada, que se vêem prejudicados na sua concepção artística, porque atrás foram colocadas duas ou três mulheres nuas, sem motivo algum para permanecerem ali. A «estrêla» da revista é a bailarina argentina Marina Marcel, uma figura bonita e muito interessante, que serve de adôrno para «É Fogo na Jaca», apesar de nada possuir de fora do comum. As «vedettes» Natara Ney, Jane Grey e Lia Mara enfeitam com a sua presença os diversos quadros da revista, sendo que as duas primeiras se acham um pouco gordas, o que desvaloriza um pouco as suas respectivas plásticas.**

● O corpo de «girls» é composto de brasileiras, francesas e, se não nos enganamos, argentinas. Possuindo mulheres de certos predicados físicos, principalmente uma das francesas, que é dotada de um belo corpo. A coreografia nada apresenta de novo, destacando-se como algo de interessante, o quadro dos estudantes da universidade, que mostra um certo gôsto e sensibilidade. É na montagem que reside o êxito da revista «É Fogo na Jaca», tendo o empresário Walter Pinto realizado na parte da cenografia verdadeiros progressos, montando cenários de alto custo, a ponto de apresentar, até, uma cachoeira em cena. Soube, também, mostrar um guarda-roupa caro e de raro efeito para os olhos, exibindo tôdas as mulheres com vestimentas bonitas, cheia de côres, sob uma iluminação estudada e que contribui para realçá-las ainda mais. Sendo vista dêste ponto de vista, «É Fogo na Jaca» atinge plenamente as finalidades, mas teatro de revista não é só isso, tem que haver um texto realmente interessante e que diga muito na parte cômica, que é a base de uma revista. O segrêdo de Walter Pinto está na organização de sua companhia, onde não poupa esforços em contratar artistas que atraiam ao público, que já é obrigado a despender uma quantia muito elevada para assistir a teatro no Brasil. Não basta ter uma ou duas atrações numa companhia, senão o resultado é o que se verificou com a companhia de revistas de Cunha Filho, que contratou, apenas, o ator Milton Ribeiro, que figurou no principal papel do filme «O Cangaceiro», vivendo a figura do capitão Galdino, e o ex-jogador de «foot-ball» Waldemar de Brito, que se especializou na interpretação da música popular portenha, relaxando na escolha dos outros elementos, onde sòmente aparecia como figura digna de qualidades o cômico Antônio Spina. A própria Joana D'Arc, a esta hora, deve estar amargando um grande fracasso, por não saber organizar também a sua companhia. São os artistas que melhoram o texto de uma peça quando esta não tem qualidades, mas se não conta com êstes artistas, o resultado é o fracasso... Se desejam assistir a uma revista, com montagens grandiosas e apreciar um conjunto de artistas de merecido valor, podem ir ao Teatro Recreio, porque se darão por recompensados. «É Fogo na Jaca» é um espetáculo para os olhos e para os ouvidos, pois tem um escore musical razoável. Também a revista não é nada do que se dizia, sendo empregados adjetivos exagerados, mas que de maneira nenhuma a mesma faz jus...

AVENTURA NA MALAIA

claramente. Antes porém, nem reparara na mesma e, provàvelmente, esta me teria passado despercebida.

— Preparem-se — comandou o pilôto.

A equipe de lançamento das provisões formou um semicírculo irregular diante da abertura do avião, cada homem protegido contra um provável acidente por sua «cauda de macaco», um cinto de couro que o prendia a um dispositivo nas paredes do eroplano. Um caixote, munido de pára-quedas e contendo um carregamento de peixe que, durante o vôo, proporciona um cheiro enjoativo, foi colocado gentilmente sôbre uma tábua de lançamento, na abertura lateral do avião.

O pilôto efetuou um mergulho suave de poucos graus e, quando o aeroplano endireitou o vôo, o comandante badalou um pequeno sino por três vêzes. Três rapazes que, alguns meses antes, talvez nem soubessem onde ficava situada a Malaia, vieram para os lados da tábua de lançamento, preparando-se para incliná-la. O sino tornou a badalar. Os três rapazes suspenderam a extremidade da tábua e, um segundo depois, o caixote descia mansamente para a clareira, prêso a um pára-quedas azul, tocando o solo exatamente no centro da clareira.

Foram precisos vinte e cinco minutos para lançar em pára-quedas doze grandes caixotes pesando 3.850 libras e o suor empapava a fronte dos componentes da equipe, quando o avião sobrevoou mais uma vez a clareira. Ficou positivado que sòmente um dos caixotes não caíra exatamente no alvo.

Êsse desenvolvimento na técnica do transporte aéreo de suprimentos, representa indubitàvelmente um fator de grande valia para a dispersão dos guerrilheiros da Malaia. Ao lado dêste, existe ainda um elemento de não menos importância: o general Sir Gerald Templer.

Pouco depois de retornar dessa missão, eu me encontrava numa plantação de borracha, a poucas milhas de Kuala Lumpur, quando o helicóptero do general apareceu e o vento que suas hélices produziam levantava em tôrno nuvens de pó numa extensão de algumas dezenas de metros.

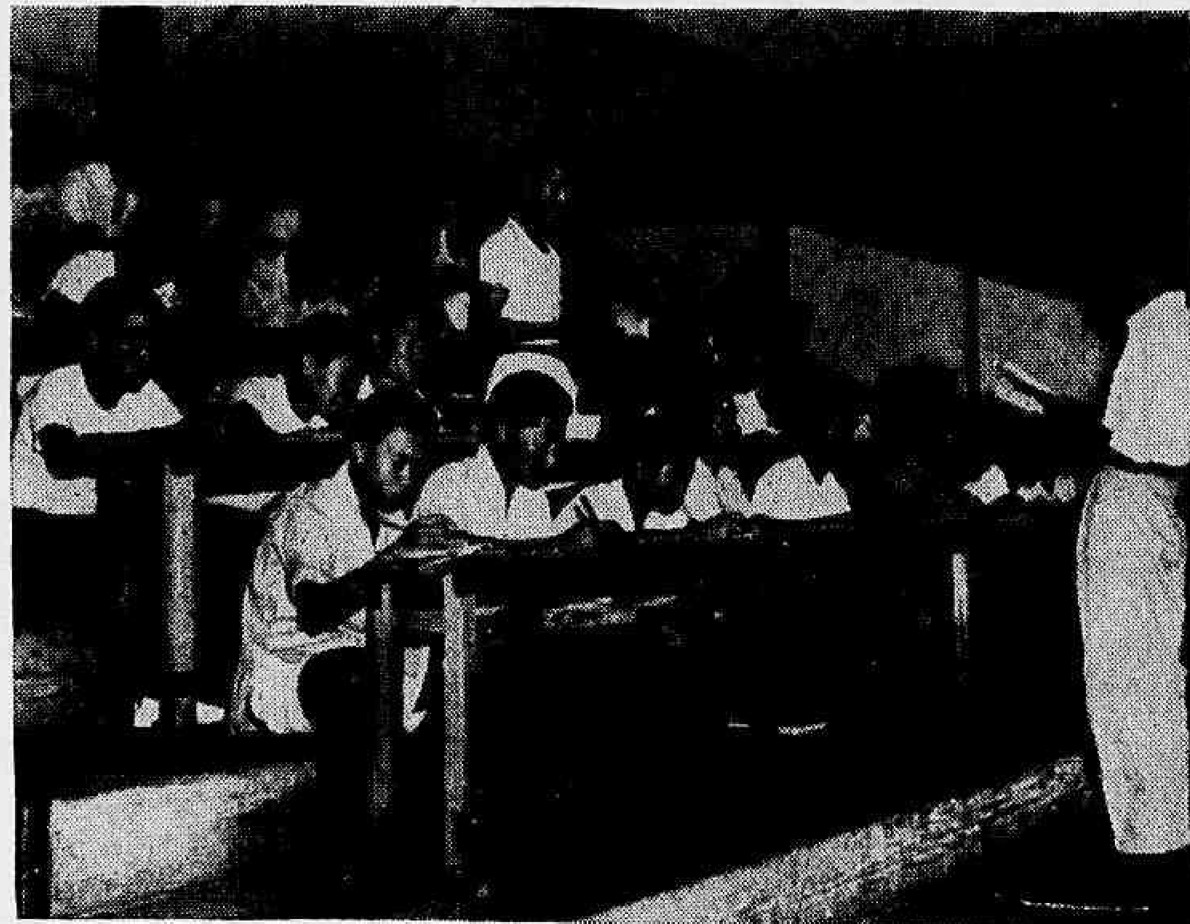
— Isso — disse um seringueiro que se encontrava ao meu lado — é típico do homem:

«Levantador de pó da Malaia». O apelido bem, que se aplica ao incansável Alto Comissário da Federação, um homem de boa estatura e rosto fino. Não é particularmente fácil levantar o pó naquela terra pesada úmida e incrustada na selva mas, por mais de um ano, o general tem efetuado um trabalho admirável, com resultados excelentes.

Não é comum na Comunidade Britânica, que um homem dotado de vontade poderosa e língua áspera e meio desbocada, enviado para reparar uma situação desastrosa, consiga a popularidade e a confiança que o general Templer granjeou na Malaia. Quando ali chegou, reinava um verdadeiro caos, mas agora a terrível crise já foi grandemente sanada.

As histórias de Templer tornaram-se parte da vida e da história malaias.

— Como transcorreu a sua visita à Municipalidade esta manhã, senhor? — inquiriu um oficial numa recepção, depois que Sir Gerald concluiu uma de suas pequenas inspeções.



A arquibancada do jóquei de Taiping, transformada em aula no Centro de Recuperação, quando se dava aulas de matemática.

— Não creio que êles tenham gostado — respondeu, naquela voz fina, carregada de acento que é uma verdadeira mistura de australiano e de inglês da B.B.C. — Eu lhes dei a entender que eram uma cambada de parasitas.

Dizer que o general Templer é grosseiro, significa obsequiá-lo com um conceito que já se tornou mais ou menos geral. Tôdas as comunidades da Malaia, inclusive as britânicas, estão sob o guante e a rudeza do general.

A um certo colono que apresentou como excusa a carência de dinheiro pelo fato de não haver restabelecido linhas de «coolies», em certa região, o Alto Comissário censurou da seguinte forma:

— Não me venha com desculpas. O senhor ganhou bastante dinheiro no passado. Mesmo que agora não esteja obtendo bons lucros, pode utilizar um pouco daquele.

A permanência do general no aeroporto foi breve. Pouco depois, o helicóptero levantou vôo novamente... levantando mais poeira.

●

A Federação Malaia tem sido objeto de estudos por parte das autoridades da Comunidade de Nações Britânicas, estudos êsses que se tornaram mais acurados nos últimos anos, em vista da constante ameaça de infiltração comunista.

A Federação foi contemplada no Plano Colombo de cooperação técnica, cuja duração se estende até 30-6-57. Compõe-se o mesmo de uma constante assistência ao desenvolvimento da Ásia Meridional e compreende um total de 8 milhões de libras, a ser aplicado em diversos setores daquela região. Como parte do plano, foram oferecidos os serviços de 80 técnicos britânicos e criou-se um curso de especialização para 658 pessoas, provenientes das diversas possessões britânicas da Ásia Meridional. Na Federação Malaia foram designados 27 setores, que passaram a funcionar como centros de treinamento.

Entre as inúmeras realizações verificadas nos últimos anos, citam-se, no ramo da indústria, a construção em andamento de uma fábrica de cimento em Batu Arang, Estado de Selangor. Sua produção anual é estimada em 100.000 toneladas. Foi terminada recentemente uma outra fábrica, de sabão, em Kuala Lumpur, com uma produção calculada em 15 a 20.000 toneladas.

Em todos os Estados da Federação existem diversas espécies de cursos educacionais para todos os habitantes. Com a aceitação que vêm tendo, espera-se que haja um constante incremento na diminuição no grau de analfabetismo em tôda a Malaia.

No setor político e militar, o Govêrno do Reino Unido resolveu pedir ao Parlamento que votasse uma lei proporcionando os fundos necessários para atender ao custo da fabricação do equipamento indispensável à organização de mais seis batalhões do regimento malaio, três batalhões do regimento da Federação, equipados com carros blindados, e um esquadrão de sinalização, além de um outro de engenheiros militares. Esta verba, que tem caráter especial, atinge a mais de 7 milhões de libras.

Com a reestruturação e aprimoramento de suas fôrças regulares, a Federação Malaia estará em condições de fazer frente aos problemas internos de combate aos guerrilheiros, protegendo os habitantes das regiões mais retiradas e garantindo o seu trabalho pacífico e esforçado.

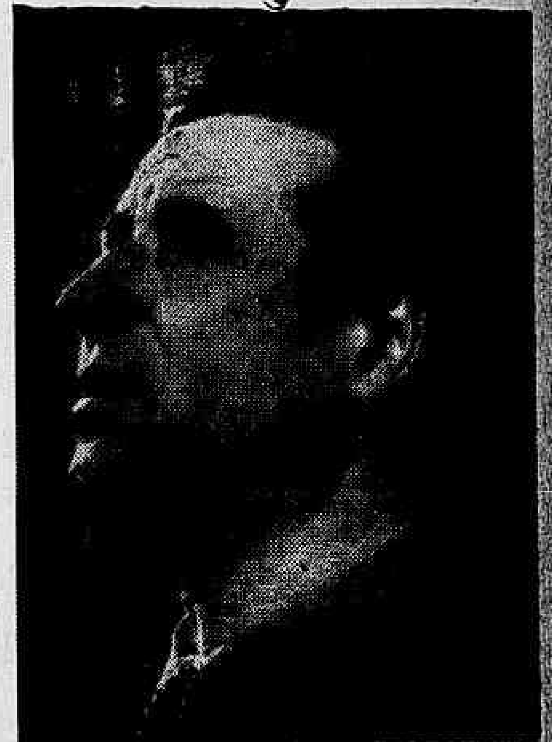


O Alto Comissário, general Sir Gerald Temples (à direita), durante uma visita ao Centro de Recuperação da Malásia.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

UM DIRETOR QUE HONRA O CINEMA FRANCÊS



Christian Jacque, dono de uma das mais gloriosas carreiras artísticas do cinema gaulês.

HÁ no cinema francês um nome que em pouco tempo se tornou numa das glórias da sétima arte: Christian Jacque. O realizador de «A Favorita do Barba Azul» nasceu em Paris no dia 4 de setembro de 1906, tendo seu pai, que era metalúrgico, escolhido a carreira de arquiteto para seu filho, matriculando-o na Escola de Belas Artes, além de fazê-lo tirar também os cursos de Artes e Ofícios. Christian Jacque, que é um dos realizadores mais prolíficos do cinema francês, tendo dirigido nada menos de 99 películas, possuindo muito pouco dinheiro para os seus gastos de juventude, decidiu melhorar sua situação financeira, desenhando cartazes de publicidade para cinema da Fox, da First National, etc. Êste primeiro contato com o cinema, fêz com que se tornasse decorador cinematográfico, estreando no celulóide de André Roussel, «Una Java». Em seguida André Hugon contratou-o para cenógrafo dos seus filmes «Le Marchand de Sable» e «La Femme et Le Rossignol». Trabalhou logo após com Julien Duvivier nos filmes «Maman Colibri» e «Ste Thérèse de Lisieux». Mas Christian Jacque não se contentou em ficar sòmente nestas funções, bem como em outras dentro do estúdio, principalmente como assistente de direção, enquanto fora trabalhava como redator-chefe da revista «Cinegraf», onde ficou neste cargo desde 1927 até 1930.

● Mas o que interessava a Christian Jacque era a direção, e na sombra de Julien Duvivier e André Hugon, inicia-se como fotógrafo de efeitos fotográficos, recebendo, finalmente, em 1929, um convite de André Hugon para dirigir um «short» intitulado «Bidon D'Or», filme cômico com argumento absurdo e explorando o «boudeville», realizando em seguida «Un Boeuf Sur La Langue», «Le Père Lampion», «Compartiment Pour Dames Seules», «La Famille Pont Biquet» e «On Ne Roule Pas Antoinett», películas curtas que contribuíram para o lançamento de vários atores cômicos, como Tramel, que apareceu nos dois primeiros, Armand Bernard no terceiro, e o gordo Pauley nos três últimos. Mesmo fazendo sucesso neste gênero, Christian Jacque se vê atraído pelo drama, dirigindo três celulóides curtos, ou sejam, «La Montre», «Atroce Monace» e «Vilaine Histoire», entre 1931 e 1932. Dirige depois uma comédia musical com Mistinguett, «Rigolboche», e dois dramas de longa metragem: «Monsieur Personne», com Jules Berry, e «Sous La Griffe». Volta, novamente, a dirigir comédias, apresentando «La Maison D'en Face», «A Venise Une Nuit» e «Voyage d'agrément». Em 1933 volta a dirigir uma série de filmes cômicos curtos, apresentando como ator principal Fernandel, realizando «Un de La Légion», «Josette», onde Fernandel figura ao lado de sua filha, «Francisco Ier» e «Rafael Le Tatoué», período êste que foi até 1937.

● Foi em 1937, logo depois de dirigir juntamente com Sacha Guitry, «Les Perles de la Couronne», que mudou o rumo de sua carreira. Foi no filme «Les Disparus de St. Agil», baseado na obra de Pierre Very, com Von Strohein, sendo muito elogiado pela crítica. Após êste grande filme, Christian Jacque dirige outro sucesso artístico: «Les Pirates Du Rail». Vem depois «Le Gran Élan», 1938; «L'Enfer Des Anges», 1939; e L'Assassinat Du Père Noel», 1941, baseado na obra de Pierre Very, que obteve um grande êxito. Em seguida apresenta as suas mais belas realizações, como «Premier Bal», 1941; «La Symphonie Fantastique», 1942, uma homenagem ao compositor Berlioz; «Viagem Sem Esperança» (Voyage Sans Espoir), 1943; «Carmen», com Viviane Romance e Jean Marais; «Sortilégios» (Sortilèges), 1944; «Boule de Suif», 1945, que realizou logo ao terminar a ocupação alemã; e «Un Revenant», 1946, com Louis Jouvet. Em 1947 vai para a Itália e realiza «La Chartreuse de Parme», inspirada na obra de Sthendal. Em 1948, dirige na Suíça «D'Homme à Homme», retratando a vida do fundador da Cruz Vermelha, com Jean Louis Barrault. Vai em 1949 à Suécia para rodar «Singoalla», com Viveca Lindfors e Michel Auclair, película que teve três versões: francesa, inglêsa e sueca. Realiza «Souvenirs Perdus» em 1950, rodando depois «A Favorita do Barba Azul» (Barbe Bleue), em gevacolor, na Austria. Em 1951, dirige «Fanfan La Tulipe», com Gerard Philipe, para dirigir depois «Essas Mulheres . . .», com Martine Carol, Danielle Darrieux, Edwige Feuillere, Renée Faure, Antonella Lualdi e Daniel Gelin, sendo seu último filme «Lucrécia Bórgia». Christian Jacque foi casado com Simone Renant e Renée Faure, sendo atualmente espôso da atriz Martine Carol. É cavalheiro da Legião de Honra desde 1949.

UM CONGRESSO CONTRA JANOT...

Meteorologistas de renome mundial falam sôbre chuvas artificiais

Reportagem de EUGÊNIO LYRA FILHO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

MUITA GENTE CONHECE CHUVAS ARTIFICIAIS. E A FORMAÇÃO DE NUVENS? O CONGRESSO DA ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL NÃO QUIS DEBATER O PROBLEMA. ASSUNTO DE CORREDORES E DE GRUPOS. O DELEGADO NORTE-AMERICANO. AS OPINIÕES DE UM TÉCNICO BRASILEIRO.

O sr. Janot Pacheco, quando se propôs a fazer chover, sabia que ia lutar contra São Pedro. Mas São Pedro tem bom coração, havia de ter pena da Reprêsa de Ribeirão das Lajes —tão sequinha! — e acabaria atendendo o engenheiro... O que o sr. Janot não suspeitava é que teria de lutar, também, contra mil outros inimigos — dentre êles os técnicos do Serviço de Meteorologia...

Êsses ilustres técnicos se reuniram, há dias, no Hotel Glória, para um Congresso Mundial. Houve representantes de 20 países e territórios, e de organismos técnicos da ONU. Sob o rótulo de «Primeira Reunião da Associação Regional III», da Organização Meteorológica Mundial, com uma perfeita organização (inclusive serviço de tradução simultânea, em quatro línguas), reuniram-se durante vários dias, debateram cêrca de 70 proposições de grande interêsse, falaram de chuvas artificiais nos corredores... mas fugiram de declarações à imprensa ou de debates oficiais sôbre o assunto.

Havia, naturalmente, um certo escrúpulo, principalmente da parte dos delegados estrangeiros, em atacar o sr. Janot Pacheco. Mas, condenando — quase unânimemente — os métodos do engenheiro, acabaram, alguns dêles, por condenar, implicitamente, o nosso «manda-chuva» que, a despeito de tudo, continua na ordem do dia...

Mr. Ralph L. Higgs é norte-americano. Dá seu concurso brilhante ao Serviço de Meteorologia dos Estados Unidos e, com freqüência, vai ao exterior, representar seu país em conclaves internacionais. Corpulento, vermelho, sorridente, fugiu sistemàticamente da reportagem. Não disse a ninguém que falava castelhano, fingiu não entender o português e quando o repórter, «armado» com a ajuda gentil de um intérprete, submeteu-o a um interrogatório, fêz côro com seu colega Ernesto Tabio, ex-chefe do Serviço de Meteorologia de Cuba e atual representante da I.C.A.O. (organismo da O.N.U. para assuntos relativos à aviação civil), reafirmando o seu completo desconhecimento da questão.

— Lamento nada poder dizer. Na verdade, não tenho o menor conhecimento sôbre experiências para precipitação de chuvas artificiais. É assunto que foge inteiramente ao setor da meteorologia a que me tenho dedicado.

E foi só. Mr. Higgs não disse que setor da meteorologia merecia a sua maior atenção. Tampouco soube informar se em seu país existem, como se propala, emprêsas organizadas para provocação de chuvas artificiais. Não sabia nada — mas soube cumprimentar gentilmente o repórter e fazer pose para o fotógrafo. O que sempre foi alguma coisa.

O Uruguai mandou ao Congresso de Meteorologia que se reuniu no Hotel Glória, dois representantes: Yolando Modnoni e Orfílio B. Rodriguez, ambos do Serviço de Meteorologia de Montevidéu. Abordado pela reportagem, o sr. Rodriguez recusou deixar-se fotografar, mas foi explícito e, em frases pausadas, expôs seu ponto de vista:

— Meu conhecimento do assunto é relativo e deriva apenas de curiosidade científica. Porque em meu país, o Uruguai, não existe o problema da falta de chuvas. Tenho lido vários documentos, entretanto, que indicam terem sido feitas, nos Estados Unidos, experiências com resultados um tanto satisfatórios. O assunto é de grande interêsse para os países que possuem regiões áridas, mas, segundo o que tenho lido, a precipitação de chuvas artificiais só é possível em situações atmosféricas favoráveis, com a existência de nuvens com alta condensação de vapor dágua. Por outro lado, as chuvas obtidas, têm atingido, sempre, perímetros pequenos — o que reduz a eficiência da sua utilização prática.

Ao contrário de muitos de seus colegas, o sr. Orfílio B. Rodriguez não se furtou a uma opinião franca sôbre o dr. Janot Pacheco:

— Segundo o que tem sido divulgado, o método do sr. Janot Pacheco em parte é científico, em parte é, digamos assim, «aventuroso». Na verdade, êle julga que se pode formar as nuvens, enquanto que, até agora, os cientistas não têm podido conseguir isso em grande escala. Tudo, pois, depende de que o sr. Janot tenha, realmente, uma teoria nova e, nesse caso, seria útil a todos se êle a trouxesse a público, para um debate científico.

Mr. G. Allorent é magro, elegante, afável e usa óculos de aros grossos. Dentre os 50 delegados e representantes ao Congresso de Meteorologia, é o único que se confessa autoridade em chuvas artificiais (embo-



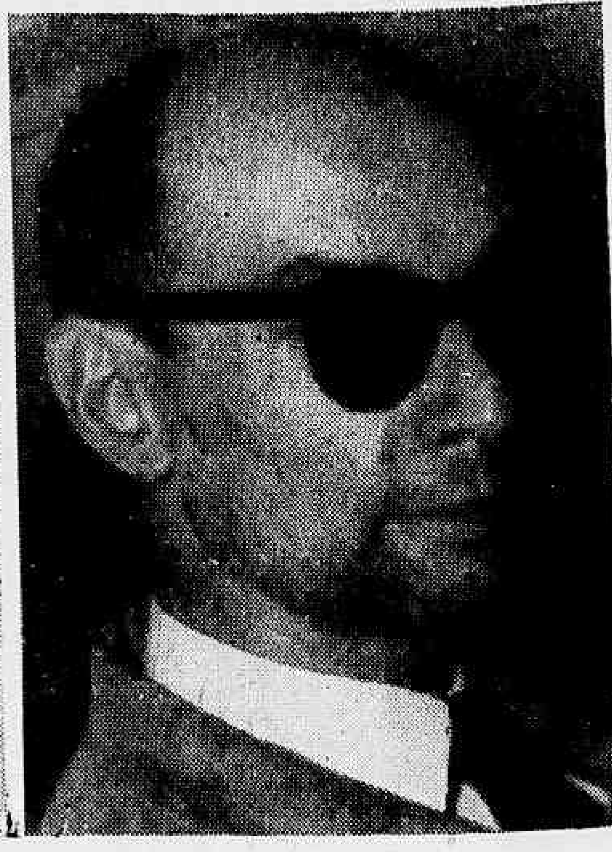
Com sua fala pausada o sr. Goldbrunner, representante da Venezuela, observou: «Chuvas artificiais constituem assunto antigo. Há seis anos, já se faziam experiências dêste tipo na Venezuela!»



O doutor José Carlos Junqueira Schmidt foi o Secretário Geral do Congresso. Já fêz experiências para a Light e, quanto a Janot Pacheco, é positivo: «Sem nuvens, não pode haver chuva».



Êste é o sorridente Mr. Ralph L. Higgs, representante dos Estados Unidos. Tôda gente afirma que, na América do Norte, a chuva artificial já é indústria, mas Mr. Higgs nada sabe a êsse respeito...



Mr. Allorent representou, no Congresso, a África Ocidental Francesa. O Govêrno de seu país abriu um crédito de 5 milhões de francos, para suas experiências na África, sôbre chuvas artificiais.



Mr. Paul de Martin de Viviès sorri e explica: «Sim, já consegui fazer chover. Mas havia nuvens, condição indispensável, e mesmo assim as chuvas caíram de maneira muito irregular e em área restrita».

ra a declaração imodesta seja do repórter, não dêle). Mr. Allorent declarou:

— Realmente, já foi aberto um crédito de aproximadamente 5 milhões de francos franceses, pelo Govêrno da França, para que sejam realizadas, sob minha orientação, experiências de precipitação de chuvas artificiais, no Norte da África. Minha experiência do assunto, entretanto, se restringe ao campo teórico. E os experimentos se farão mais sob o aspecto científico, do que com objetivos práticos imediatos. Isto porque o campo de observações é, ainda, pouco explorado, exigindo a precipitação de chuvas artificiais, pelo bombardeio das nuvens com gêlo sêco, estudos prévios demorados e condições meteorológicas muito propícias.

Enquanto Mr. Allorent declarava o seu maior conhecimento teórico, apontava, ao mesmo tempo, seu colega P. de Martin de Viviès (Mr. Allorent representou a África Ocidental Francesa, enquanto Mr. De Viviès integrou a delegação do Govêrno Francês) como conhecedor do assunto no terreno prático. Mr. De Viviès, menos reservado que seu compatriota, fêz declarações mais amplas ao repórter:

— Já realizei algumas experiências, com relativo sucesso. O processo empregado é o que vem demonstrando maior eficiência em muitos países: o «bombardeio» das nuvens com neve carbônica (gêlo artificial) e iodeto de prata. As exigências, entretanto, são muitas e as possibilidades de êxito bem relativas: em primeiro lugar, é indispensável que haja nuvens. Vêm depois outros detalhes indispensáveis: a região que tenha alguma umidade, que as condições meteorológicas estejam propícias, que o lançamento do gêlo seja feito com precisão. Mesmo assim nem sempre os resultados correspondem: às vêzes, não se consegue mais que uma chuva fina, enquanto que, em outras, desaba verdadeiro aguaceiro. E tem havido casos, mesmo, da tentativa de fazer chover, resultar em chuva de granizo...

A delegação da Venezuela, ao Congresso de Meteorologia, foi constituída por dois ilustres membros de sua Embaixada no Rio, o sr. Paredes e o sr. Goldbrunner. Antônio W. Goldbrunner, apontado por alguns funcionários do Congresso como entendido em chuvas artificiais, foi claro em suas declarações:

— A provocação de chuvas artificiais não é assunto novo, como pode parecer a alguns. Na Venezuela, há seis anos, já se faziam experiências nesse sentido — embora elas permaneçam, até hoje (como, de resto, em quase todo o mundo) no terreno experimental. Numa área até de um quilômetro, é possível fazer chover, desde que haja condições atmosféricas favoráveis. Mas — e isto é importante — só se houver nuvens... Sem elas, a chuva é impossível.

Chefiando, há cêrca de 20 anos, a Divisão de Meteorologia Aplicada do Serviço de Meteorologia, o dr. José Carlos Junqueira Schmidt está, automàticamente, colocado entre os «inimigos» do dr. Janot Pacheco. Êle, entretanto, desaprova a nota divulgada pelo Serviço e pondera:

— Os «manda-chuvas» constituem um fenômeno que não é peculiar ao Brasil. Em todo o mundo êles têm aparecido, reclamado o apoio das autoridades, obtido a simpatia da opinião pública e... realizado pouco — ou nada. Mas apesar de considerar a pretensão do sr. Janot Pacheco — de fazer nuvens — destituída de qualquer base científica e, portanto, inexequível, penso que a nota do Serviço de Meteorologia foi inábil, porisso que deixou o público na convicção de que estávamos contra o dr. Janot, o que não é verdade.

(Cont. na pág. 50)

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

A SUGESTÃO PELO EXEMPLO — O exemplo supera tôdas as regras. Tudo o que acontece nos aproxima de Deus ou do homem. Nada é insólito ou de difícil manejo; antes, tudo é bem conhecido, maleável. A perfeição moral consiste em se passar cada dia como se fôsse o último: sem agitações, indolência ou dissimulação. Tudo que a faculdade racional e sociável considere em desacôrdo com a razão e a sociabilidade, justo será que ela coloque em plano inferior. A sugestão inconsciente é o que mais influi sôbre a criança. O exemplo, o que mais influi sôbre o homem. É a regra que êle percebe sem o esfôrço do raciocínio. A marcha, a palavra, os gestos duma criança são uma repetição do comportamento de seus pais ou de seus preceptores.

● **A serenidade para encarar os fatos é oriunda do êxito que os nossos pais tenham conseguido na vida. A natureza do universo, por si mesma, criou o mundo e desde então, tudo nêle se passa em conseqüência de sua ação. Excepcionalmente buscamos um caminho diverso daquele palmilhado por nossos pais. É estranho que não busquemos preservar-nos de nossa própria maldade — o que depende de nós — e queiramos furtar-nos à maldade alheia, que está além do domínio. Devemos conservar a faculdade do esfôrço viva em nós, com um pequeno exercício voluntário, todos os dias. Isto é, sermos sistemàticamente heróicos em pequenos pontos desnecessários, fazendo dia a dia, ou cada dois dias, qualquer coisa, por nenhuma outra razão que a sua dificuldade, a fim de que, quando se aproxime a hora da triste necessidade, ela nos não encontre enervado e destreinado para suportar a prova. Ascetismo desta sorte é como o seguro que se paga pela casa e o bem que se possui. O prêmio em nada nos beneficia na ocasião, e talvez nunca nos traga resultados. Mas se o fogo chega, o tê-lo pago será a nossa salvação. Tal se dá com o homem que se acostumou diàriamente a hábitos de atenção concentrada, volição enérgica e sacrifício próprio em coisas desnecessárias. Êle resistirá como uma tôrre, quando tudo desaba à sua volta, e quando os seus irmãos mais frágeis são soprados como palha pelo furacão. O inferno que nós sofremos no outro mundo, como nos fala a teologia, não é pior do que o inferno que nós criamos para nós próprios neste mundo, modelando habitualmente o nosso caráter no sentido errado.**

● Se os jovens pudessem compreender como mais tarde êles se tornam meros autômatos ambulantes, olhariam melhor pela sua conduta, quando ela ainda se encontra em estado plástico. Nós tecemos nosso próprio destino, bom ou mau, que nunca se desmancha. Todo pequeno impulso de virtude ou de vício deixa a sua marca inapagável. Em estrito positivismo científico, nada do que fazemos fica perdido. Os bons exemplos têm a fôrça da fortuna. Silentemente, entre tôdas as minúcias do seu emprêgo, em tôda classe de assunto, desenvolver-se-ão dentro dos que os recebem, em uma posse que nunca se desfará. Todos deveriam conhecer esta verdade, principalmente os pais e os educadores. A ignorância desta verdade tem gerado mais desânimo e falta de ação em mancebos que se empregam em profissões árduas, do que tôdas as outras causas, em conjunto. Pais e mestres deveriam repetir:

«— Nec me pudet fateri nescire quod nesciam» (Não me envergonha confessar não saber aquilo que ignoro).

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo. À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **FLORISBELA — (Bahia)**

SONHO — Eu lecionava em um lugar diferente do qual leciono. Um dia, quando ia para a escola, passei por uma rua de casas velhas e feias, onde havia «gente preta». Lembro-me bem de um casal de negros que conversava. Olhei para êles com curiosidade. Segui a procura da casa onde deveria dar aulas, não a encontrava e nem a quem pertencia a mesma. Depois entrei em uma casa cujo piso era de barro, e as paredes pintadas de vermelho; no chão havia um pedaço de queijo quase prêto. A casa onde eu deveria ensinar era da mesma natureza que esta já descrita; nela residiam duas senhoras pretas. Eu trazia um saco sujo com capuchos de algodão e procurava fiá-lo; então uma das senhoras pediu-me para fiar enquanto eu costurasse um vestido para ela, em pagamento. Em seguida entrei em uma rua de melhor aparência. Estava um fotógrafo retratando um casal de noivos, que se achavam distantes da máquina fotográfica cêrca de uns 100 metros. Passei entre êles e a máquina, no momento exato em que se iria bater a chapa. Uma amiga minha que estava próximo gritou: Você atrapalha! Ao que lhe respondi: Se êles quiserem que me deixem passar primeiro. Recebi de presente duas melancias; quando fui chupá-las, se apresentaram tão pequenas que desisti. Dei-as a um rapaz, e as melancias no prato dêle ficaram bem grandes.

INTERPRETAÇÃO — Lecionar, ensinar significa passar o que sabemos, o que temos acumulado dentro do intelecto para os que sabem menos que nós. É o professor, o **Magister** tem uma grande responsabilidade na formação intelectual, moral e mesmo física de seus educandos ou alunos. Esta responsabilidade nos obriga, a nós professôres, a termos um cabedal vasto de conhecimentos (lecionar em lugar diferente) e de predicados morais e anímicos que façam de nós um centro de atração, no qual as crianças ou os adultos se sintam, completamente à vontade e senhores de si (casas velhas). Sem querer melindrar a raça negra, pela qual tenho verdadeira admiração e dedico incondicional simpatia, os negros ou qualquer objeto que se apresente prêto, nos sonhos, são símbolos de pouca luz espiritual e de falsidades interiores (... havia **gente preta**). Você deve manter uma acalorada discução com o seu **eu inferior** (casal negro que conversava e olhava-os com curiosidade), sôbre suas tendências e seus anseios de mulher... (procurar a casa para dar aulas). Vejo que você dá pouca importância ao seu digno labor de professôra (piso de barro) e se preocupa mais com a sua vida sentimental-afetiva (paredes pintadas de vermelho) do que com o seu mister de desbravadora de cérebros incultos. Além disso, pressinto um certo desprêzo ou falta de gôsto pelo magistério (senhoras pretas, na casa da Escola), e isto se corrobora ainda no «saco sujo» que você trazia. Você precisa modificar (fiar) seu modo de pensar, seus sentimentos com relação à sagrada profissão de professôra e dar mais valor à sua arte (costurar um vestido em paga) e ser a fiandeira das ilusões de seus pequeninos alunos (rua de melhor aparência) que tudo esperam de você. As criancinhas vêem nas professôras, quando estas têm habilidade para tal, o reflexo das suas mamães e querem encontrar, na Escola a continuação de seus próprios lares, o que é muito justo e natural (fotógrafo). Porém, quer me parecer, você não pense assim e até se distancie um pouco (100 metros de distância) desta verdade. Você me parece algo egoísta, ciumenta (... se êles quiserem, deixem-me passar primeiro...) e não se conforma com o que possui (pedaços pequenos de melancia) e vive a comparar suas posses com as das demais pessoas suas conhecidas (... e ficaram grandes no seu prato).

● **NOITE APÓS NOITE — (São Paulo)**

SONHO — Achava-me em frente à Catedral de São Paulo, quando avistei duas meninas vestidas de anjos; comecei a segui-las, depois de muito andar chegamos a uma pequena casa; neste ínterim as meninas se sumiram e apareceram dois lindos rapazes. A casa estava situada numa praça, em frente ao mar, cheio de pedras e tendo atrás uma imensa floresta. Um dos moços bateu na porta; pouco depois apareceu uma moça que nos fêz entrar. Perto da porta vi uma cabeça de onça que me deixou muito preocupada. Nessa mesma tarde resolvemos tomar banho de mar. Em frente à casa postou-se a onça, impedindo-nos de sair da água, obrigando-nos a ficar a noite tôda no mar. Pela manhã, enquanto ela dormia consegui apanhar uma espingarda que um dos moços havia deixado na praia e matei a onça. Ela, então, começou a se transformar em um moço. Uma das moças chorando disse: Êle é meu marido. Depois voltamos para casa. Fui ver a cabeça da onça, já não mais a encontrando.

INTERPRETAÇÃO — Em você existem duas personalidades opostas e díspares — a menina ingênua e a moça que procura, com verdadeira curiosidade, desvendar os mistérios da natureza humana (meninas vestidas de anjos que se transformaram em rapazes). Não obstante o lado bom e puro de sua natureza (casa em frente do mar) é mais forte (pedras) que a débil contestura de seus pensamentos (imensa floresta), onde o sexo entra como um fator poderoso e insinuante (floresta). Você tem um certo receio de não resistir à tentação (Um dos rapazes bateu na porta) e deixar-se levar pelos encantos e prazeres (lindos rapazes) da vida (moça que abriu a porta). Você sabe que dentre os amigos e conhecidos (moças e rapazes) há alguns que poderão desviá-la (cabeça de onça), pelos maus exemplos que dão. Porém seu **Eu superior** — a natureza ingênua — está vigilante (banho no mar), impedindo-a de praticar atos impensados (matar a onça). Você deve estar sempre alerta e não consentir que o instinto predomine em sua alma e não venha, mais tarde, prejudicá-la (onça que se transformou em rapaz). Vejo claramente em sua mente o complexo de maternidade perturbando-a (mar, banho de mar).

● **I. DE A. — (Niterói)**

SONHO — Sonhei que estava na aula de História do Brasil e, em uma carteira ao meu lado estava sentado o mocinho que amo. Êle apanhou minha caneta que se achava em cima de minha carteira. Olhando muito para êle notei que êle queria dizer alguma coisa. Depois de alguns minutos apanhei, na sua carteira, um caderno encapado de papel rosa, abri-o na última página e nela escrevi o seu nome. No intervalo da aula, êle me comunicou que iria ao Edifício Ararigbóia e eu, sem coragem de responder-lhe, pensei pedir-lhe que me esperasse na saída, porque eu também iria ao dentista que fica em frente, mas senti acanhamento e nada lhe disse.

INTERPRETAÇÃO — Para comprovar que o sonho nada mais é que a vida cotidiana refletida no **espelho** do subconsciente, aí está o seu sonho. Você mistura o estudo — a sua atual atribuição — com a vida afetiva, que já desponta com a natural seqüência de prazeres (na carteira ao lado estava o moço que amo) e de desassossêgo (notei que êle queria me dizer alguma coisa). Em uma menina-moça, como **você**, é comum o retraimento (senti-me sem coragem), que a deixa insatisfeita e a contragosto por não ter liberdade (pensei em lhe dizer...) de expandir o amor que mora em seu coraçãozinho... Entretanto diz o bom senso e a prática da vida, que você deve deixar adormecer os arroubos de sua alma enamorada, em favor de seus estudos, senão você não satisfará, plenamente, nem a um, **nem** a outro...

O REGRESSO

DIANTE do gesto tresloucado e impiedoso da espôsa, de fugir com o tenente, noivo da vizinha ao lado, Bonifácio resolveu agir. Abandonaria o emprêgo de vinte anos, o apartamento em construção, o sítio em Terezópolis, tudo!... Ela endiabrada por um caminho, êle livre, firme e feliz por outro. Impressão segura de que dentro de poucos anos, tôda aquela vida de correrias loucas, torturante de ciúmes, injustiças administrativas, doenças das filhas, falta dágua, prestações, tudo aquilo seria gostosamente soterrado pelo tempo, e, passaria a viver no seu pensamento, como um pesadelo, um terremotó que passou. E para que não desmoronasse aquela resolução tão confortadora, após três dias de sofrimentos, trancou a porta do quarto e começou a arrumar a velha mala. Nem diria às filhas para onde iam. Não pela Zulmirinha que contava apenas doze anos. O problema seria a Zuleica, sempre irredutível, disposta a discutir com êle, defendendo a mãe. A hipótese de ir primeiro procurar casa e voltar então para levar as filhas, parecel-lhe impraticável. Enquanto dobrava os ternos, arrumava a roupa branca na mala e embrulhava pequenos objetos que lhe suscitavam vivas recordações do passado, Bonifácio via diante de si, como no fundo de um quadro, com imensa saudade: as ruas vermelhas de S. José de Rio Prêto, a estação lá em baixo, as escadarias para subir, a cadeia pública, diante da qual, parara tantas vêzes na infância para ver os presos de cabeças raspadas, o velho cinema Fenix, tilintando a enorme campainha aos domingos para as matinées, a casa de negócio do Muzegante, cheirando a couro de arreios, a igreja em construção, o rinque de patinação...

— Uf! — fêz êle, acrescentando em seguida:

— Regressar! Regressar, Bonifácio! Vinte e cinco anos depois! — aproximou o rosto do espelho do guarda-roupas, analisou a testa rugada, os cabelos brancos nas têmporas, os olhos pisados e disse baixinho, a si mesmo: — Reage, infeliz! Reage!... — ajoelhou-se sôbre a mala e apertava as correias. Entrementes ouviu uma discussão lá dentro. Provàvelmente entre Zuleiça e a empregada. E Zulmirinha batia na porta assustada. Ergueu-se rápido e apareceu na sala, bufando. A filha estava com uma vassoura na mão, pálida, os cabelos em desalinho. Num segundo compreendeu tudo. Grande prazer em solucionar violentamente aquêle primeiro obstáculo. Encarou a empregada. Esta parecia disposta a desculpar-se.

— Está vendo, pai? Ameaçou-me! Pensava que o senhor não estivesse em casa. — explicou Zuleica. A preta fêz gestos de quem ia falar. Bonifácio interrompeu-a:

— Hau! Hau! Hau! — avançou alguns passos. A preta recuou, resmungando algo...

— Hau! Hau! — latiu Bonifácio. A empregada correu e fechou-se no quarto do quintal e começou a chorar lá dentro. Que quando dona Zizinha chegasse, iria dizer tudo a ela. Bonifácio empunhou um martelo e batia na porta com incrível violência.

— Não, papaizinho, não! — choramingava Zulmirinha, assustadíssima, abraçando-lhe as pernas. Houve um curto silêncio. Daí a instantes, a preta abriu a porta. Deu de cara com êle, o martelo na mão. Passou medrosa, esgueirando-se pelo muro, para o portãozinho dos fundos. Parou lá e voltou indecisa. Dez anos trabalhara naquela casa. E agora sair assim... Mas nada pôde dizer. Bonifácio investiu contra ela, furioso, até vê-la desaparecer no corredor dos fundos:

— Hau! Hau! Hau! Hau! — latia e corria, até sentir as pernas prêsas pelo abraço desesperado da filha menor. Lá muito distante a preta velha olhou para trás:

— Cruzes! Que danação deu naquela casa! A mulher desaparecida e o homem louco, a latir feito cão: Hau! Hau! Hau! Dá mêdo e dó na gente! Cruzes! — fêz o sinal da cruz.

Bonifácio voltou. Zuleica arrumava os pratos na mesa. Êle parou ofegante no meio da sala, os braços pendentes com desânimo. Encarou a filha. O relógio cantarolava rouco, sete pancadas. Bonifácio relanceou demorado olhar pela mesa. Depois, num ímpeto, segurou o prato, talheres, copo, que Zuleica insistia em colocar no lugar da mãe, atirou tudo barulhentamente ao fundo do quintal. Sem dizer palavra, voltou para o quarto. Zulmira veio espiar o que êle estava fazendo, e, nas pontinhas dos pés veio cochichar à irmã:

— Arrumando outra mala! Com a nossa roupa, Zuzu! Com a nossa roupa! — três vêzes repetiu a cena, indo e vindo a correr.

— Pai! O jantar está na mesa, pai! — gritou Zuleica, a voz triste.

Bonifácio não respondeu. Rasgava cartas, recibos velhos, retratos... vacilou um instante, rasgando em seguida, o de casamento. Outro retrato da mulher com a filha ao colo. Mais outro. Deu-lhe uma fúria e rasgava tudo. Ergueu-se e desviou o rosto pálido para o guarda-vestidos. Vontade de rasgar tudo que pertencia à Zizinha. Entretanto, para fazer aquilo, precisaria fechar a porta. Resoluto fechou-a. Escancarou a porta do guarda-vestidos e investiu contra o primeiro. Záas! Um prazer estranho e imenso em fazer aquilo. Contou os outros. Concluiu, com certa dúvida, que a tresloucada teria fugido com a roupa do corpo. Num instante fêz um bôlo de farrapos no canto do quarto. E os cabides vasios davam-lhe confortadora sensação de rompimento definitivo e total. Não levaria a mínima recordação dela. Ao regressar, quando passasse pela fronteira, por último, sem as filhas verem, tiraria a aliança, na escuridão dos trilhos de Cruzeiro. E vislumbrava, num futuro que lhe parecia próximo, a vida dêle lá em Rio Prêto. De viúvo. Diria estar viúvo. Fina saudade transfixou-lhe o coração, daqueles bons tempos. Da vida noturna. Dos cafés, dos bares, dos cabarés. Livre! Finalmente livre!... Uf! Que saudade da Paquita! Da Zazá! Da Maria Baiana! Onde estariam aquelas coitadinhas?! Teria muitas amantes! Como viva reminiscência do passado, pediria a elas que o chamassem de «Boni»... Meu querido Boni! Como você está maltratado, Bonizinho!...

Zulmirinha batia com fôrça na porta:

— Papaizinho! Abra a porta, papaizinho! Venha ver...

Bonifácio ergueu-se da cama onde estava recostado, as mãos à nuca. Vozes desconhecidas barulhavam lá dentro. E Zuleica chorava. Abriu a porta. Dois homens seguravam a maca de hospital e queriam entrar. Bonifácio deu-lhes passagem. A espôsa com a cabeça branca enrolada em ataduras:

— Sofri um desastre, Bonifácio! Na praça Tiradentes! — gemia, as mãos no rosto.

— Mas como, Zizinha! Mas como? Há três dias sem dar notícias? Que azar! — pôs as mãos na cabeça. Os enfermeiros colocaram a paciente no leito. Explicaram que estava no Pronto Socorro e que sòmente naquela tarde havia saído do coma.

— Fora de perigo, doutor? Fora de perigo? Diga-me! — pedia Zuleica, segurando o braço do médico. Depois, sentou-se na beira do leito e abraçou a mãe:

— Querida mãezinha! Como eu tenho sofrido!... — soluçava baixinho.

O médico e os enfermeiros foram deixando o quarto. Bonifácio acompanhou-os até a porta da rua. Regressou aflito. Parou na porta do quarto. As filhas soluçavam abraçadas à mãe. Fechou a porta do guarda-roupas. Não sabendo que fazer, sentou-se sôbre a mala. Mas a espôsa não afastava os olhos lacrimejantes dêle:

— Pénsou também que eu tivesse morrido, Bonifácio? — perguntou, melancòlicamente.

Balançou a cabeça, que sim, sem olhar para ela.

Houve um longo silêncio. Zizinha demorou triste olhar aquêle bôlo de papéis, retratos e vestidos rasgados no canto do quarto. E as lágrimas corriam. Bonifácio levantou-se e explicava teatralmente:

— Rasguei tudo Zizinha! Fiquei sem rumo! Desorientado! Torturado! — sentou novamente e cobriu o rosto com as mãos.

Daí a instantes, Zuleica disse baixinho para êle:

— Nem jantou hoje, mãezinha. Não viu o prato dêle emborcado na cabeceira da mesa?

E a empregada, Bonifácio? — perguntou Zizinha.

— Mandei embora! Tornou-se intolerável, com aquela mania de voltar, de regressar para Rio Prêto. Mandei embora, definitivamente!

Conto de O. GOMES DE CASTRO **Ilustração de RENATO DE SOUZA**



UM AUTOR:

MAXIMIANO AUGUSTO GONÇALVES



● O PROFESSOR Maximiano Augusto Gonçalves é um estudioso das línguas, enfileirando-se entre os maiores mestres brasileiros do português. Sobretudo, os que caracteriza sua obra é um espírito novo e renovador, num campo que primou sempre pelo conservantismo, supostamente classicista, em prejuízo do saber, uma vez que a língua evolui, aperfeiçoa-se, acompanha o movimento da civilização e da cultura, não lhe sendo possível, nem aos seus mestres, deter o seu curso. A única atitude compatível com o ensino da linguagem é a dinâmica. Como seria possível a um mestre deter-se, por amor ao clássico, abandonando o que o progresso, a técnica têm trazido para a linguagem? O professor Maximiano Gonçalves reconhece êsses deveres do professor e procura modernizar-se, preferindo atualizar-se a perecer — que tal é o destino de quantos, por falso preconceito classicista, continuam invulneráveis à evolução da língua e às suas cada vez mais pronunciadas diferenciações com o português de Portugal.

Sua recente obra, de real importância para a atualização de nosso aprendizado, «Questões de Linguagem», bem demonstra o alcance, a seriedade, a modernidade dêsse jovem mestre que sabe viver na sua época e concilia o saber clássico, as tradições históricas, nossas heranças maiores, com essa imposição do tempo a que não é possível escapar, com a evolução permanente da linguagem, instrumento de comunicação sempre em marcha, e não simples brinquedo de recreação para gramáticos.

Neste livro, onde a cada página nos surgem problemas e soluções de todos os dias, onde a linguagem chamada erudita não se separa de sua irmã simamesa, a corrente, vemos perfeitamente esclarecidas numerosas dúvidas, principalmente abordados casos diários que sucedem a quantos se servem da língua, tanto para a criação literária, como para o trato comum. «Questões de Linguagem» é obra portanto que reconhecemos indispensável, facho de luz sôbre as intrincadas questões de gramática, de vocabulário, como órgão de consulta para as dúvidas que as várias e contraditórias reformas de ortografia têm criado, mesmo entre os que mais habitualmente são obrigados ao manejo correto da língua escrita.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● MINHAS FIGURAS (nº 1 e 3, «No Zoo» e «A Fazenda») — Constituem mais uma série de Edições Melhoramentos, para a criançada armar e divertir-se, enquanto desenvolve a paciência, a habilidade e o bom-gôsto.

● A EROSÃO (vol. 18 da série Criação e Lavoura) — Também nas Edições Melhoramentos, da lavra de A. B. Primavesi, aparece êste útil estudo. Conservar o solo é uma das preocupações do homem moderno — especialmente do agricultor. Mas a terra que, aos poucos, vai sendo devorada, representa incalculável ameaça. É a apavorante erosão, que exige combate enérgico, imediato, ininterrupto. As páginas dêste livro, «Erosão», colaboram eficientemente nesse combate.

● AFORISMOS PARA A SABEDORIA NA VIDA — «Para a nossa felicidade na vida, aquilo que **somos**, isto é, a nossa personalidade, é o fator primordial e básico, já por ser constante e operar em tôdas as circunstâncias, já porque, não estando sujeita ao destino, como os bens considerados sob os dois outros títulos **(aquilo que se tem; aquilo que se representa)**, não nos pode ser arrebatada». Linhas que se encontram na obra de Artur Schopenhauer, «Aforismos Para a Sabedoria na Vida», em bela tradução e prefácio de Genésio de Almeida Moura, do Instituto Brasileiro de Filosofia. A esta altura do tempo, não cabe criticar Schopenhauer. O fato é que êste notável livro, (Edições Melhoramentos) em cuidado volume, constitui obra indispensável.

● POEMAS DA FOME — Jorge Jaime publica êste livro de poemas, de sentido social e que, com o epígrafe de «Poemas da Fome», traz o subtítulo «A Voz de Deus». Moderno de técnica, com o sentimento da realidade social de nosso tempo, o poeta merece ser lido, tantas vêzes consegue atingir a emoção.

● TRÊS CANTOS DO INFERNO — Dão-nos os Cadernos de Cultura êstes «Três Cantos do Inferno», de Dante, em bela tradução de Dante Milano. O poeta brasileiro fêz desta versão um trabalho merecedor de louvores e nos deu a obra do Alighieri, embora em fragmento, de maneira esplêndida.

UM LIVRO:

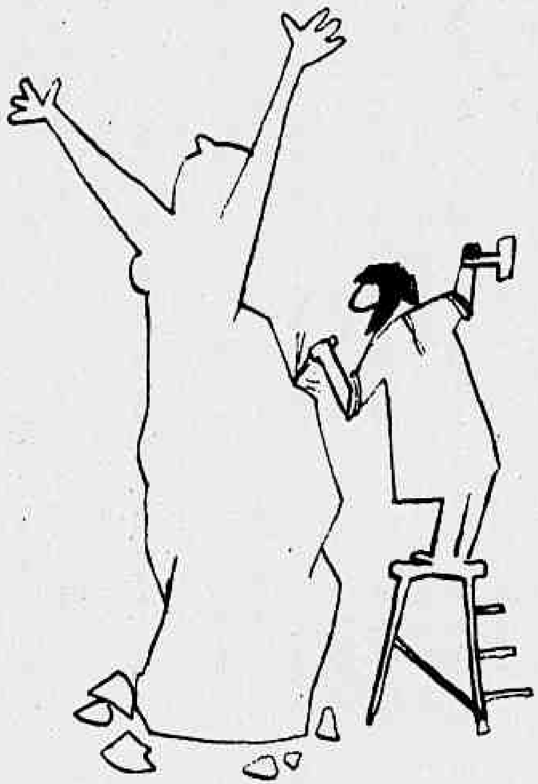
O ESPÍRITO DE ANTÔNIO CARLOS

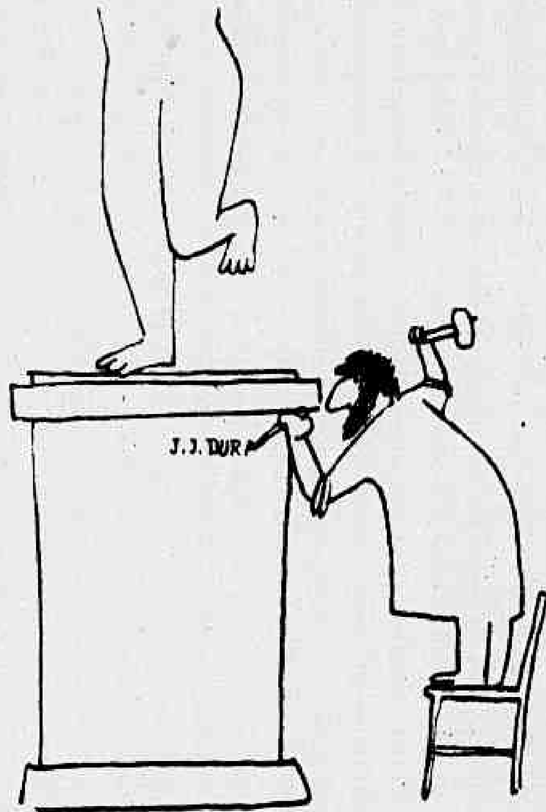
● O ESCRITOR Moacy Andrade pronunciou na Academia Mineira de Letras, repetindo-a em seguida em Juiz de Fora, uma conferência sôbre «O Espírito de Antônio Carlos», obra agora aparecida em volume, editada nas Edições Mantiqueira. O assunto não poderia ser mais interessante, nem de maior valia e documentação, pois Moacyr Andrade, jornalista militante em Belo Horizonte, pôde juntar ao seu ensaio muitos depoimentos pessoais e as achêgas da crônica oral do grande Andrada contemporâneo. Sua obra tornou-se assim perfeitamente indicada para a tiragem que agora apresenta a editôra mineira, volume que muito servirá ao futuro historiador para o exame de uma das figuras mais luminosas e sedutoras do cenário político do Brasil. O tempo ainda não permitiu que se fizesse justiça a êsse pró-homem de nosso tempo, de tanta importância nos acontecimentos dos últimos vinte anos e que sobretudo interessa pelo contraste entre sua personalidade, seu espírito, sua conduta e o meio em que se movimentou, o tacanho ambiente político de que participou, entre coronéis e analfabetos, êle que era uma inteligência de elite, um civilizado, cujo vulto poderia assomar com galhardia no Parlamento inglês. Sempre que nos voltamos para o Andrada mineiro, como agora, lendo estas páginas de Moacyr Andrade, surpreendemo-nos com tal contradição e êle ainda mais se impõe ao nosso aprêço, por ter sabido, em tempo, sobrepor-se a êsse meio, ligando-nos a obra redentora de seu govêrno em Minas e o movimento da Aliança Liberal, do qual surgiu o Brasil novo, embora ainda com resíduos de caciquismo, porém sabendo escolher, capaz de orientar-se nos rumos traçados por êsse descendente do Patriarca que tão bem soube honrar seus ancestrais.

● A vida política de Antônio Carlos, como bem acentuou Moacyr Andrade, pode parecer contraditória, às vêzes, oferecendo uma falsa idéia do que êle realmente foi, por sua conduta antes e depois do govêrno de Minas. Antes, sua conformação, sua solidariedade com o reacionarismo, com o coronelato, depois com o voto secreto, o liberalismo e a revolução. Entretanto, bem examinados os fatos, veremos que êsse habilíssimo político objetivava apenas conquistar o poder, a fim de, então, poder exercer seu espírito, sua vocação liberal e salvar o Brasil de uma política que nos degradava, o que não poderia fazer senão quando na posse de um pôsto de comando. Vimos que êsse ágil esgrimista que abriu seu caminho nos entreveros mais arriscados, uma vez no poder mostrou-se o reformador até à revolução, defendendo o liberalismo até ao sacrifício.

Com um depoimento pessoal no caso de Antônio Carlos, queremos relembrar aqui um episódio de seu govêrno. Foi quando o então tenente Cabanas, revolucionário recém-saído da «Coluna da Morte», resolveu fazer uma conferência em Minas, exatamente em Juiz de Fora. Como o revolucionário houvesse pertencido às fileiras e entrasse então em conflito com as fôrças armadas, pelo que dissera no seu livro, sôbre a «Coluna», o comandante da Região, sediada em Juiz de Fora, resolveu proibir a conferência. O delegado de polícia de Juiz de Fora, Salles Oliveira, telegrafou ao presidente Antônio Carlos, informando-o de que o Exército não permitiria que Cabanas falasse em Juiz de Fora. Pouco depois, o delegado recebia ordens de garantir a palavra de Cabanas. Certo do que iria acontecer, a autoridade procurou o comandante da Região, ao qual expôs o que se passava, respondendo-lhe o general que Cabanas não falaria na cidade, pois iria ordenar a ocupação militar, naquele momento. Outro telegrama para o Presidente e outra ordem do govêrno mineiro: Cabanas falaria, garantido pelo govêrno, a qualquer preço. O desfecho dêsse memorável episódio é conhecido: Cabanas falou em Juiz de Fora, porque Antônio Carlos, embora membro do govêrno que o conferencista possivelmente atacaria, se portou com tal firmeza que o general resolveu alterar os seus planos, certo de que o grande liberal não permitiria que em seu Estado, sob seu govêrno, houvesse o mínimo de desrespeito à liberdade, garantindo a palavra de um adversário.

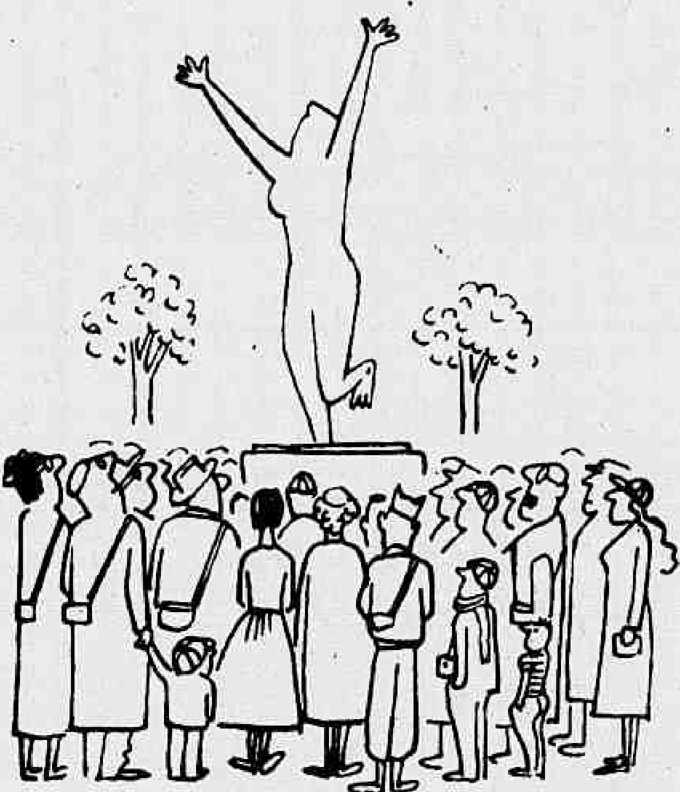
Lembramos êste episódio, para juntar a quantos Moacyr Andrade aqui enfileirou e que bem marcam o destino glorioso do eminente político brasileiro, talvez a figura de maior relêvo dêste meio século em nossa história política.

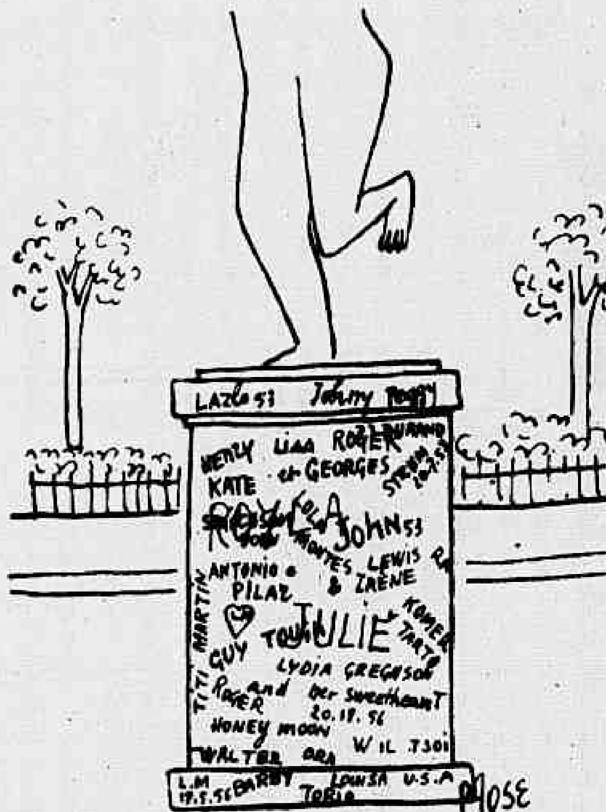


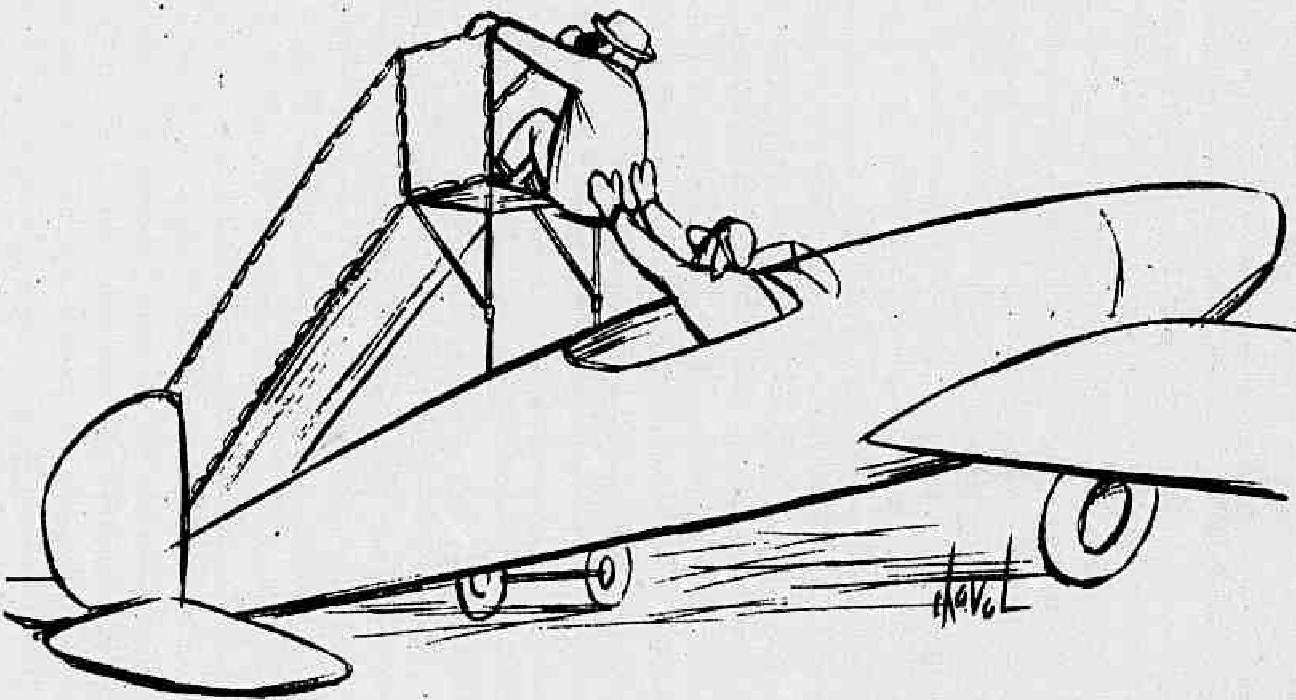


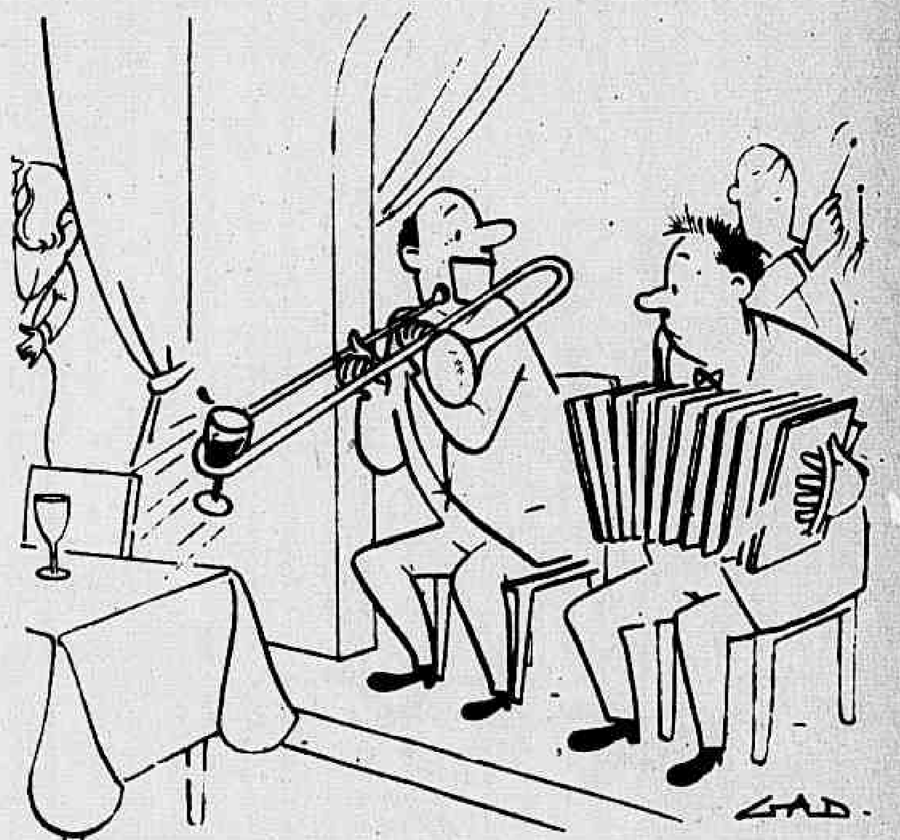


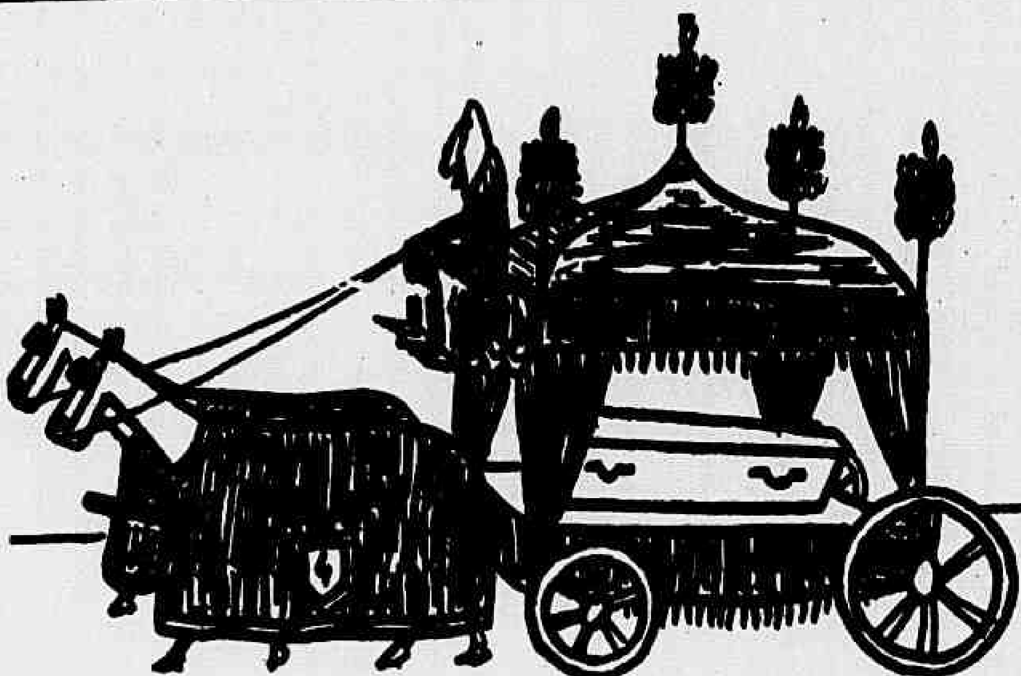
O RISO DOS OUTROS















NOVE PEQUENAS

EDUARDO desconsertou. Naturalmente cruzou a perna direita sôbre a esquerda, depois a esquerda sôbre a direita, depois segurou o joelho direito com as mãos entrelaçadas e balançando a perna com um ar superior perguntou:

— E . . . vais só?

— Não, numa viagem organizada.

— Sim, sim, naturalmente (e com um sorriso benevolente) vai, meu velho, vai! Enfim a viagem organizada também tem suas vantagens. Vocês serão muitos?

— Não muitos (respondi ràpidamente. Na verdade Hervê estivera bastante ocupado antes da caxumba). Creio que seremos uns doze, quatro rapazes e oito pequenas.

— São Miguel! (gritou Eduardo tornando-se de repente jovial). Sim, senhor (berrou alegremente dando-me um amigável, mas um tanto violento, tapa nas costas como se faz a um noivo que vai partir em viagem de núpcias).

Depois retomando a antiga posição, segurando o joelho, ficou sério e perguntou compenetrado:

— Sabes exatamente o que precisas levar, penso eu . . .?

— Para falar a verdade ainda nem pensei nisso mas . . .

E lhe estendi a minha página de agenda.

— Tolice, tolice. Não é possível . . . tu sabes para onde vais e deves saber calcular tudo. Um país de selvagens, estás ouvindo? Onde não se encontra o que se quer, absolutamente nada, n-a-d-a, pensa bem. Organiza uma lista de tudo o que te será necessário durante o tempo que estiveres lá! Ou então, vais ter de recorrer a uns e outros pedindo emprestadas as meias a êste, pasta de dentes àquele, ou então . . .

— Não (gritei eu dando um salto), isto não!

E eu que tinha pensado imitar Luís Renato! Mal Eduardo virou as costas me pus a trabalhar. E pela noite a dentro, sob a luz do «abat-jour» minhas páginas de notas foram aumentando. Eu ponderava, pesava vantagens e desvantagens de levar isto ou deixar aquilo; seria melhor levar a nova camisa esporte e deixar a branca? Ou levaria duas toalhas de banho em vez do roupão? E fazia listas e mais listas pela ordem de pêso, de volume . . .

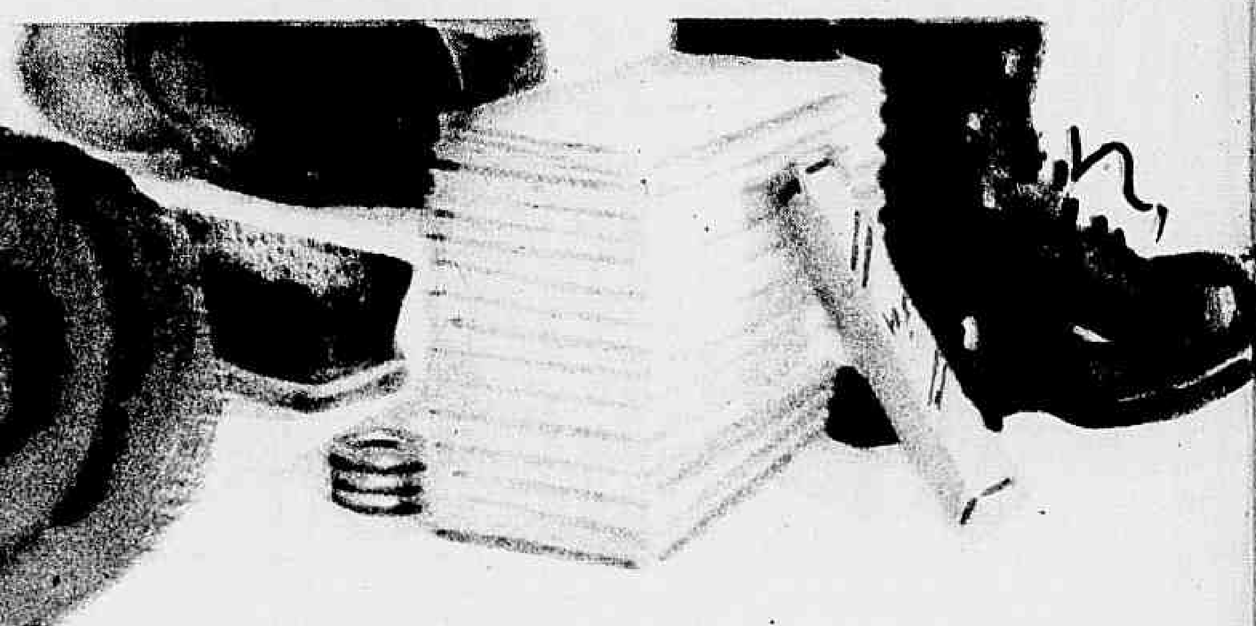
E novamente me lembrei dos pioneiros da aventura . . . Talvez fazendo listas e mais listas, como eu, sob a luz de um «abat-jour» como o meu, a testa molhada de suor também como estava a minha — analisando, pesando, ponderando, pois o mínimo esquecimento significaria talvez o sacrifício de muitas vidas . . . E me senti seu irmão de raça e cada novo obstáculo me encontrava disposto a vencê-lo. Chegando ao ponto da lista em que se lia «cartas de jogar» minha satisfação não tinha limites — maravilhoso — ter lembrado de levar um baralho! E um livro de canções! Meu Deus, que sensação, cantarmos todos em côro, revelando aos estrangeiros tôda a doçura das velhas canções francesas. E resolvi recorrer a tudo para conseguir que meu irmão me emprestasse seu livro de velhas canções. Pílulas contra enjôo no mar. Excelente idéia esta de lembrar as pílulas. Sim, sòmente eu ou meus confrades Scott, Byrd, Victor ou Herzog! E acaso não era eu o explorador de um dia? Por que não? E naquela hora mesma inventei uma frase que seria o meu «slogan», minha divisa: «Explorar é prevenir».

★

No dia seguinte Bertrand veio saber das minhas novidades. Êle vinha sobretudo me explicar que não estava de férias e como os indivíduos verdadeiramente

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel que tinha por hábito passar as férias visitando terras distantes, certa vez, tentado pelos cartazes coloridos de uma agência de turismo, resolveu ir à Iugoslávia. A notícia é recebida sob protestos por sua mãe que, não obstante, começa imediatamente a colhêr informações sôbre a situação política, climatérica e geográfica do lugar. E as peripécias e os apuros de Michel começam aí quando os amigos resolvem colaborar, indicando o que convém ou não levar, fornecendo dados alarmantes e disparatados sôbre a terra a ser visitada.



PARA UM RAPAZ

Por MICHAEL DUCHEMIN
Tradução de SÍLVIA JAMEIRO



geniais, superiores já se vê, sentem um prazer enorme em explorar a própria cidade onde moram. Depois disto tudo explanado, com detalhes, pude enfim pronunciar com certo ar de prestígio:

— Eu vou para a Dalmácia (pronunciava o nome com orgulho).

E entregando-lhe a lista fui dizendo:

— Como podes ver é uma viagem preparada com carinho.

— Sim, sim estou vendo que te lembraste de quase tudo mas resta saber (disse Bertrand confiando uma barba imaginária): tu não vais levar uma harmônica? Mas uma harmônica seria algo assim tão necessário numa viagem à Iugoslávia?

— De qualquer modo (respondi) não adiantaria pois eu não sei tocar harmônica. . .

— É pena, é pena . . . mas que idéia de viajar em grupo quando nem ao menos sabes tocar harmônica! Enfim, te lembraste da mina para lapiseira, mas não vais levar uma lapiseira de reserva? Tu um arquiteto . . . se perdes a lapiseira como te arranjas? É como o aparelho de barbear, imagine se perdemos o aparelho de barbear!

— Mas, meu caro se pensarmos assim . . . posso também perder a minha carteira de notas . . . devo pois levar uma carteira de notas de reserva?

— Bem, bem, já não digo mais nada! Mas perdão, tu raciocinas como uma almofada . . . Mas não te esqueças de que eu tenho um primo na U.N.E.S.C.O. Tenho pois alguma relação com aquêle país. Meu primo já estêve lá muitas vêzes, e eu mesmo se quisesse bastaria levantar um dedinho. Acontece apenas que não me interessa ir a uma terra onde o câmbio é proibitivo, onde se come mal e muito mais caro do que aqui. Permita-me ao menos um pequeno conselho: leva uma boa reserva de víveres, de coisas nutritivas e de pouco volume, como o chocolate, por exemplo, e leva açúcar, êles não têm açúcar lá, sabias?

Acompanhei amàvelmente Bertrand até a porta. Queria estar só. E durante tôda a noite oscilei entre levar ou não reservas de sabonete e chocolate e açúcar.

★

Se eu aceitasse todos os conselhos que me deram, a minha lista poderia dar assunto para uma volumosa enciclopédia de três tomos sòmente com a enumeração dos artigos que me seriam indispensáveis e a todo viajante que se decide a visitar a Dalmácia sob pena de, esquecendo algo, sucumbir. Contaram-me muito confidencialmente que antes de um mês tremenda guerra estouraria lá. Outros sem saber ao certo onde ficava o lugar informavam-me de particularidades referentes à Rumânia ou ao Tirol austríaco.

Outro alarmado exclamou:

— Mas, tu vais à côrte da Dalmácia? Mas se o território está comletamente minado!!!

Nestas alturas eu já havia feito verdadeiro sacrifício de vida, e como a noite vinha chegando resolvi fazer alguns preparativos concernentes aos meus assuntos pessoais. Até o momento a viagem vagava por esta região maravilhosa que se chama «projeto». Ponto geográfico ideal onde o futuro já vem ligeiro e promissor como uma apólice premiada; onde os casamentos se fazem sem aborrecimentos, e os orçamentos sempre dão para tudo. Tudo vai bem até o dia da realização. Para mim o dia fatal havia chegado — o dia da partida! E até agora minha valise estava vasia e eu ali, cabeça ôca, olhar vasio, como um urubu em vôo.

— Aí está (disse a voz de minha mãe), acho que isto te fará bem.

Voltei-me e vi mamãe de chapéu na cabeça, entrando no quarto, uma chícara fumegante na mão direita e sob o braço esquerdo um enorme rôlo branco que mais parecia um recém-nascido embrulhado num lençol. Ela pousou a chícara sôbre a mesa, espalhou vários objetos por cima dos móveis e disse:

— Pensei que voluntàriamente tomarias uma aspirina com o teu chá. Deves estar morto de cansado, pobrezinho.

Acabei de vestir-me, tomei o chá, mas recusei heròicamente a aspirina. Mamãe deixou cair o pacote dentro da valise.

— A valise!

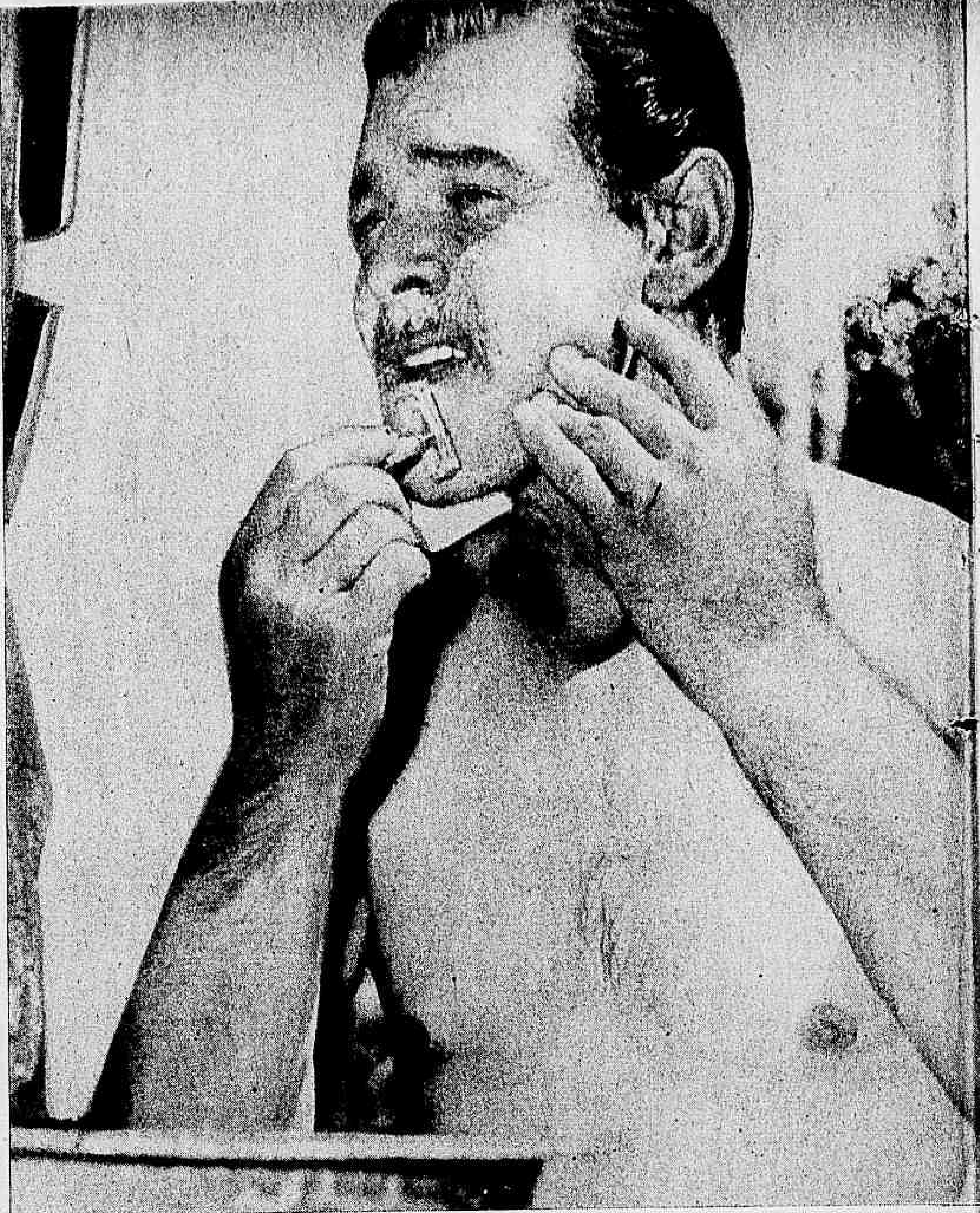
E falamos os dois ao mesmo tempo. Mamãe explicava que o pacote era de algodão hidrófilo que ela havia prometido e eu prometia que em dez minutos teria a mala perfeitamente arrumada. Com certo tato pedi a minha mãe que me deixasse só com as minhas responsabilidades e que umas vinte gramas de algodão me seriam suficientes e não um quilo. **(Cont. na página 48)**

Ilustração de RAMON





Esta foto foi batida em 1930, quando Gable ainda se iniciava na sua vitoriosa carreira cinematográfica, tendo feito o primeiro teste para filmar.



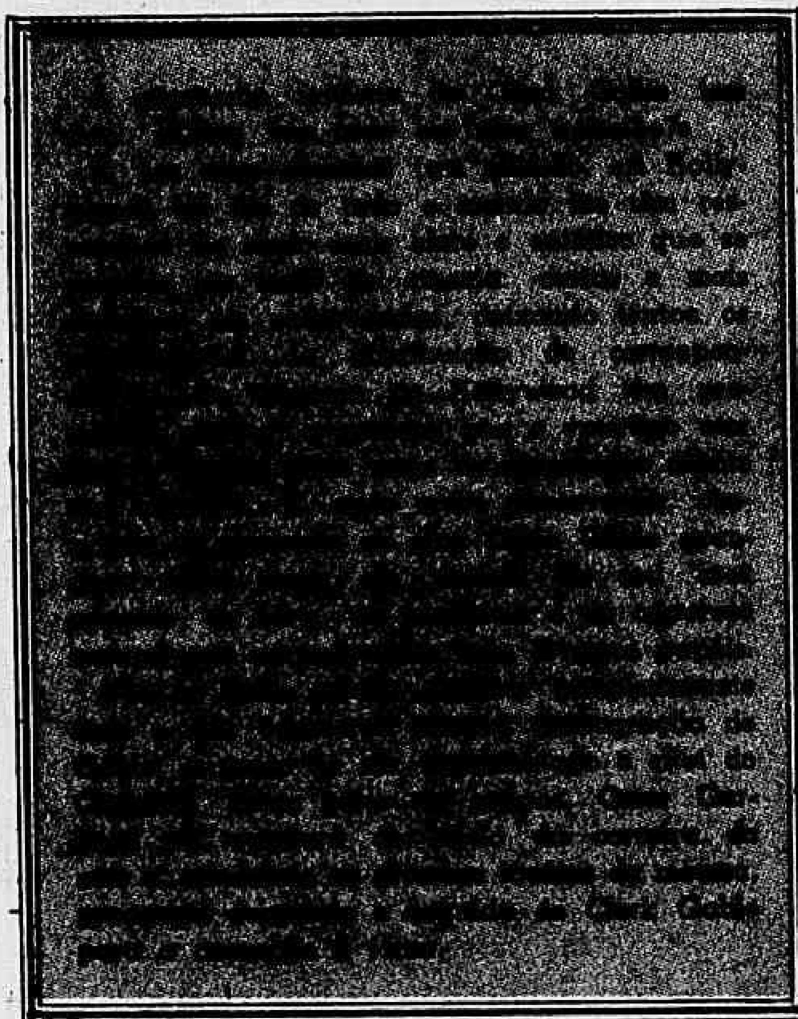
Para êle não há impecilhos: costuma barbear-se no próprio estúdio, entre uma e outra cena, desde que não seja necessário conservar a barba.

O SEGRÊDO DE CLARK GABLE

VINTE ANOS COMO ÍDOLO DA TELA ★ SORTE, O PRINCIPAL FATOR? ★ INFANCIA TRISTE E SOLITARIA ★ TRABALHANDO DESDE TENRA IDADE ★ DA CARREIRA MÉDICA À TEATRAL.

Por OMAR GARRISON — (Exclusivo da "REVISTA DA SEMANA")

CAPÍTULO I



UMA série de fotografias recentemente batidas em Paris, Roma e Veneza mostram Clark Gable, o ator que não envelhece, ao lado de uma atraente mulher, e as poses de ambos parecem indicar a existência de um romance. Ora o casal é visto numa recepção em Paris, ora num dos curiosos «night clubs» de Roma, ora ainda numa gôndola a vogar pelo Grande Canal de Veneza, local preferido pelos pares de enamorados. Os fabricantes de mexericos logo se puseram a comentar o novo «caso» de Gable, taxando a sua acompanhante de «mulher misteriosa».

No entanto, não há nada de misterioso a respeito da jovem. Ela é Suzanne Dandolle, ex-modêlo de Schiaparelli, o famoso costureiro de Paris.

O verdadeiro mistério que me proponho a esclarecer é o seguinte: qual a fonte que proporciona tanto vigor a Clark Gable, apesar da sua idade?

E, embora se afigure estranho, a pessoa mais indicada para nos orientar a respeito é o próprio Gable.

Êle atribui sua durabilidade — tanto na tela como fora da mesma — à sorte que o tem favorecido. Afirma que o prolongado sucesso que tem obtido é uma espécie de perfeito acidente, «como o caso da soprano de terceira classe que caiu do décimo andar de um hotel, no parapeito da janela do gabinete de um dentista».

Mas pode a sorte ser responsável pelo sucesso conseguido com um só filme, sucesso que se estende por anos e anos e que proporcionou enormes lucros aos produtores e exibidores de «E o Vento Levou»?

APENAS SORTE?

Pode-se chamar de acidente o fato de que um enorme grupo de mulheres de idades as mais variadas avançassem para êle em plena rua, na cidade de New Orleans, rasgando-lhe as roupas e carregando sua bagagem como uma lembrança do «astro» que adoravam?

Ou seria apenas uma ironia do destino o fato de que 1.000 representantes do sexo oposto o perseguissem em plena rua, em Baltimore, e uma delas, jovem de pequeníssima estatura, quase uma anã, se agarrasse ao pescoço do másculo ator, só o largando quando Gable entrou em um automóvel que o esperava?

Pode ser considerado de sorte um indivíduo que é alvo de manifestações como a que a população feminina de Santiago do Chile lhe proporcionou, com a invasão dos aposentos que ocupava num hotel e a fonto de fazer com que os «raids» dos universitários pareçam mera brincadeira de crianças em comparação com tamanha movimentação?

E o que dizer da coqueluche da compra de «sueters» com gola olímpica, sòmente porque o favorito de milhões trajava uma em diversas cenas do filme «A Free Soul»?

Embora seja fácil admitir que as mulheres são passíveis de se tornarem histéricas, é difícil acreditar que o mesmo tipo de maluquice pudesse fazer com que os homens dos Estados Unidos abandonassem para sempre uma das peças mais tradicionais do seu vestuário, qual seja a famosa camiseta, sòmente por-



«Susan Lennox (mesmo título em inglês) filme que reuniu o jovem ator Clark Gable e a famosa atriz sueca, a misteriosa Greta Garbo.

que um Romeu da tela se apresentou sem essa peça no filme «Aconteceu Naquela Noite».

Apesar de tudo o que se possa dizer a respeito, foi isso que os americanos fizeram.

Talvez, quando Gable se chama de Joe Sortudo, esteja pensando naquele dia de 1930, em que um rapagão alto, de olhos sonhadores e orelhas salientes, fêz um teste cinematográfico para a película «Ave do Paraíso».

SUA PRIMEIRA PROVA

Quando o diretor Irving Thalberg viu uma cópia do teste, parecia um homem prestes a espirrar.

— Creio que estaremos melhor servidos **sem Gable** — disse finalmente.

Quem sabe se o agora famoso galã não estará se reportando a uma época ainda mais remota, ao ano de 1922 quando, semi-congelado, esfomeado e sem dinheiro, saltou de um caminhão na cidade de Bend, Estado de Oregon, após percorrer as estradas que serpenteavam pelas Montanhas Rochosas desde a cidade de Butte, no Estado de Montana, onde ficara desamparado quando a pequena companhia de espetáculos que o contratara se desfez, após uma violenta tempestade.

Com um início como êsse é difícil de crer que um ator pudesse chegar ao píncaro da glória em Hollywood, assim se projetando durante vinte anos, a menos que fôsse, como Gable afirma, um Joe Sortudo.

Se a Senhora Fortuna foi a primeira dama a achar Clark Gable irresistível, ela demorou bastante em notá-lo, pois o ator conheceu péssimos períodos durante a sua vida.

Nascido em Cadiz, Estado de Ohio, William Clark Gable era filho de um operário dos campos petrolíferos. Sua mãe, uma artista dedicada à pintura, achava muito pouco tempo para tal, uma vez que as tarefas do lar lhe absorviam a maior parte do dia.

Os dois progenitores eram de ascendência holandesa, uma vigorosa linhagem à qual os amigos de Gable atribuíam a calma que demonstrava, a sempre boa disposição e a persistência de que era dotado.

FILHO ÚNICO, VIDA TRISTONHA

Quando tinha apenas um ano de idade, sua mãe faleceu e o pai enviou-o para a companhia dos avós, que moravam numa fazenda próxima a Meadville. Três anos depois, seu pai tornou a casar e o garôto voltou para a companhia do mesmo na cidade de Hopedale, em seu estado natal, a qual contava então apenas quinhentos habitantes.

O futuro ídolo da tela não tinha irmãos e levava uma vida bastante tristonha. Era um garôto desajeitado, de dentes tortos e fala arrastada; na escola, seu interêsse não era grande, e estudava apenas o suficiente para garantir a aprovação nas diversas séries.

Com o sadismo característico da época escolar, os colegas cedo notaram suas orelhas enormes e salientes, chegando a inventar uma frase jocosa a seu respeito: «Quando o pai de Clark o viu pela primeira vez, não sabia se êle iria andar ou voar.»

— Fui um grande brigão — afirma Gable com um sorriso. Gostava de brigar e sabia como defender-me. Se havia algo porém que eu detestava, era matar animais indefesos. Ia «caçar» em companhia dos amigos, mas quando alcançávamos os ninhos e as tocas da nossa caça, mantinha-me afastado, sem tomar parte na matança.

Quando Gable já contava 15 anos, seu pai tornou a mudar, levando-a para a cidade de Ravenna, 60 milhas ao norte, onde comprou uma granja.

— Ao mesmo tempo que comprou a granja, meu pai decidiu conservar o emprêgo na cidade. Isto significava que eu e a madrasta teríamos de fazer todo o serviço na nova propriedade. Assim, abandonei a escola.

Aquêle foi o serviço mais duro que já efetuei em minha vida, isto incluindo o trabalho que desenvolvi nos campos petrolíferos de Oklahoma e nos campos madeireiros do Oregon. Significava ter de levantar às quatro horas, alimentar os animais que criávamos, retirar leite das vacas, arar a terra na primavera, até que todos os músculos me doessem, e aforquilhar o feno sob o sol inclemente do mês de julho, até que o suor escorresse em catadupas pelo corpo.



Aqui, êle contracena com Mary Astor, em «Terra de Paixão» (Red Dust). Nessa ocasião, em 1932, a atriz ainda fazia papéis importantes.

EM BUSCA DA FORTUNA

Mas, como muitos adolescentes, Clark Gable tinha ambição de fazer melhor, de subir na vida. Em companhia de Andy Means, um amigo, foi para Akron, Estado de Ohio, onde arranjou emprêgo na fábrica de borracha, como mercador do ponto.

Ao mesmo tempo, passou a freqüentar as aulas noturnas da Universidade de Akron. Concluiu o curso pré-médico, pois resolvera estudar medicina.

E então veio a primeira peça a que assistiu, no teatro local.

— Foi nessa ocasião que me decidi a ser ator, abandonando a idéia de estudar medicina. Sòmente Deus sabe quantas vidas foram salvas naquela noite, quando mudei de intento, conseguindo um emprêgo como rapaz de recados no teatro.

NA PRÓXIMA SEMANA: O primeiro amor de Clark Gable e o motivo pelo qual ela recusou desposá-lo.



Com a inesquecível Carole Lombard em «Pra Que Casar?» (No Bed Of Her Own). Carole foi a sua primeira espôsa e, talvez, o seu único amor



Em «Amor de Dançarina» (Dancing Lady), Clark Gable trabalhou ao lado de Joan Crawford que, naquela época, também começava despontar.

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

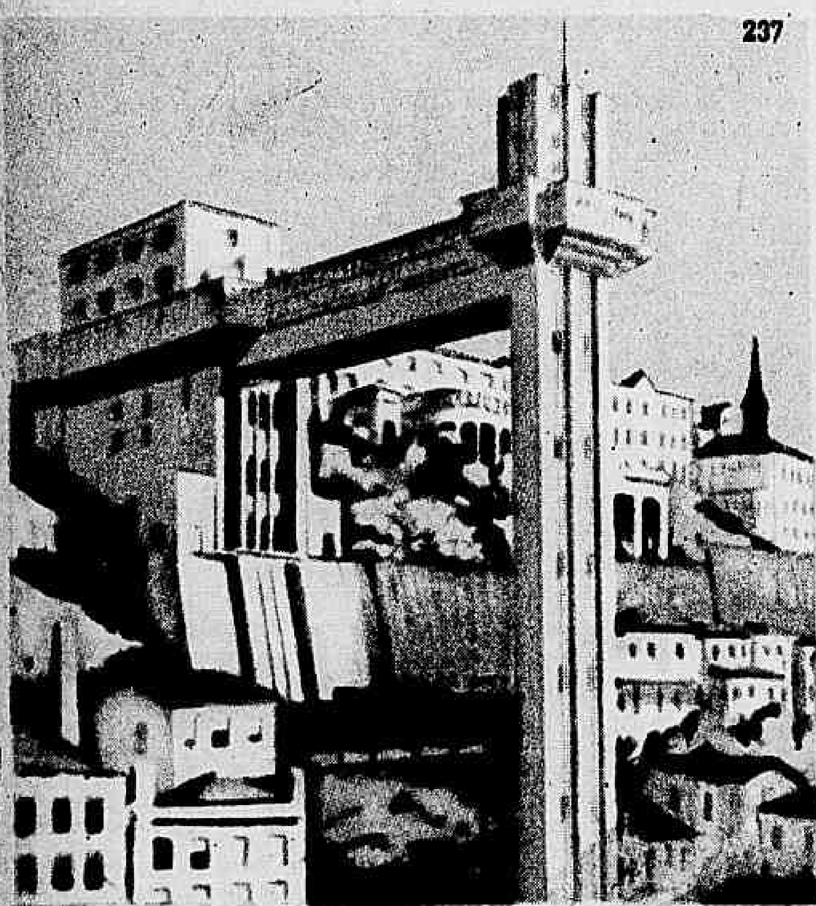
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



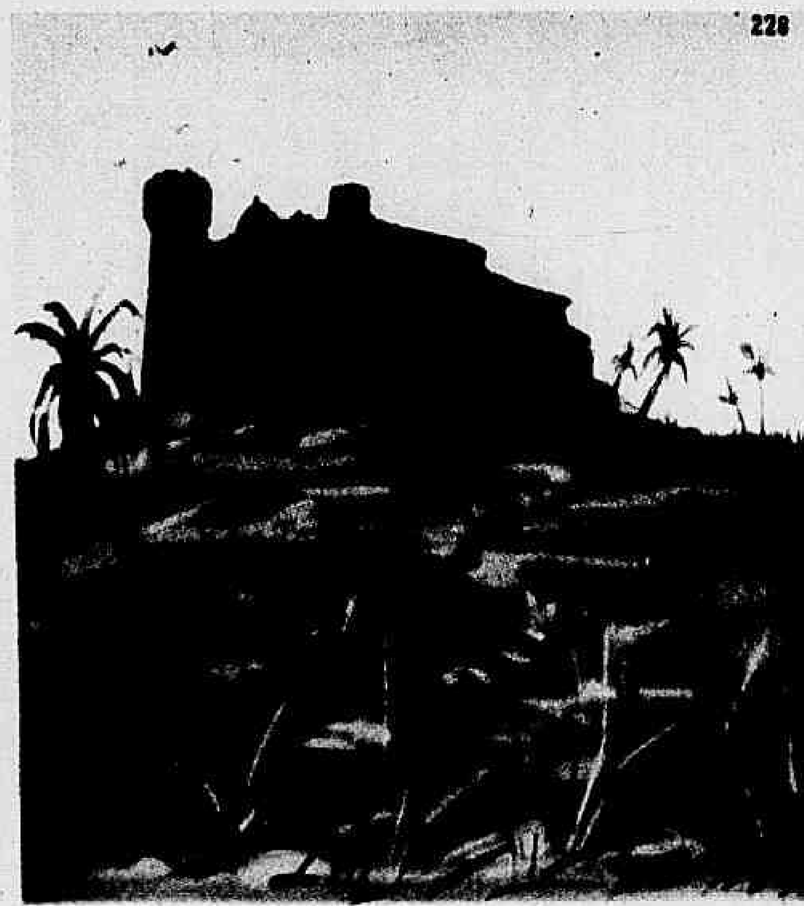
Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.













NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE

TEÓFILO OTONI

A CAPITAL DO MUCURI

Dez dias de festas ★ A Prefeitura e a Câmara Municipal organizam e cumprem vasto programa ★ A brilhante colaboração do Automóvel Clube de Teófilo Otoni ★ Três rainhas e quatro princesas ★ A Ginkana ★ Conferências ★ Recitais ★ Ballet ★ Inaugurações e baile ★ O Clube de Xadrez é um marco de progresso no Centenário ★ O desfile da Escola Técnica de Comércio fêz sucesso.

Reportagem de CLEODENOR B. DE QUEIROZ — Fotos de ALBERTO FERREIRA

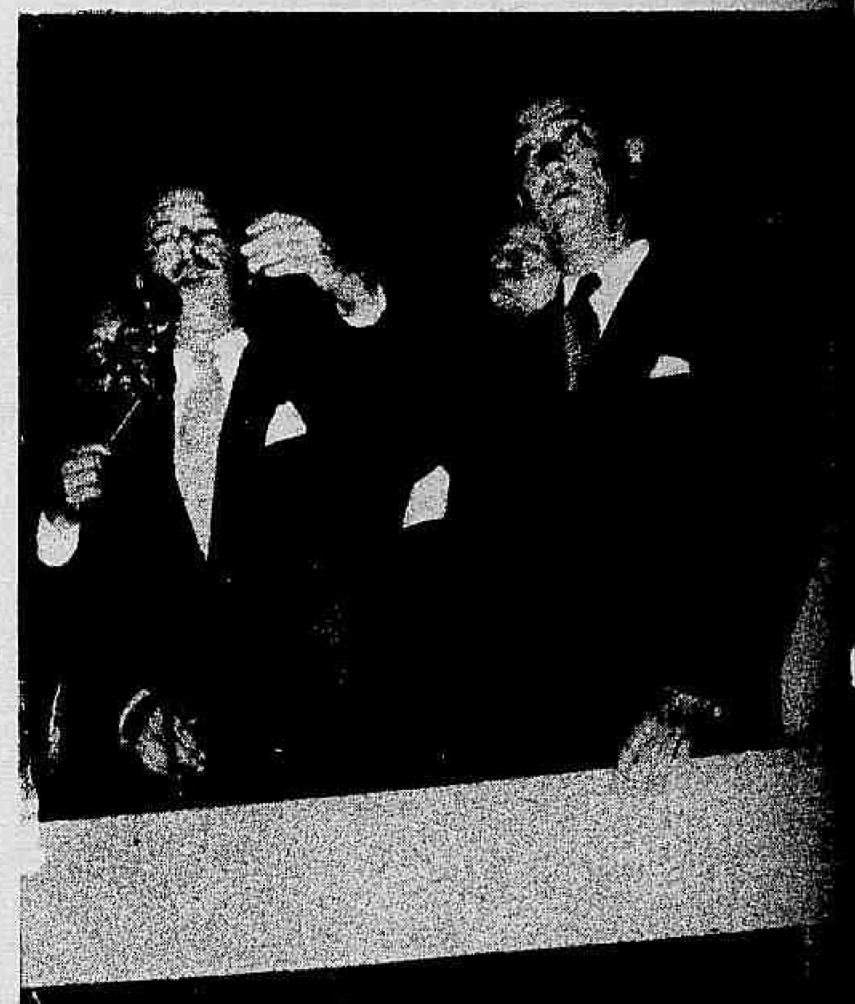
A 7 de setembro de 1853, um mineiro fabricante de civilização, com a audácia dos heróis e a perseverança dos gênios, fundava no vale do Mucuri, a povoação de Filadélfia, no coração do nordeste de Minas Gerais. E dêsse agrupamento, que se levantava a mais de sessenta léguas do mar, distando do Rio quase oitocentos quilômetros, a capacidade dos mineiros construiu a atual cidade de Teófilo Otoni, topônimo em homenagem ao seu imortal fundador. E' tão importante a posição geográfica de Teófilo Otoni, que persiste em todos os espíritos a idéia de torná-la a capital de um novo Estado, — o Estado do Mucuri. Transcorrendo agora o primeiro centenário da fundação dêsse milagre dos mineiros, tôda a sua população se reuniu para comemorar a maior data de sua história.

A Prefeitura Municipal, articulando-se num só esfôrço com sociedades prestigiosos como o Automóvel Clube de Teófilo Otoni, o Clube de Xadrez, estabelecimentos de ensino do porte da Escola Técnica de Comércio, etc., organizou um programa de festejos que se prolongaram por uma semana, desde o dia 1º até 7, quando as comemorações culminaram, da alvorada até às vinte horas, com a queima de fogos de artifício de grande efeito.

A data magna de Teófilo Otoni vem encontrar a Municipalidade em grandes empreendimentos, somando mais de quatro milhões de cruzeiros as obras realizadas e em vias de realização por parte da Prefeitura. Para mostrar o quanto se vem esforçando o atual prefeito, sr. Germano Augusto de Souza, no sentido de dotar a cidade e outros pontos do município, de inestimáveis melhoramentos, basta citar o que foi inaugurado na semana do centenário, em Teófilo Otoni: o jardim público da praça Tiradentes; ponte da rua Pe. Virgulino; exposição de produtos do Vale do Mucuri; o novo edifício do Hospital S. Vicente; poços artesianos no bairro Grão-Pará; a estátua de Teófilo Otoni; o novo serviço de luz e energia, etc. A operosidade da administração Germano Augusto de Souza ficará nos anais da administração pública do município, como paradigma de tra-



O prefeito, sr. Germano A. de Souza, tendo ao lado o vice-prefeito, no momento em que inaugurava um dos poços artesianos da cidade.



O doutor Paulo P. Chagas, biógrafo de Teófilo Benedito Otoni, quando discursava na inauguração do monumento ao fundador da cidade.



Para mostrar o crescente progresso do município, a Prefeitura inaugurou uma bela Exposição da Produção Agrícola e Industrial.



balho e probidade. Dando-se ligeiro balanço, verifica-se que a Prefeitura construiu, entre grandes e pequenas pontes, nada menos de trinta e três, somando cêrca de setecentos mil cruzeiros; no capítulo de estradas, construiu diversas, inclusive pequenas ligações para fazendas; esgotos, rêdes de abastecimento dágua, galerias, boeiros, calçamento, subvenções a institutos escolares, nosocômios, ao Tiro de Guerra 102, União Operária, Serviço Radiotelegráfico do Estado, Albergues, etc., no total de Cr$ 227.000,00; dotou a cidade com o edifício do Tiro 102, casa do instrutor e adquiriu por Cr$ 350.000,00 terreno para ampliação do Mercado Municipal; jardins públicos, praça de esporte e estádio municipal, além do mais de que precisa uma cidade moderna e progressista como é Teófilo Otoni, tudo merece atenção do prefeito, que não se limita à sede do município e vai distribuindo benefícios por todos os distritos, resolvendo os respectivos problemas, dentro de um plano exeqüível, estribado em meios legais e honestos. Graças à sua administração, pôde a comunidade da bela Teófilo Otoni, comemorar com o maior brilhantismo, a passagem do primeiro centenário da cidade.

Porta-bandeira da Escola Técnica de Comércio, na parada cívica da maior data da cidade fundada pelo imortal Teófilo B. Otoni.

A MOCIDADE DA ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO DE TEÓFILO OTONI



Banda marcial da Escola Técnica de Comércio de Teófilo Otoni, quando rompia o cortejo cívico-militar do dia 7 de setembro, quando a «Capital do Mucuri» comemorava com indescritível entusiasmo o primeiro centenário da fundação, homenageando, assim, a memória de seu fundador.



Garbosas alunas da orgulhosa Escola Técnica de Comércio da cidade de Teófilo Otoni, em impecável formação na grande parada cívica, quando passavam sob o Arco em homenagem ao bravo fundador da cidade, cuja efígie se vê, mui justamente, alçada entre bandeiras nacionais.

COMO não podia deixar de ser, a diretoria dêsse grande instituto de ensino especializado, associou-se inteiramente às festividades comemorativas da fundação da cidade de Teófilo Otoni, emprestando o maior brilho ao vasto programa estabelecido pelos poderes públicos locais e as diversas associações culturais e de classe. A Escola Técnica de Comércio é um modelar estabelecimento de ensino, fundado e dirigido pelo prof. Joaquim A. Portugal, um apaixonado pela cultura da mocidade. Seu instituto começou a funcionar em 1945 com 43 alunos sob a disciplina intelectual e pedagógica de experimentado corpo docente, com internato e externato. O prestígio de seus mestres e diretor principal, foi tão grande, que, hoje, conta com 620 estudantes, distribuídos nos seguintes cursos: Primário, Comercial Básico e Técnico de Contabilidade. Além dos estudos programados, a direção da Escola realiza, anualmente, excursões com os discentes, a Belo Horizonte, ao Espírito Santo e cidades litorâneas do sul da Bahia, sendo intenção dos diretores, ampliar cada vez mais a área dessas excursões educativas, cumprindo fielmente as finalidades do estabelecimento, — desenvolver o físico e o mental da mocidade que lhe freqüenta as aulas — contribuindo eficazmente para o progresso espiritual de Teófilo Otoni, do Estado e do país.

Assim, no último dia das festas, tôda a população, com os cinco mil forasteiros que afluíram à cidade engalanada, não poupova seus aplausos ao desfile dos garbosos alunos da ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO de Teófilo Otoni, quando marchavam na parada cívica na data do centenário da Princesa do Mucuri.

Não se pode admitir progresso social sem o lastro da cultura do espírito e do armazenamento do saber. Não basta o aspecto monumental das urbes; é indispensável que a sociedade tenha cultura intelectual. Era por isso que já Aristóteles dizia: «A diferença que há entre um sábio e um ignorante, é a mesma que existe entre um homem vivo e um cadáver.» Não há riqueza no mundo que se compre à do preparo do espírito para as lutas em prol do progresso humano. A contribuição que a ESCOLA do prof. Portugal está despejando na alma da cidade em que fincou os marcos de sua ilustração, é a dos antigos evangelizadores, que fugindo aos grandes centros populosos, iam semear de estrêlas os desertos selvagens. Assim nasceram as maiores cidades do mundo, alicerçadas na cultura do espírito, na preparação da mocidade para as conquistas honestas e equilibradas da existência. Que pode ser um homem na sociedade? Apenas aquilo que êle sabe. O prof. Joaquim A. Portugal, inspirado pelo seu patriotismo e amor ao Brasil, fundou e mantém um estabelecimento que é padrão de méritos para a pedagogia nacional, um manancial em que vão beber as luzes do saber, todos os jovens de Teófilo Otoni, na estrada certa da dignificação da pátria.

A par do elevado nível de aproveitamento intelectual dos educandos da ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO, registra-se ainda o espírito de disciplina moral de seus alunos, harmonizando-se a cultura com a educação, binômio que nem sempre anda conjugado, quando se procura prestigiar mais o físico do que o mental. Com a direção, porém, do prof. Joaquim A. Portugal, todos os problemas da cultura e da educação foram resolvidos, como se pode verificar entrando-se em contacto cotidiano com o grande e meritório estabelecimento, que tanto honra a cidade de Teófilo Otoni e seus surtos de progresso.

O AUTOMÓVEL CLUBE

É uma organização cívico-social-esportiva que honra o Estado de Minas Gerais e projeta o nome da cidade de Teófilo Otoni por todo o território nacional. Quem visita a «Princesa do Nordeste» mineiro, não esconde sua admiração pela sede e organização modelar do Automóvel Clube local. Fundado em 1931, inaugurou seu edifício próprio em novembro de 1952 com quatro pavimentos, ocupando grande área, dispondo de instalações luxuosas, que não temem paralelo com as das maiores cidades do país, incluindo capitais. Seu custo orçou em quase sete mil contos. E' o mais belo e maior centro social do nordeste do Estado, congregando o que de mais fino há na sociedade teòfilotonense. Fôrça é reconhecer, que o surto espantoso dessa associação foi devido à atuação e energia de seus dirigentes, máxime no período do biênio a terminar em 1954, sob a presidência do dr. Luís de Almeida Cruz, que tem contado com o apoio dos seus companheiros de diretoria e a solidariedade geral. O Automóvel Clube de Teófilo Otoni teve participação intensa e brilhantíssima nas festas do centenário. A partir de 29 de agôsto, até 7 de setembro, essa agremiação não descansou e promoveu uma série de diversões e solenidades, iniciando-se com um «cock-tail» à imprensa e inauguração do Restaurante do Clube. Daí por diante houve Ginkana, com valiosos prêmios; corrida Rio-Teófilo Otoni; conferências culturais, audições sinfônicas, recitais de piano, ballet, tudo se encerrando com o baile de gala, traje a rigor, na noite de sete de setembro, quando se realizou a coroação da Rainha do Centenário e das Rainhas da Primavera e do Automóvel Clube, bem como das quatro princesas.

O capítulo de eleição das Rainhas, merece registro especial. Jamais se viu tamanha ebulição eleitoral. As correntes de admiradores se formaram em tôrno das três candidatas, srtas.

S. M. Maria Ângela Machado, Rainha do Centenário, lê a «Fala do Trono», aos seus súditos, após a coroação no Automóvel Clube de Teófilo Otoni. Em baixo um flagrante de senhoritas durante o animadíssimo baile, comentando os principais acontecimentos ali desenrolados.





S. M. Glória Schaper, quando recebia do representante do Ministério da Justiça, a faixa simbólica de legítima Rainha da Primavera.

DE TEÓFILO OTONI

Maria Ângela Machado, Glória Schaper e Gilka Ottoni Pôrto. A que conquistasse o primeiro lugar seria a Rainha do Centenário; o segundo lugar daria a coroa da Rainha da Primavera, e a terceira colocada seria a Rainha do Automóvel Clube. E' impossível descrever o entusiasmo que empolgou a população da cidade até à noite de 15 de agôsto, quando, em última apuração no Automóvel Clube, sob a presidência do dr. juiz de Direito, perante enorme assistência, foi proclamado o resultado final: 1º lugar, com 783.905 votos, Maria Ângela Machado, Rainha do Centenário; 2º lugar: Glória Schaper, com 494.558 votos, Rainha da Primavera, e, em terceiro lugar, Gilka Ottoni Pôrto, Rainha do Automóvel Clube, com 443.427 votos, somando tudo, incluindo-se candidatas menos votadas e alguns votos em branco, o total de 1.733.125 cédulas, o que dá uma idéia do que foi esta competição eleitoral numa cidade de pouco mais de vinte mil habitantes. Êsse pleito jamais será esquecido entre o povo de Teófilo Otoni, e ficará para sempre nos anais da bela capital do Vale do Mucuri.

E' a seguinte a atual diretoria do Automóvel Clube de Teófilo Otoni (biênio 1952-1954):

Presidente .... Dr. Luís de Almeida Cruz
Vice-Presidente ... Olímpio Caldeira Brant
1º Secretário .... Pery Lavall
2º Secretário ..... Ernst Erich Schmidt
1º Tesoureiro ..... Edmundo Georg Marx
2º Tesoureiro ..... Serafim Ângelo Colares
Orador .... Dr. Pedro Paulo Ottoni
Bibliotecário ...... Silvio Xavier de Gouvêa

Diretores auxiliares:
Dr. Raul Gazzinelli Sobrinho
Ayl Barata Godinho
Zacarias Ramalho

A influência civilizadora do AUTOMÓVEL CLUBE de Teófilo Otoni é um penhor de glórias para a cidade e tôda aquela grande região mineira.



A Rainha do Centenário concede ao dr. Luís de Almeida Cruz, presidente do Automóvel Clube, a contra-dança de honra, em justa homenagem a quem tanto fêz pelo brilhantismo dos festejos do primeiro centenário daquela urbe. Em baixo, aspecto da sede do Automóvel Clube.



S. M. Gilka Ottoni Pôrto, recebendo das mãos do doutor. José A. Henrique, juiz municipal, a faixa simbólica de Rainha do Automóvel Clube.





No dia 5 de setembro, o Clube de Xadrez da ora centenária Teófilo Otoni, ofereceu à sociedade local um monumental baile que jamais será esquecido pelos presentes. Dançou-se a valer, reinando cordial harmonia, e onde tôdas as damas eram Rainhas de graça e beleza.

O CLUBE DE XADREZ DE TEÓFILO OTONI

EM abril de 1946, foi fundado na cidade de Teófilo Otoni, o Clube de Xadrez. Para os que não conhecem a origem dêsse jôgo de salão, sua natureza pedagógica, as sutilezas da arte e ciência de manejar as figuras no tabuleiro, pode parecer ocioso e inexpressivo um Clube de Xadrez. Mas, seria de maior utilidade, que, por intermédio do Ministério da Educação, articulado com Estados e Municipalidades do país, fôsse oficializado o curso do enxadrismo em tôdas as escolas secundárias do Brasil, criando-se campeonatos anuais com prêmios valiosos, inclusive o de visitas aos grandes centros do mundo, onde o xadrez faz parte integrante da cultura do povo. O xadrez exige, acima de tudo meditação, perspicácia, calma, técnica, estratégia, capacidade de raciocinar. Uma geração que se educasse numa teoria científica enxadrista, seria culta, perspicaz, calma, pedagògicamente perfeita.

O Clube de Xadrez de Teófilo Otoni tem diante de si o mais belo futuro. Sua atual diretoria composta de homens como Norton S. Caldeira (presidente), Darci de Almeida (vice-presidente), Antônio Maria R. Cardoso (1º secretário), Getúlio Barbosa (2º secretário), Milton Rodrigues (1º tesoureiro), Domingos Manoel Machado (2º tesoureiro), Ubirajara de M. Caldeira (1º diretor esportivo), Altamiro Nunes Leite (2º diretor Esportivo), Aderbal O. Baracho (orador) e Sérgio Cavalcânti (diretor de festas), é a maior garantia de progresso pelo enxadrismo em Minas e a segurança do prestígio que êsse esporte-ciência alcançará na região em que está atuando. O que é indispensável, acima de tudo, é despertar na alma teòfilotoniana, o interêsse pelo xadrez, não como simples passatempo, mas como base cultural e educativa de cada um, provando-se que o xadrez não tem nada com a vulgaridade do gamão, da dama, do bilhar, ou de qualquer jôgo de cartas. O xadrez inspirou desde o século XI, vasta literatura, tendo-se desenvolvido prodigiosamente na Alemanha, onde se publicam tratados sôbre a matéria. Suas origens, segundo as mais recentes pesquisas, datam de 500 anos antes de Cristo, e tiveram como fundamento a lição de um brâmane, que, educando um jovem rei, mostrou-lhe que por mais forte e poderoso que seja um soberano, nada valerá se não contar com a colaboração do povo. A filosofia do xadrez é perfeita e intuitiva. Mostra-nos naqueles 64 quadriláteros onde travam batalha os dezesseis elementos de cada exército, que o «tabuleiro» constitui a própria imagem da vida do homem na sociedade, da própria sociedade na vida de um país e a de um país na vida da humanidade.

O Clube de Xadrez de Teófilo Otoni foi elemento dos mais destacados nas comemorações do primeiro centenário da cidade, tomando parte na execução dos programas pré-fixados e contribuindo para o major brilhantismo dos festejos. O baile que ofereceu à sociedade teòfilotonense na noite do dia 5 de setembro, ficará eternamente gravado na lembrança de todos. Graças à ação dinâmica dos srs. Norton S. Caldeira, Sérgio Cavalcânti, Milton Rodrigues e Domingos M. Machado, o Clube de Xadrez de Teófilo Otoni vem subindo de prestígio dia a dia, e já hoje é centro de reunião da mocidade da capital do Mucuri, que ali só pode encontrar ambiente para seu progresso moral e espiritual.



Doutor Aderbal Baracho, orador do Clube de Xadrez (de branco, à esquerda), em companhia de amigos, no baile do dia 5 de setembro.



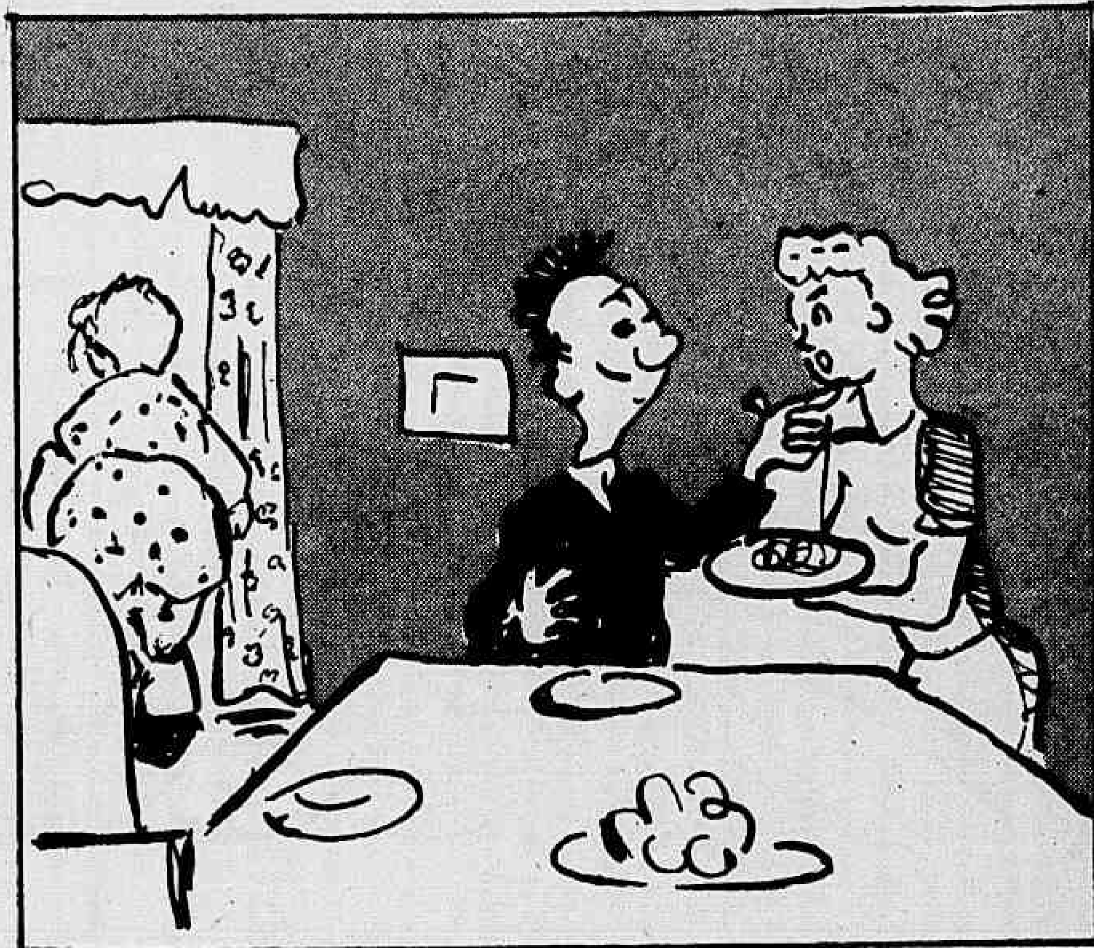
O senhor Sérgio Cavalcânti (à esquerda), diretor de Festas do Clube de Xadrez, tendo ao lado sua espôsa, em companhia de outros amigos.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

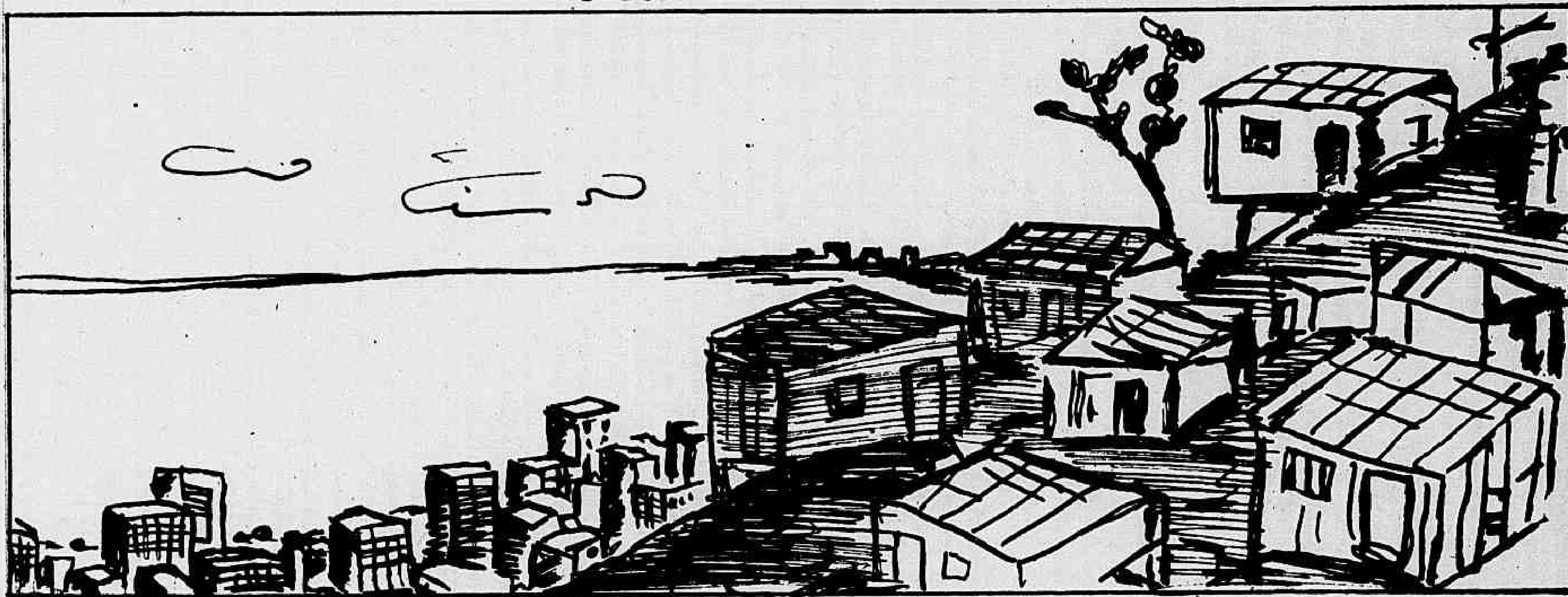
3 - A VIDA É ASSIM...

CRIAÇÃO DE DARCY

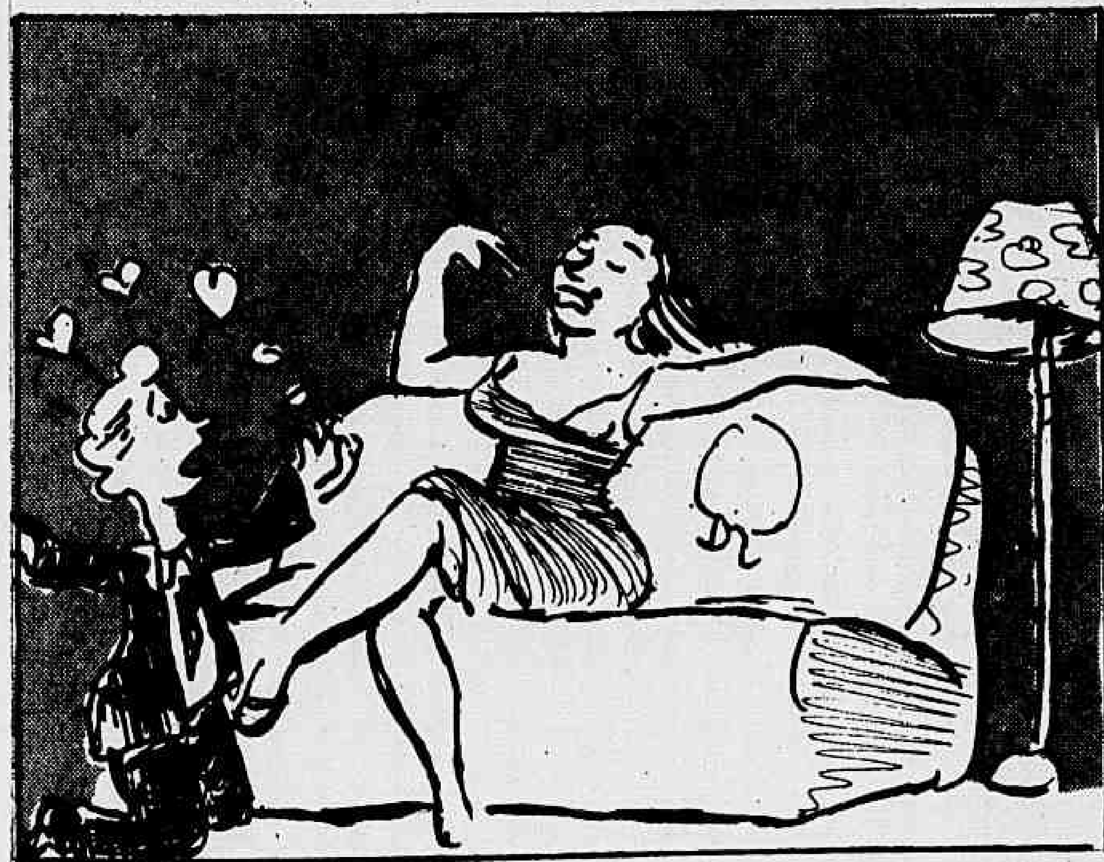




O BOM CHEFE DE FAMÍLIA



LÁ EM CIMA E LÁ EMBAIXO: UMA CIDADE, DUAS VIDAS





AS DUAS IDADES PERIGOSAS

A MARECHALA JUNOT

Por SERGIA FIACCAVENTO

Tradução de LIGIA JUNQUEIRA

PRÓLOGO

... amou uma só vez na vida, com amor celestial...

DEPOIS de firmada a paz de Viena, Napoleão entregou-se a um repouso que, ilusòriamente pensava poder ser mais duradouro do que realmente o foi. Sua pata de leão, pousada ameaçadoramente sôbre o mapa da Europa, havia traçado os novos limites do Império Austríaco e sua Velha Guarda, acampada no castelo de Schönbrunn, dormia sonos tranqüilos nos leitos imperiais.

As bandeiras dos exércitos vitoriosos haviam-no seguido, cobertas de glória, desde a ponte de Arcole, com a fidelidade de uma amante submissa.

Tendo voltado a Paris, ao lado de Josefina, que, para sentir o prazer de ser aplaudida pela multidão renunciava a outros prazeres menos excepcionais, Napoleão podia relativamente repousar, dias seguidos, nos salões luxuosos das Tuilerias. Dedicava-se, então, aos complexos problemas do Estado, mantendo, ainda, os exércitos armados a seus pés.

De Portugal, porém, onde o seu querido Junot, duque de Abrantes, batia-se contra os inglêses de Wellington, chegavam notícias incertas, sôbre a sorte das armas, trazidas por mensageiros estenuados por uns dias seguidos de galope.

O Imperador chamara Junot para ter informações diretas sôbre os acontecimentos espanhóis, e o relatório verbal de seu general, que logo ocorrera, havia tranqüilizado Napoleão quanto à presença de Wellington em Portugal.

Os faustosos salões das Tuilerias estavam abertos, aquela noite, a todos aquêles que tinham o privilégio de freqüentar a côrte.

Diplomacia, exército, aristocracia, altas finanças, compareceram em vistosos uniformes e trajes suntuosos, de veludo, de sêda, de ouro e de prata. Desfilavam sob a luz lampejante dos lustres de ouro massiço, continuamente vigiados por valetes que substituíam imediatamente as velas próximas a se estinguirem.

Ao lado de Josefina que, de muito bom humor êsse dia, conversava à direita e à esquerda, o Imperador escutava, divertido, os mexericos de um grupo de senhoras que, orgulhosas por fazê-lo sorrir, contavam os pequenos «diz que diz» do dia.

A poucos passos, o diabólico Fouché fingia escutar os acres desafogos do marquês de Aubry, sôbre as últimas nomeações, mas, na realidade ouvia, atentamente, tôdas as palavras do Imperador e das gentis senhoras em círculo, a seu redor.

Imprevistamente, os olhos de Napoleão se iluminaram de um fulgor de afetuosa benevolência. O marechal Junot «la tempête», como êle o chamava, estava atravessando a sala com o passo juvenil e elástico de seus vinte e sete anos.

— Duque de Abrantes! — chamou o Imperador.

Junot voltou-se, em posição de sentido, rígida.

— Não vejo a Duquesa. Por que não a trouxestes à Côrte?

Napoleão não ignorava que Junot — sempre absorto em clamorosas aventuras galantes que escandalizavam Paris e o exército — descuidava-se da mulher.

— Também a Duquesa, Sire, veio comigo às Tuilerias, esta noite. Deixei-a, a pouco, com o marechal Lefebvre.

— Lefebvre às voltas com «la petite peste» — exclamou Napoleão, abrindo a tabaqueira de ouro, que tinha na tampa uma miniatura de Josefina. Aspirou um pouco de tabaco.

— Pobre Lefebvre! Ide com reforços, caro Junot, e libertai-o logo, levando convosco vossa espôsa; isso evitará que a glória de nosso Marechal seja, pela primeira vez, ofuscada com a vergonha de uma derrota. A duquesa de Abrantes é mais perigosa do que um exército inteiro!

Fêz uma pausa breve, e, depois, abaixando a voz, prosseguiu como que falando a si mesmo:

— Sòmente vós a batestes em seu próprio terreno, mas, talvez, agora estejais abusando um pouco.

O Imperador, com o rosto sério, fechou a tabaqueira com um ruído sêco.

Junot não replicou: conhecia bem qualquer inflexão de voz do «amo» e a tonalidade e o gesto que acompanharam a última frase deixaram-no perplexo. Brincava, ou estava realmente encolerizado?

Inclinou-se profundamente e apressou-se em procurar a mulher.

★

Junot, o marechal favorito de Napoleão, casara-se nove anos antes com uma graciosa mocinha, e haviam nascido três filhos dêsse casamento que não fôra, na verdade, muito bem sucedido.

Quando Laura Permon se casou com o então coronel Junot, tinha dezesseis anos, um rosto de oval encantador iluminado por dois grandes olhos brilhantes, e um corpo harmonioso. Sua fresca juventude tornava-a um fruto saboroso que teria saciado o difícil paladar do futuro marechal francês.

De qualquer maneira, Junot, impenitente conquistador, não teria desposado Laura Permon se Napoleão não lhe houvesse ordenado decididamente. O afeto e a simpatia que êste sentia pelo duque de Abrantes, tiveram início no cêrco de Tolone, durante o qual o capitão Bonaparte admirara o sangue frio do sargento Junot que, ao explodir um obus, inteiramente sepultado nos destroços deixados pela explosão, enquanto escrevia uma carta apoiado sôbre um tambor, havia exclamado, rindo: «Faltava enxugar a tinta... já está feito».

Agradava ao Imperador essa maneira de divertir-se com o perigo, e além disso, admirava muito a frase de espírito dita no momento justo.

Tanta era sua simpatia pelo pequeno granadeiro que chegara a oferecer-lhe a mão de sua irmã Carolina.

Junot, porém, não quis aceitá-la.

Amava as aventuras galantes, e não era sua intenção ligar de algum modo sua vida à de uma só mulher, ainda por cima, irmã de seu «amo», ao qual teria que prestar contas como cunhado.

Por isso recusou. Carolina Bonaparte sentiu-se atrozmente ofendida, e nunca lhe perdoou êsse gesto, que a havia humilhado, e ferido seu orgulho de mulher; nem mesmo quando, mais tarde, tornou-se sua amante. Seu rancor cresceu quando Junot casou-se com Laura Permon. A futura rainha de Nápoles não parou para pensar que se o desejo imperial dessa vez fôra satisfeito não era porque o amor dobrara o futuro marechal, mas, apenas, porque não era prudente desobedecer duas vêzes a um «desejo» de Napoleão.

Laura Permon soube cativar ràpidamente a afetuosa simpatia de seu soberano, o qual logo avaliou o tato delicado, a argúcia e o espírito vivo de sua protegida. As històriazinhas picantes que a pequena Laura lhe contava, sôbre as personalidades da côrte e do exército, divertiam-no mais do que qualquer espetáculo. Além disso, Laura sabia receber muito bem. As festas magníficas dadas no palácio de Abrantes eram de uma suntuosidade requintada, e delas tôda Paris falava com admiração. Não era sem razão que descendia dos imperadores de Constantinopla. A pequena burguesa de então, adornada com os brilhantes que o marido lhe dera quando vice-Rei de Portugal, mostrava-se, realmente, à altura de seus avós, despertando a inveja das senhoras da côrte e a admiração dos homens. Napoleão dera-lhe, afetuosamente, o apelido de «petite peste», assim como chamava Junot «la tempête», nos momentos de intimidade.

Nos primeiros anos de matrimônio Laura sentiu-se realmente feliz, louca de amor pelo seu belo marido, vivia e respirava só para êle. Sòmente mais tarde, os sucessos de seu espírito brilhante não mais bastaram para consolá-la de ser a mulher mais enganada de tôda Paris.

Todos os dias chegavam-lhe notícias que a humilhavam. Sôbre as margens do Tejo, Junot organizara um verdadeiro harém e os inglêses se incubiam de divulgá-lo a sons de trompa. Em Lisboa, apaixonara-se loucamente pela belíssima condessa de Ega, filha da marquesa de Arlon, ilustre poetisa portuguêsa.

Carolina sentia-se feliz em informar Laura da crescente paixão que o marido ostentava cìnicamente, vivendo no próprio palácio da amante.

O vaso, já cheio, transbordou. Com vinte e quatro anos, sente-se a vida fria e triste, se se vive sem amor e sem carinhos. Mais desolada, é, no entanto, se se conheceu o amor, a doçura das carícias e a suavidade dos beijos. Nos longos dias passados no palácio de Abrantes, com o marido a guerrear pela Europa, dedicara Laura sua juventude solitária e traída à educação dos três filhos, procurando nêles encontrar a coragem e a vontade necessárias para se manter virtuosa e fiel.

Até então havia sabido suportar com dignidade as infidelidades do marido, considerando-as passageiras, e justificando-as com o temperamento impulsivo e violento do valoroso soldado. A última notícia das ostensivas relações com a condessa de Ega, pareceu-lhe insuportável para sua dignidade de espôsa, porém, não pestanejou.

O intrincado jôgo das combinações manobradas pelo destino, quis, porém, que, justamente naquele momento difícil de sua vida sentimental, encontrasse o homem capaz de acender e alimentar um grande amor.

O príncipe de Metternich chegara a Paris como Embaixador da Côrte de Viena. O belíssimo aristocrata, que passara a infância nos joelhos das duquesas da Côrte Imperial Austríaca, apareceu à pobre Laura como o Príncipe Azul. Alto, louro, ágil, com olhos grandes, cinzas e sonhadores, de maneiras finas e delicadas, impressionou à desolada senhora.

Clemente Metternich cultuava a beleza, amava as mulheres, a sociedade, o luxo, as conversas seletas, a poesia, a música.

A vida sem ilusões e humilhada de Laura, corria sem esperanças, sob as rodas de seu destino. Os filhos eram seu confôrto e seu fim. Em suas vozes alegres, em suas carícias, encontrava ânimo para suportar tudo e, talvez, uma pequena luz de esperança.

★

A torpe informante, que, sob o véu hipócrita da amizade, viera outra vez transpassar-lhe o coração, não teve a satisfação de ver ofuscar-se o belo rosto, digno e impassível, de Laura. Seu coração, porém, doía e sangrava. Laura sabia que existiam muitos homens que se sentiriam felizes em dedicar-lhe a vida... enquanto o marido a humilhava, sob uma esmagadora indiferença. Perguntava-se, torcendo as mãos: — Por quê?

A resposta, porém, era cruel: — Porque não te ama e nunca te amará!

A Marechala Junot, assim tão brutalmente deixada de lado pelo marido, era considerada, na côrte e em tôda França, como um perfeito exemplo de espôsa e de mãe.

(Continua na página 48)



JANELA SÔBRE O MUNDO



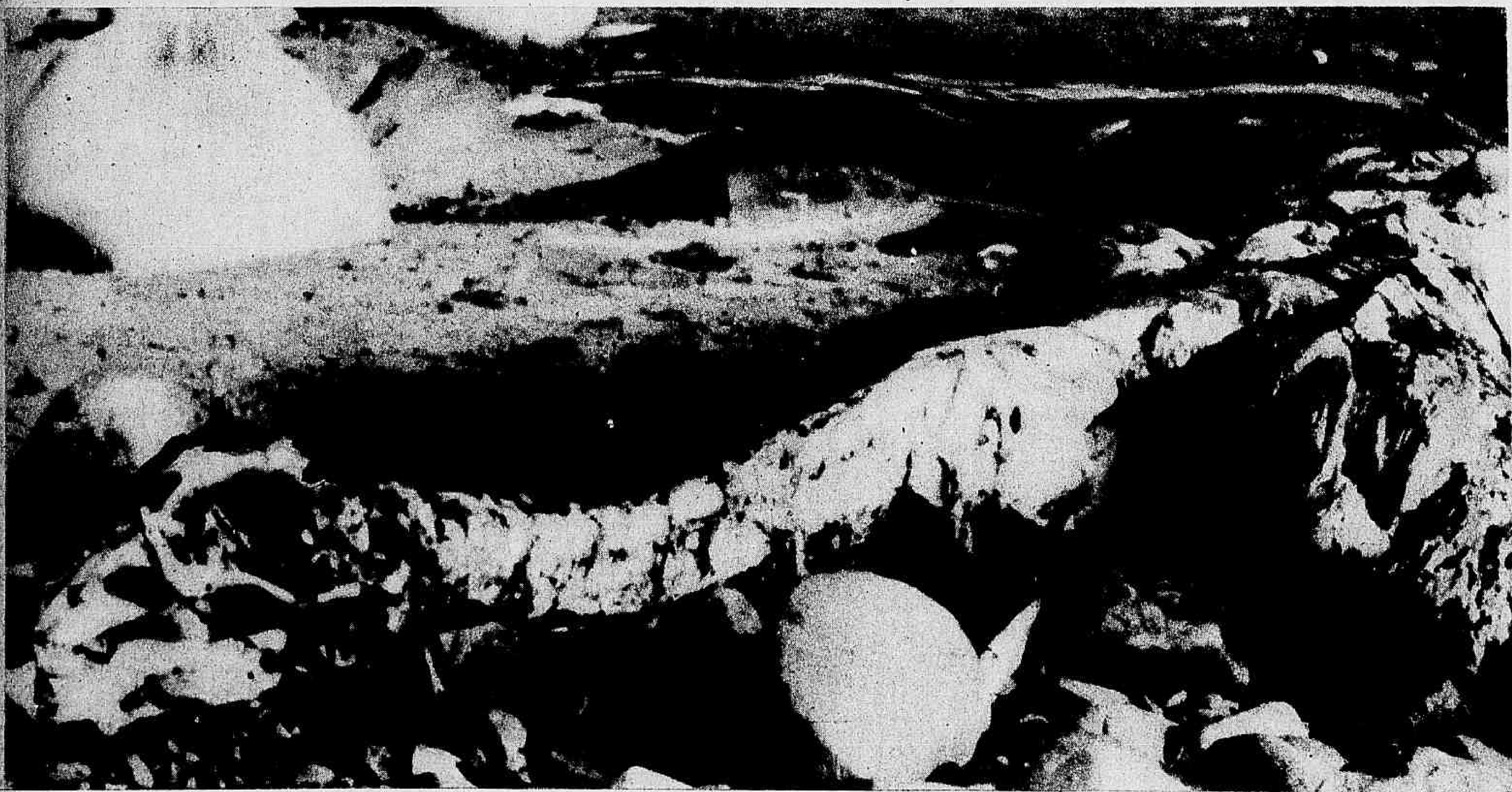


ESPÔSA RUSSA

Clara Hall, russa que se casara com um funcionário inglês da Embaixada Britânica em Moscou, não pudera acompanhar o marido, quando êle deixou a Rússia. Agora, porém, teve permissão para sair do país e ir viver com o espôso, que serve atualmente no Canadá. Mrs. Hall, leva o filho do casal, Nikolas, de seis anos de idade e que não conhece o pai. Esta foto foi obtida quando Mrs. Hall chegava a Berlim ocidental, vinda diretamente de Moscou. Para ela parece até um sonho!

O TOURO FOI MAIS RÁPIDO

Manuel Jimenez Chicuelo II é um toureiro ágil e tem uma classe das mais aplaudidas nas arenas espanholas. Mas, um dia é do toureiro, outro é do touro. E assim sucedeu mesmo. Numa festa na arena de Madrid, quando Chicuelo II exibia sua técnica e enfesava o boi, êste, driblando o «torero», pegou-o de jeito, suspendendo-o nas aspas e derrubando-o diante da estupefação da assistência. E Jimenez Chicuelo II foi feliz, pois que não saiu muito machucado dêsse duelo.



MONSTRO MARINHO

Em fins de agôsto último, deu à praia no Girvan, Escócia, um animal de formas desconhecidas, medindo 30 pés de comprimento, coberto de pêlos de cavalo, quatro pernas curtas e uma cauda de doze pés. Os habitantes da praia, temendo mau cheiro com a decomposição do bicho, derramaram óleo e atearam fogo. Pensam os estudiosos, que se trata de espécie de animal pre-histórico ainda existente nas profundezas do «Gulf-Stream», arrastado até ao litoral da Escócia. Segundo os cientistas que estudam fenômenos semelhantes, a temperatura do «Gulf Stream», bastante elevada, proporcionaria refúgio a animais já desaparecidos. «Si non é vero...»



AVIÃO DE BEGÔNIAS

A princípios de setembro realizaram-se em Lochristi, na Bélgica, uma das mais belas festas daquele país: — o Festival da Begônia. Os concorrentes criaram os mais lindos e surpreendentes modelos de coisas, tudo recoberto artìsticamente com flores. Mas, a sensação do dia foi êste avião florido, todo envolto de begônias, arrancando aplausos dos que visitavam a exposição. Com o espécime, é claro que muita gente perdeu o temor de viajar de avião. Êste é mais um jardim...



O VESTIDO ENGANCHOU

Laura Smith, de 21 anos de idade, filha de Lord e Lady Hambeldon, ia casar-se com Michael Brand, de 28 anos, filho de Lady Rosabelle Brand. Casamento de pompa e muito gôsto, vendo-se entre os convidados a Rainha-mãe e a princesa Margaret Rose. Quando o carro da noiva chegou a St. Mary, sucedeu um imprevisto: ao saltar do automóvel, o véu enganchou. Pressuroso acorreu um guarda-civil londrino e, ajudado por uma conviva, conseguiu soltar a noiva, antes de ser «amarrada».



MESMO SEM ORELHAS

Aí está um modêlo de chapéu que vai agradar a muitas mulheres. Além de chapéu, possui brincos de belíssimo efeito, sem que estejam dependentes das respectivas orelhas. E com a vantagem de poderem ser regulados à vontade da dona: mais para baixo, mais para cima, com bijuterias, ou sem elas, com pedras coradas ou hialinas. Êsse chapéu foi exibido numa exposição de Londres, lançado por uma modista de renome, Miss Dolores, que deu ao chapéu o nome de «Maritza». Bonito, não?



AS UNHAS DE FORA

O gato prêto viu o papagaio. Dirigiu-se a êle: «Meu lourinho querido! Como você está mal penteado!» O papagaio, um tanto desconfiado daquela amabilidade felina, respondeu: E que tem isso, compadre gato!» — E o astucioso comedor de aves dissimulou: «E' que não gosto de ver um papagaio tão bonito como você, tão assanhado!» Mas o papagaio compreendeu a artimanha e respondeu: «Deixe-me ver ao espelho...» E tratou de entrar na gaiola, onde ficou tranqüilo. Há uma moral, leitor.





OS tecidos êste ano se apresentam em colorido e desenhos tão encantadores, que escolhemos esta série de modelos para nossas leitoras poderem aproveitar a inspiração dos criadores de estamparia, e confeccionarem o modêlo alegre que tanto faz realçar a mocidade de quem o usa. De um modo geral, fazendas muito vistosas exigem um feitio bem simples e de corte elegante. No entanto, alguns costureiros preferem combiná-las com o branco ou negro, ou mesmo outras tonalidades (quase sempre alguma predominante no desenho do tecido), resultando em modelos muito lindos e elegantes. As criações destas páginas foram apresentadas num desfile de modas em Milão, por costureiros italianos. Observando-os, chega-se à conclusão de que a Itália está cada dia se tornando uma das mais fortes concorrentes ao predomínio parisiense no campo da moda. Pouco a pouco, as criações italianas, até agora um tanto carregadas de ornamentos, vão libertando de um certo provincianismo, e estilizando em linhas mais simples os elementos de inspiração puramente clássicos. E, chegamos a ver Paris imitando os italianos, quando foi lançado, recentemente, por Dessés a linha «romana», apanhada dos drapeados macios das togas da época do Império Romano, e a linha «capital», tirada, daqui e dali, um pouco dos monumentos gregos, um pouco de arquitetura romana antiga. Para os criadores de moda é tudo fonte de inspiração. — FLAMA.

LAST FASHION

Vestido em organza. A saia tem um estampado graúdo, em verde e violeta. Blusa em côr violeta.

AMMIRATO

Em sêda pura é êste modêlo, estampado com flores verdes e brancas, sôbre fundo negro

ESTAMPADOS



AMMIRATO

Vestido em linho estampado, com flores em várias tonalidades de amarelo, sôbre fundo negro.

LAST FASHION

Quadrados em vermelho e laranja, debruados de negro. Modêlo em linho. Fundo branco.



VOCÊ É SUPERSTICIOSA?

QUASE tôdas as pessoas têm a sua superstiçãozinha, em que acreditam, às vêzes, inconscientemente... Não se incomodam de sentar treze à mesa, mas ficam brancas se alguém derrama sal... Passam debaixo de uma escada, com a maior facilidade, e até já levaram com o balde do pintor na cabeça, mas não se levantam de manhã com o pé direito, de jeito nenhum!...

No entanto, as superstições, na maioria das vêzes, não tiveram em sua origem sentido benéfico, nem maléfico, ao contrário, surgiram de acontecimentos banais, do quotidiano. Vejamos como apareceram algumas delas.

● Quando os turcos invadiram a Grécia, mandaram retirar todos os sinos das igrejas. Alguns dêsses sinos eram uma preciosidade, confeccionados em prata ou trabalhados em caprichosos relevos. Os sacerdotes, para congregar os fiéis às cerimônias religiosas, arranjaram um substituto para o sino: uma espécie de matraca de madeira, que produzia som, que classificaríamos de «taquara rachada» (ainda hoje a Igreja Católica usa essas matracas, nas cerimônias da semana santa). Ora, também para os exorcismos, para afastar o demônio «tocava-se» a matraca de madeira. Daí a crença de que «tocando» em madeira se espanta a má sorte.

Há quem se benza ao ver passar um gato prêto à sua frente, principalmente se isso se der à meia-noite... O gato foi sempre considerado um animal sagrado pelos mais antigos povos da terra. Os egípcios divinizavam-no. Tinham até uma deusa com olhos de gata. Durante a Idade Média, quando a humanidade caíu na ignorância, devido à necessidade de dedicar-se mais às lutas e menos à cultura, os gatos ocupavam lugar proeminente nas feitiçarias, eram os companheiros dos feiticeiros, e considerados como a encarnação do demônio...

★

Porque achar uma ferradura de cavalo dá sorte? Sorte tinham ao encontrar uma os habitantes do Império Romano, se a ferradura fôsse do cavalo do Imperador. E' que êste mandava ferrar os seus cavalos com ferradura de prata ou de ouro! Era como achar uma preciosidade. Além disso, diz a crença popular, que elas devem sempre ser dependuradas com as pontas para cima e explica: assim o demônio (ou a má sorte) não conseguirão sair, ficarão presos, e sem poder sôbre as pessoas...

Já que falamos do sal, acima, temos que explicar também a origem da má sorte que persegue a quem o derrama. Na antiguidade, o sal era raro e custava muito dinheiro, principalmente nas regiões que ficavam longe do mar. Derramá-lo era uma catástrofe pois desperdiçava-se algo de muito valioso. Está explicado?

★

Há ainda o número treze considerado, por alguns, como dando sorte, a tal ponto que usam uma medalha com êsse número, como «porte bonheur», e por outros, olhado com verdadeiro terror. O sentido maléfico vem em lembrança da última ceia de Cristo: Judas, o traidor, foi o número treze. Quanto ao bom sentido, vem dos romanos, não se sabe bem porque: tinham êles o hábito de, quando faziam uma doação, dar 12 dinheiros mais 1. Para êles seria de mau agouro dar uma dúzia inteira...

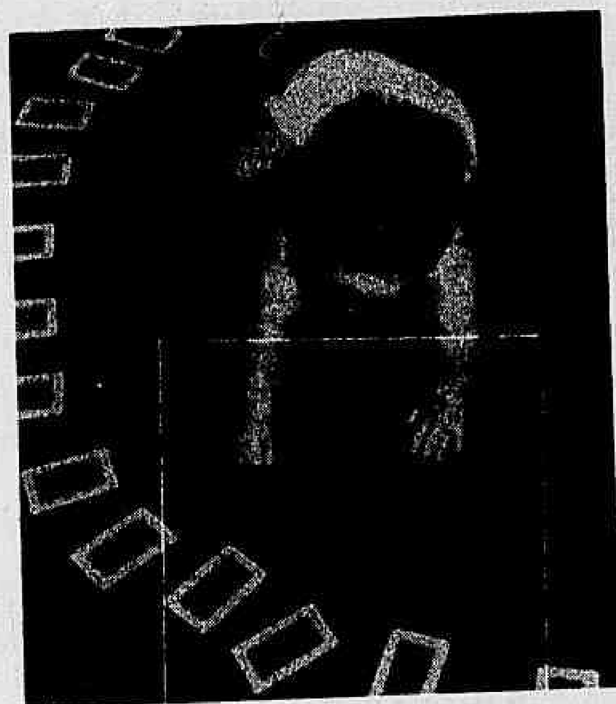
★

Existem muitas outras superstições de explicação fácil: assim, o trevo de quatro fôlhas é uma raridade; passar deibaixo de uma escada pode ser motivo de levarmos um balde de pintor na cabeça; sexta-feira, foi o dia da morte de Cristo na cruz; quebrar um espelho pode dar a impressão de estarmos destruindo nossa própria imagem,. nêle refletida...

★

Ainda que não traga benefícios, acreditar na maioria das superstições tradicionais, também não faz mal a ninguém. Continue a não passar em baixo de uma escada, será mesmo mais prudente; colecione trevos de quatro fôlhas como gosta de guardar coisas raras... Não há como a tranqüilidade de espírito! Mas, não diga depois que «não é supersticiosa"!

— L. J.





SUGESTÃO PARA O LAR

OS ambientes modernos às vêzes apresentam uma aparência um pouco fria, destituída do gostoso aconchegamento de um lar, e, a culpa é da decoração... A tendência é deixar-se as paredes lisas demais ou escolher-se um estofamento de côres definidas, com contrastes violentos, muito decorativos, aliás, porém destituídos dessa suavidade que se procura numa sala de estar, de jantar, ou num quarto.

● Por isso mesmo, é que gostamos da solução apresentada nessa fotografia de Lord & Taylor, para uma sala de jantar: cortinas e estofamento das poltroninhas que circundam a mesa num tecido com «pois», em vermelho, branco e azul, sôbre fundo creme. Uma solução original, ainda que pouco se costume usar o «pois» nos tecidos empregados em decoração (a não ser os tradicionais voiles de salpico). O tapête é azul, a fim de criar um sentido de unidade geral, na peça. Sôbre êle, a mobília, em pau marfim, realça ainda mais. Quanto ao restante da decoração, é muito simples: um grande espelho sôbre o aparador, com moldura dourada, lisa, algumas peças de Murano, um jarrão com galhos de pecegueiro, e... só. — N I K E.

UM POUCO DE BELEZA

PARA DIMINUIR OS QUADRIS

SUPONHAMOS que você esteja inteiramente satisfeita com suas dimensões, menos à volta dos quadris, que acha um pouco exagerado. (Êsse é o lugar que, geralmente, maiores preocupações traz, pois tende a aumenta, quando se descuida um pouco de manter um regime alimentar constante e racional). Não desanime, porém. Existem exercícios ótimos para diminuição dos quadris que, se por um lado, acumulam gorduras extraordinárias com facilidade, por outro, são muito susceptíveis de diminuição, com uma ginástica regular.

● Experimente êste exercício: sente-se no chão, como mostra a fotografia. Junte as pernas, e dobre os joelhos, exatamente como está fazendo Virginia Gibson. A seguir, deixe cair as pernas com fôrça, para um lado e para o outro, comprimindo a gordura. Quando virar para a direita dobre o braço direito e estique o esquerdo para o lado, e vice-versa.

● Repita o exercício todos os dias, pela manhã e à noite, 10 vêzes em cada direção. O importante, em qualquer exercício de ginástica corretiva, é que você o faça **todos os dias**, com regularidade. A falta de persistência apenas contribui para cançar os músculos, e não trará nenhum resultado positivo. — JÚLIA DE MILO.

★★ ★★★★★ ★★★★★ CUIDADO COM AS ESPINHAS ★★★ ★★★★★ ★★★

● Em geral as peles que se apresentam com espinhas (peles eruptivas) são peles jovens. Curam-se com uma boa alimentação (à base de leite e frutas), exercício, ar fresco, e repouso. No entanto, para o tratamento externo precisam: antes de tudo de uma boa limpeza diária, com água e sabão. Para curar as espinhas, aplique-se um preparado à base de enxofre, o que costuma ser muito eficaz. Não se deve espremer as espinhas de qualquer maneira, pois ficarão machucadas e poderão deixar marcas feias na pele. Se houver necessidade de estirpar cravos, façao com cuidado: amoleça-os com aplicações de água quente, exprema-os com o dedo envolvido em gaze macia. Comprima-os suavemente, sempre com os dedos, nunca com as unhas. Depois da operação passe um pouco de éter sulfúrico, para que não se inflame.

DISFARÇANDO

● Não é raro, quando vamos a uma festa, e desejamos aparecer no melhor de nossa aparência, surgir uma espinhazinha, bem na hora, quebrando a harmonia do rosto. Aprenda como disfarçá-la: misture, na palma da mão, um pouco de pó de arroz, com um creme. Espalhe com cuidado por cima da parte afetada ou marcada. A pasta a cobrirá inteiramente. Depois disso, é só passar o pó de arroz, no rosto todo, e quase não se verá a espinha ou mancha indesejável.

★ Os óculos contribuem para tornar o brilho de seus olhos menos aparente. Por isso mesmo, se você usar óculos, use uma máscara e lápis para os olhos, que o realcem. Aplique-as com discreção, escolhendo uma côr que combine com seu tipo, e com a tonalidade de seus olhos.

★ Se está pensando em passar as férias ou um fim de semana em lugar frio — Campos do Jordão, Itatiaia, Teresópolis ou Friburgo — e sua pele é muito sensível à temperatura baixa, use sôbre a mesma uma pasta preparada com: uma batata grande amassada, suco de dois limões e algumas gotas de perfume.

★ Para aumentar o brilho de seus dentes: escove-os como está acostumada a fazer. Depois, enxugue-os com uma toalha sêca, ou papel absorvente. A seguir, torne a passar a escova de dentes.



HÁ quanto *tempo voce não prepara uma lata bem cheia de deliciosos biscotios? O verão está aí, e haverá muito mais oportunidades de servi-los, com refrescos ou com um bom copo de leite geladinho. Oferecer biscoitos às visitas é um hábito amável e agradável que não deve ser esquecido no turbilhão da vida moderna.* — Tia Dulce.

BISCOITINHOS DE GENGIBRE

● INGREDIENTES

2 1/2 xícaras de farinha de trigo peneirada
1/2 xícara de açúcar
1 pitada de sal
1 pitada de bicarbonato de sódio
3 colheres, das de chá, de gengibre em pó
3 colheres, das de chá, de canela em pó
1 1/4 de xícaras de gordura
2 xícaras de melado grosso
1 colher, das de sopa, de vinagre.

● MANEIRA DE FAZER

1. Peneire juntos os 6 primeiros ingredientes (secos) numa tijela de amassar. Ponha a gordura e amasse com a mão, ou com uma espátula de borracha.
2. Esquente o melado até ferver (não deixe ferver); junte o vinagre e, gradualmente, acrescente-os à massa.
3. Ponha na geladeira, até ficar uma massa bastante dura para enrolar (perto de 3 horas, ou um pouco mais).
4. Abra a massa com o rôlo, bem fina, numa tábua enfarinhada. Corte com cortadores de biscoitos. Coloque numa assadeira untada.
5. Asse de 6 a 7 minutos, ou até que as bordas fiquem ligeiramente tostadas. Deixe esfriar.
(A receita dá, mais ou menos, 9 dúzias de biscoitos).

BISCOITINHOS DE CÔCO

● INGREDIENTES

2 1/2 xícaras de farinha de trigo peneirada
1 colher, das de chá, de sal
1 pitada de bicarbonato de sódio
1 colher, das de chá, de canela em pó
1/2 colher, das de chá, de noz moscada em pó
1/2 xícara de gordura, derretida
1/2 xícara de melado grosso
1/2 xícara de açúcar
1 ôvo, sem bater
1 xícara de côco ralado.

● MANEIRA DE FAZER

1. Peneire juntos os cinco primeiros ingredientes citados.
2. Derreta a gordura, numa panela bastante grande para depois amassar os biscoitos. Acrescente o melado e o açúcar. Deixe esfriar. Bata junto com o ôvo. Acrescente o côco ralado.
3. Junte os ingredientes peneirados juntos, anteriormente, e bata bem. Forme com a massa dois cilindros e embrulhe em papel impermeável ou plástico. Ponha na geladeira, de preferência de um dia para outro.
4. Corte a massa gelada com uma faca muito afiada, em rodelinhas bem finas. Asse numa assadeira, levemente untada, por 10 minutos, em forno moderado.
(A receita dá 5 dúzias de biscoitos, mais ou menos).

WEEK-END NA COZINHA



Biscoitos bolinhas

● INGREDIENTES

1 1/3 xícaras de amêndoas descascadas
1 xícara de manteiga ou margarina
1/2 xícara de açúcar
1 colher, das de chá, de essência de baunilha
2 xícaras de farinha de trigo, peneirada
1/2 xícara de açúcar de confeiteiro
2 colheres, das de chá, de noz moscada em pó.

● MENEIRA DE FAZER

1. Passe as amêndoas na máquina, usando a lâmina média
2. Bata juntos a manteiga e o açúcar, formando um creme leve. Junte as amêndoas e a essência de baunilha. Amasse com a farinha, numa tábua enfarinhada.
3. Forme bolas pequeninas, de 1 centímetro, mais ou menos, de diâmetro. Ponha na geladeira para gelar, até ficarem muito frias.
4. Coloque numa assadeira untada. Asse em forno moderado, de 15 a 20 minutos, ou até ficarem levemente tostadas.
5. Misture o açúcar de confeiteiro e a noz moscada em pó. Passe os biscoitos, enquanto ainda estão quentes.

(A receita foi calculada para cêrca de 6 dúzias).

CONSELHOS ÚTEIS

★ Depois de trabalhar na cozinha, se suas mãos estiverem encardidas ou ásperas, experimente branqueá-las com a seguinte mistura: 4 colheres, das de sopa, de farinha de arroz, 1/2 xícara de vinagre e um pouco de água. ★ Se anda à procura de vitaminas, prefira as laranjas aos tomates. O suco de laranja contém mais da metade de vitaminas C, do que o suco de tomate. Portanto, não hesite na escolha. ★ Um enfeite simples e bonito para seus bolos: coloque tiras de papel, a distâncias iguais. Espalhe por cima bastante açúcar cristalizado. Ao retirar o papel terá um bôlo listado de branco. ★ Um belo acabamento para suas tortas: pincele a crosta com leite e depois peneire, por cima, açúcar grosso, cristalizado. Faça isso antes de levá-la ao forno quente.

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



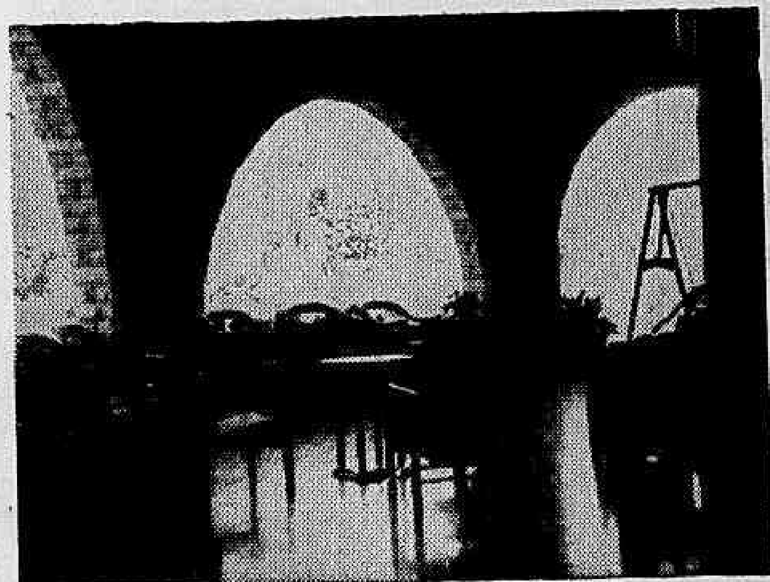
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS:

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.

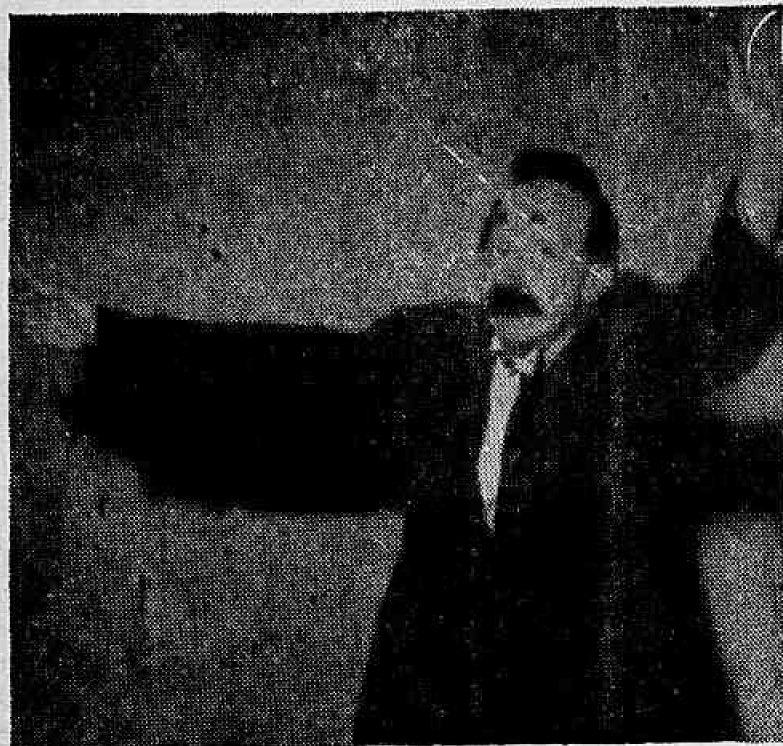


A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

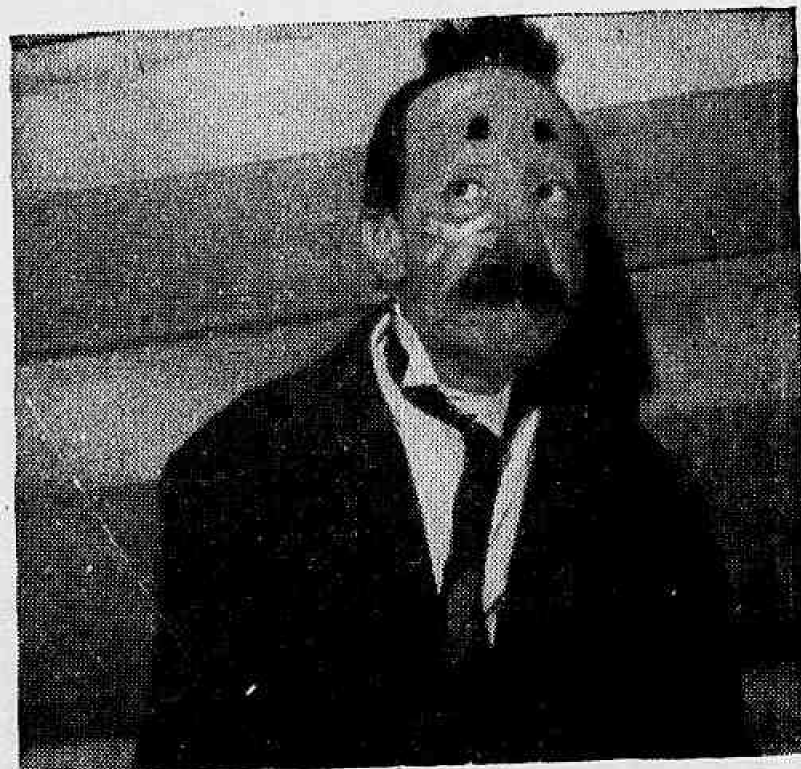
A CIDADE MARAVILHOSA NA "VERVE" DE MESQUITINHA



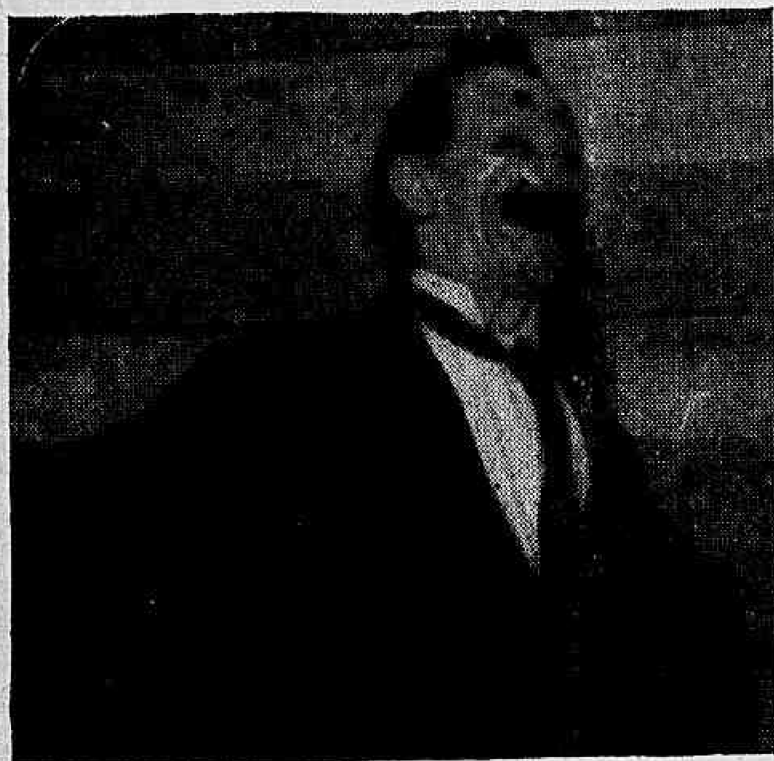
Rio de Janeiro! Maravilha! Cidade calma, sossegada... Com que tranqüilidade e confiança o carioca atravessa as Avenidas Brasil e Presidente Vargas! Que segurança!... Graças à tradicional humanidade dos nossos motoristas, êsses humanitários, principalmente de lotações.



Povo feliz o do Rio! Não tem problemas de transportes: de manhã e à tarde, vão todos sentados confortàvelmente nos ônibus, nos bondes e nos trens da Central... Central do Brasil! Que maravilha! Os passageiros viajam em cadeiras estofadas... Não se vê um pingente!...



E tem uma vantagem: não precisam saltar nas estações — saem carregados... Às vêzes, nem é a dêles... Mas não há nada! Como são felizes os moradores dos subúrbios! Não têm problemas. Morrem de velhos, com muitos netos e bisnetos! Povo feliz o do Distrito Federal!



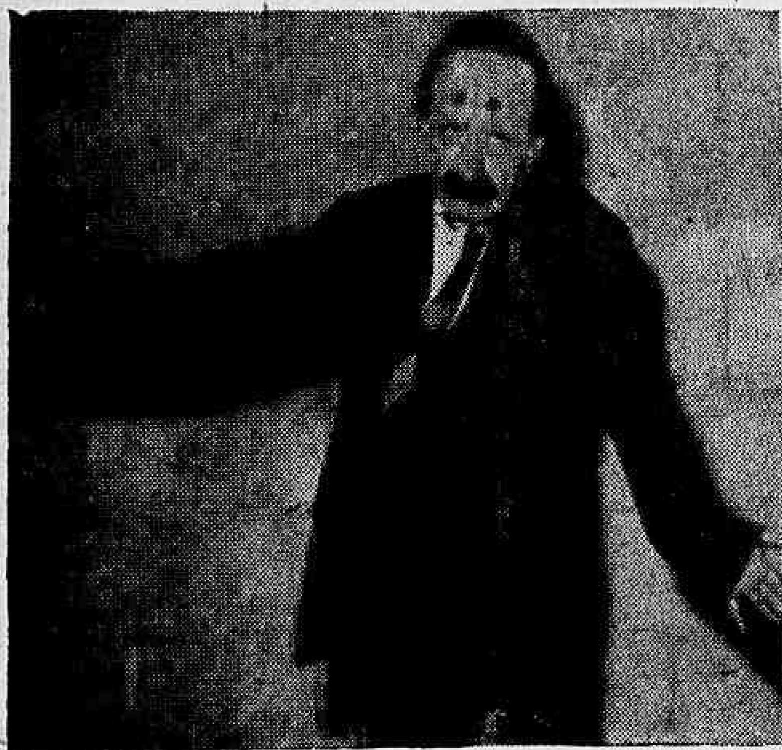
Um dia realizei o meu sonho: comprei um carro! Que coisa agradável a gente possuir um auto nesta cidade! Enfrentar o trânsito das seis e meia da tarde, na hora do rache, do reche, do riche... Sei lá! Em português dever ser: na hora do raio que o parta! E parte mesmo...



Eu sou do tempo dos três sinais: verde, amarelo e vermelho. Agora, a gente olha e vê taquigrafia — uma infinidade de traços verdes e setas pra cá, pra lá, pra todos os lados. Resultado: — Leu, não compreendeu, perdeu-se!



Foi o que me aconteceu. Perdi-me todo! Abriu o sinal e o guarda fêz pipi... Com o apito!... Era a assistência que vinha chegando... O meu Cadilata ficou imprensado entre ela e um lotação. Uma gracinha! Quando despertei, estava no Pronto Socorro cômodamente instalado...



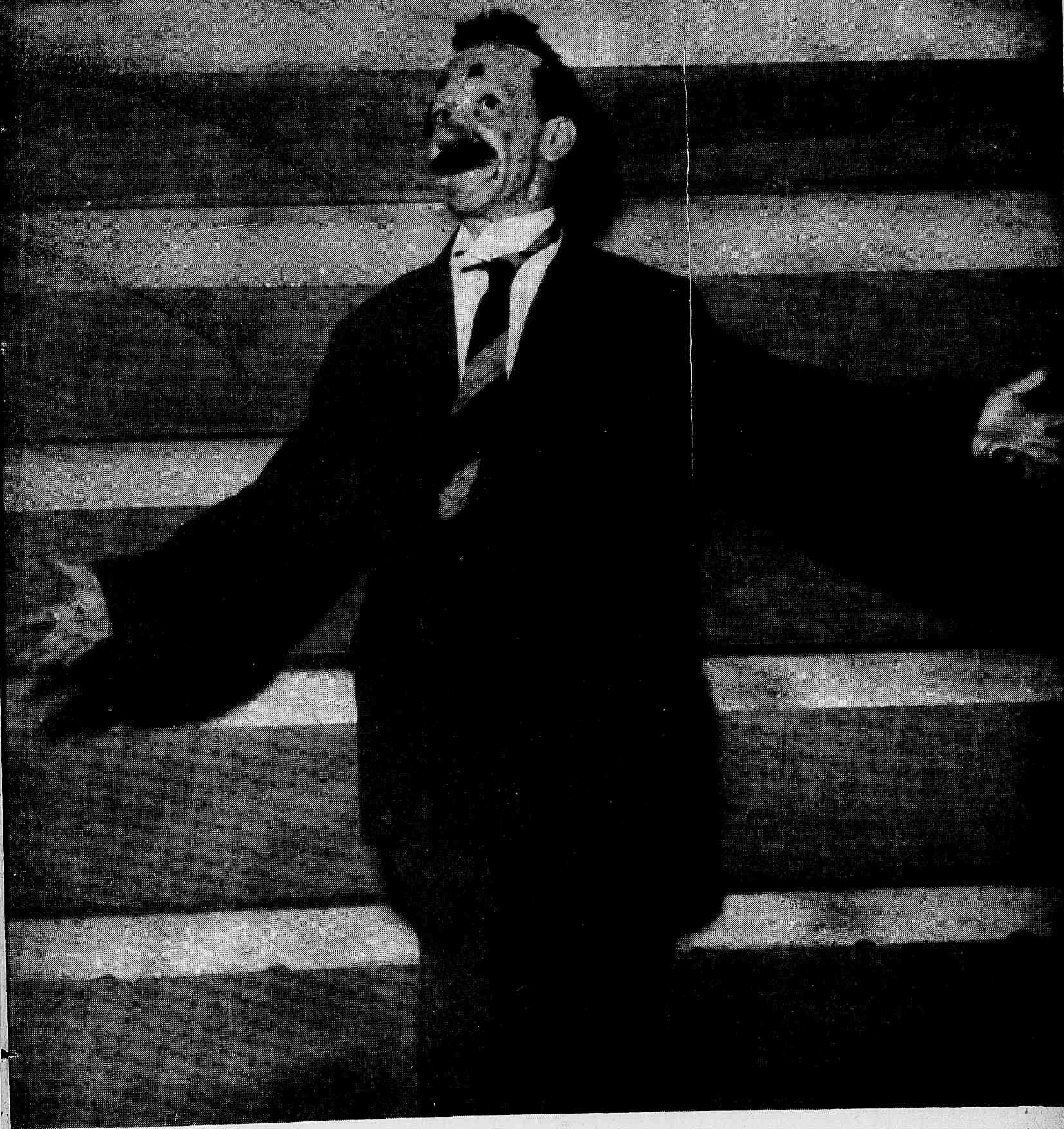
Na cama ao lado, o guarda! O do pipi... Ia ser operado: engulira o apito. Quando soluçava, fazia pipi... Quando saí do Pronto Socorro, encontrei um trouxa pagando pelos carros usados o dôbro do valor. Fiz um bom negócio. Vendi o carro e fiquei com as felipetas.



De vez em quando eu ando de táxi. E como são cavalheiros os motoristas de nossos táxis! E em dias de temporal?... Êles INSISTEM em nos levar para casa! Chegam a botar tabuinha para a gente não molhar os pés... São extremamente amáveis. Povo feliz o do Distrito Federal.



Quando o guarda fecha o sinal para a Av. Passos, abre o da Rua da Carioca... O pedestre não tem vez. Entrega a alma a Deus, com os olhos fitos numa ESTRÊLA... E, quando chega em casa, é como um herói que acaba de vencer uma grande batalha: A Batalha do Rio!



FOCALIZAMOS nestas páginas o perfil de Mesquitinha como o "Felizardo" da peça "E' Fogo na Jaca". Quando êle entra no palco, meio tonto, acenando desordenadamente com as mãos, ouvem-se freiadas, buzinadas, ruídos de automóveis em movimento. E' quando começa a dizer o texto do quadro número um. No final da cena êle canta os versos que transcrevemos ao lado, com a música da marchinha "Estrêla Dalva".

O Estrêla dava
Milhões de apitos.
E os pedestres aflitos
Não podiam passar!
Se a gente andava,
Outro sinal fechava;
E a gente voltava
para o mesmo lugar.

Ó minha Estrêla,
Que vives no tráfego a brilhar!
Tu não tens pena de mim
que vivo tonto para atravessar.
Ó minha Estrêla,
Eu vi-me quase perdido!
Menino, se não me agacho,
Eu era um homem ferido!

O Estrêla dava
Ordens na rua.
E até mesmo a lua
Procurou sua mão!
E as baratinhas,
Pra consôlo da Lua
Vão beijando na rua
Tudo que é lotação.

Parai o carro,
Por graça ou então por piedade!
Chofer de praça,
Perdão se isto ofende vossa majestade.
Deixai que eu entre
No carro, sem mais demora!
Quando saltei, finalmente,
"Tava" com a jaca de fora!

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES:

1 **Quantos Papas houve com o nome de «Bento»:**
— Oito?
— Doze?
— Quinze?

2 **Quem foi Blaise Pascal:**
— Filósofo e matemático francês?
— General alemão?
— Revolucionário russo?

3 **Que significa o nome Diógenes:**
— Nascido de Júpiter?
— Chefe supremo?
— Homem gago?

4 **Oslo é capital da:**
— Suécia?
— Noruega?
— Dinamarca?

5 **Qual destas cidades possui maior população:**
— Londres?
— Berlim?
— Nova York?

6 **Quantas toneladas de ferro foram empregadas na Tôrre Eiffel:**
— Dez mil?
— 7.500?
— 15.800?

7 **A famosa estátua denominada «Colosso de Rodes», representava o quê:**
— Apolo, o Deus do Sol?
— O Oceano?
— Uma divindade desconhecida?

8 **Já houve Papas africanos? Quantos:**
— Dois?
— Três?
— Oito?

9 **Qual destas igrejas de Paris é a mais antiga:**
— A de S. Germano?
— A de S. Nicolau?
— A de Notre Dame?

10 **Em que país da Europa se encontram ainda as ruínas da «Muralha de Adriano», com 199 quilômetros, datando de mais de um século antes de Cristo:**
— Na França?
— Na Inglaterra?
— Em Portugal?

11 **Qual é o maior quadro do mundo (em proporções):**
— O «Paraíso», de Tintoretto?
— A «Ceia», de Da Vinci?
— A «Segunda Missa», de Pedro Américo?

12 **Qual o país que mais fabrica papel em todo o mundo:**
— Estados Unidos?
— Finlândia?
— Canadá?

13 **Quantas peças há num relógio comum:**
— Duzentas e cinco?
— Noventa e oito?
— Cento e trinta e sete?

14 **Que significa, em língua indígena do Brasil, a palavra «Paranaguaçu»:**
— Rio caudaloso?
— Serra alta e negra?
— A melancia?

15 **Quantos quilômetros tem o Canal de Suez:**
— 160?
— 210?
— 78?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média —. Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PAG. 50)



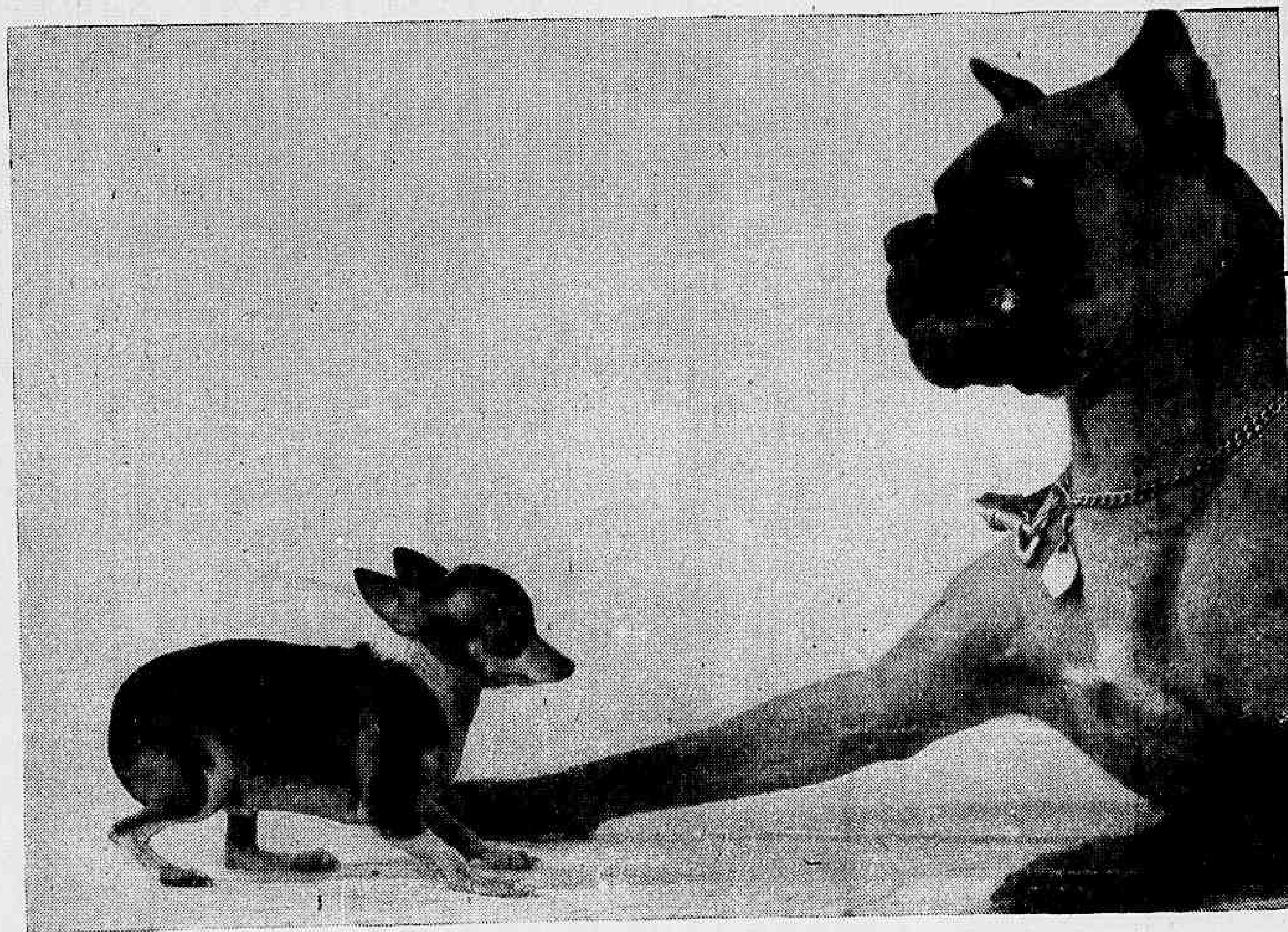
1 O cachorrão: «Quer ir ao cinema comigo hoje, Chihuahua?»



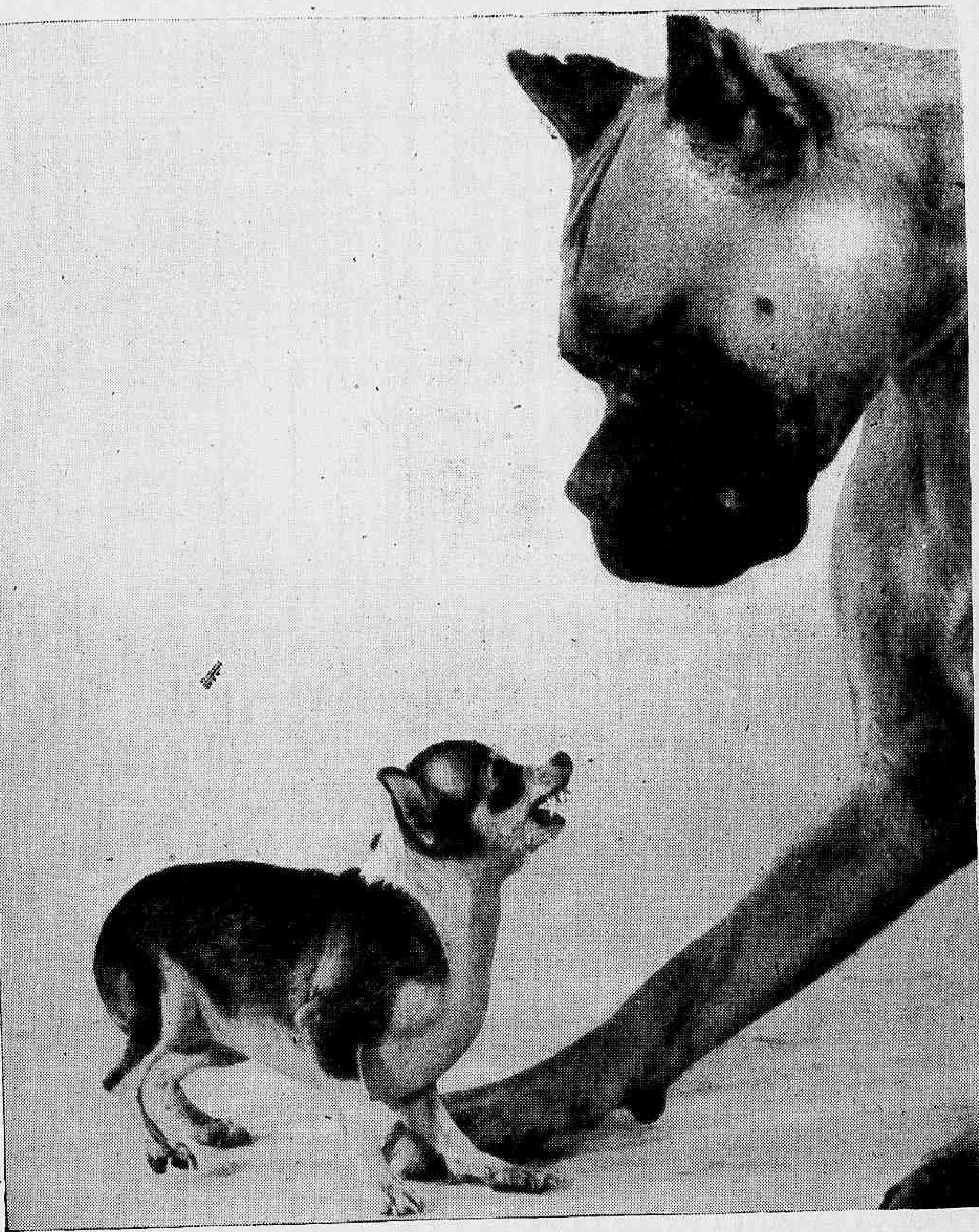
2 «Estou comprometida, hoje, Boxer. Já estou noiva: além disso...»

UM ROMANCE CANINO

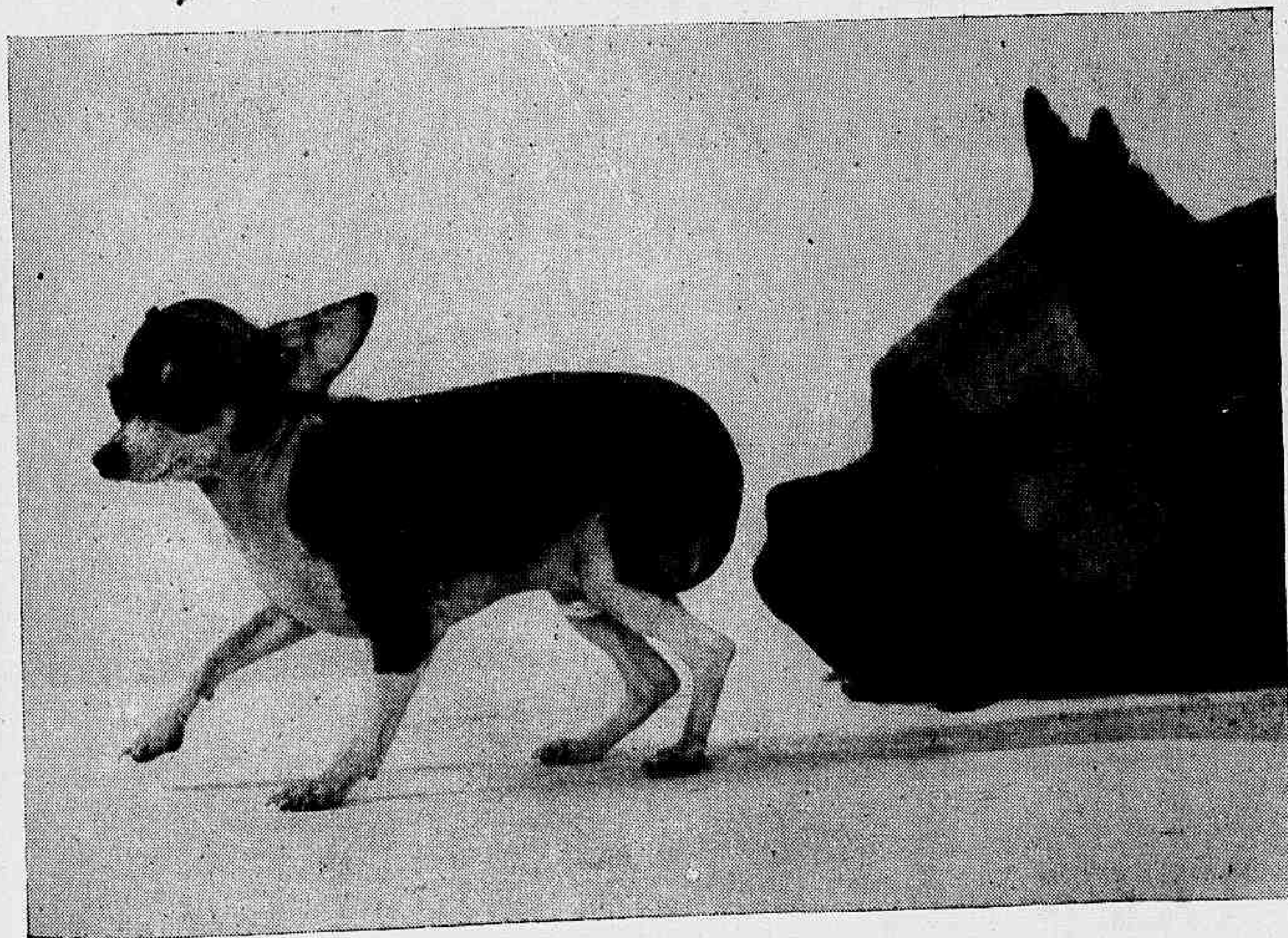
ELE, agigantado «boxer», de patas enormes, de focinho gulosamente desenvolvido; ela, delicadíssima «chihuahua», de olhos românticos, focinho alongado, pequenina e frágil como uma figurinha de biscuí. Pois não é que o grandalhão ficou todo caído para os lados da «garôta», um brotinho canino de mimoso «pedigree»? Embora não se possa dizer com absoluta certeza, como se processou a tentativa amorosa, podemos adiantar que, embora frustrado, o romance entre a «bela» e a «fera» se verificou com todos os detalhes de uma página de amor entre dois irracionais que sabem raciocinar muito bem..



4 «Olhe bem para minha cara, lindeza. Eu estou apaixonado. I love you, darling. Dar-lhe-ei os melhores ossos lá de casa».



3 «... Além disso, o quê? — «Além disso... você não é meu tipo, sabe?» O monstro quer reagir; mas Chihuahua lhe rosna...



5 Chihuahua estava quase aderindo: mas, quando Boxer baixou-se para o beijo romântico, ela desconfiou: taradinho, hein?

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE OUTUBRO DE 1953 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Haverá um ligeiro alívio na sua situação, no próximo período. O planêta que lhe orienta o destino, estará recebendo bons aspectos dos luminares, melhorando assim suas atividades profissionais e lhe dando até, margem para uma maior remuneração do seu trabalho.

TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor tomará, na próximo semana, resoluções dá maior importância para seus negócios e para sua vida particular. Não alimente dúvidas a respeito das possibilidades que lhe serão dadas para agir em proveito da sua economia.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — As favorabilidades continuarão, no seu caso. O novo período lhe aumentará a chance e poderá oferecer as melhores oportunidades para conseguir o apoio financeiro de que tiver necessidade.

CANCER (23/12 — 20/1) — Modifique, como possível, seu modo de agir. O ambiente estará transformado inteiramente, em virtude da posição adversa em que ficará colocado o astro que lhe comanda o destino. Não espere grandes coisas.

LEAO (21/1 — 20/2) — O próximo período, no caso do leitor, poderá ser considerado um período de bonança, dada a série de bons aspectos indicados no seu tema de natividade. Terá bom acolhimento para suas iniciativas e campo aberto aos empreendimentos.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — A semana entrante não se anuncia promissora. Terá, o leitor, na vigência da mesma, uma série de aborrecimentos que irão da vida profissional à vida doméstica. Não faça confidência e atue com a máxima discrição.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Não serão favorecidos, na próxima semana, os empreendimentos que estiverem na dependência de viagens aéreas. Aliás, as viagens, de um modo geral, não se recomendarão, na semana entrante.

ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Prepare-se para uma verdadeira estagnação nos seus negócios, no período entrante. As desfavorabilidades atingirão, igualmente, o setor da vida doméstica, causando-lhe perturbações e desentendimentos na vida conjugal. Não agrave a situação tentando resolvê-la com violência.

SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Não solicite favores, nos próximos dias, sob pena de sofrer desilusões. O leitor vai atravessar um período na vigência do qual terá de contar sòmente consigo mesmo. O meio lhe será adverso.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Relativas facilidades serão proporcionadas ao leitor, no período entrante. Poderá conseguir, entre outras coisas, uma melhoria na situação, aumento de vencimentos, promoção na carreira, etc.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Recuse, terminantemente, os negócios muito vantajosos que lhe vão ser propostos. Há perigo de funestos enganos, de traições e de perda da liberdade, nos próximos sete dias.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Espere que a solução dos seus problemas venham naturalmente, não as antecipe forçando situações ou engenhando meios. O melhor processo, no momento, é o da espera.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro	10 — Astério	—	Alcina
"	11 — Píndaro	—	Eva
"	12 — Gênaro	—	Sônia
"	13 — Calisto	—	Celina
"	14 — Daniel	—	Adelaide
"	15 — Eusébio	—	Lúcia
"	16 — Evaristo	—	Romana

EFEMÉRIDE DA SEMANA — Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

			(SIGNO DA:)
Outubro	10	— 16º 53' 14''	(Libra)
"	11	— 17º 52' 36''	(")
"	12	— 18º 51' 59''	(")
"	13	— 19º 51' 25''	(")
"	14	— 20º 50' 52''	(")
"	15	— 21º 50' 21''	(")
"	16	— 22º 49' 52''	(")

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 75

A	Líquido perfumado para os cabelos →	10	1	28	77	121		
B	Farás doação →	6	41	128	93	51	25	
C	Compreende →	48	5	14	90	62	79	110
D	Tornar-se caduco →	99	71	59	15	34	123	106
E	Despertar; dar viveza →	44	39	18	111	72	87	
F	Colocada; edificada em lugar próprio →	89	112	50	36	125	19	9
G	Arriscar; experimentar →	63	7	94	85	80	115	
H	Porção de alimento para uma pessoa (pl.) →	96	84	76	29	40	126	
I	Ter ódio →	78	57	32	119	82		
J	Naquele lugar →	88	17	120				
K	Pessoa que vai casar →	33	86	42	64	116	127	105
L	Vigília; privação do sono →	83	52	49	103	129	98	16
M	Riscar; fazer traços →	91	65	13	130	100	122	
N	Faz com celeridade →	131	102	56	30	45	68	95
O	Gabarolas →	2	12	124	53	35	27	67
P	Dão aviso →	24	113	75	37	109	8	
Q	Dominar; governar como rei →	43	101	61	26	117	97	
R	Jornadas →	58	104	4	31			
S	Virtude; benefício →	74	69	118				
T	Espaço de doze meses (pl.) →	20	11	60	108			
U	Aparelho do barço que lhe dá direção →	47	22	73	114			
V	Abaixei; apeei →	21	66	54	81	38		
W	Sem cheiro →	46	70	55	23	92	3	107

Para se achar a solução do **LIDERGRAMA**, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras, e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

			A 1		O 2	W 3	R 4	C 5	B 6	G 7		P 8
F 9	A 10	,	T 11	O 12		M 13	C 14	D 15	L 16	J 17	E 18	F 19
T 20	V 21	U 22	,	W 23	P 24	B 25		Q 26	O 27	A 28	H 29	N 30
R 31	,	I 32	K 33	D 34	O 35	F 36	P 37	V 38	E 39	H 40		B 41
	K 42	Q 43	E 44	N 45	W 46	U 47	,	C 48	L 49	F 50	B 51	
L 52	O 53		V 54	W 55	N 56	I 57	R 58	D 59	T 60		Q 61	C 62
G 63	K 64	M 65	V 66	O 67	N 68	S 69	,	W 70	D 71		E 72	U 73
S 74	P 75	H 76	A 77	I 78		C 79	G 80		V 81	I 82	L 83	H 84
G 85	K 86	E 87	J 88		F 89	C 90		M 91	W 92	B 93	G 94	N 95
H 96		Q 97	L 98	D 99	M 100		Q 101		N 102	L 103	R 104	K 105
D 106	W 107	T 108	P 109		C 110		E 111	F 112	P 113	U 114	G 115	
K 116	Q 117		S 118	I 119	J 120	A 121	M 122		D 123	O 124	F 125	H 126
K 127	B 128	L 129	M 130	N 131						Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 74 — A. VASQUES. EDUCAÇÃO SEXUAL. "Vivemos para satisfazer aos órgãos dos sentidos e à medida que avançamos em civilização, mais complexos vão se fazendo nossos usos e costumes e mais sutil e complicada a teia de pensamentos que nos envolve."

Contra dôres
CAFIASPIRINA
BAYER
O remedio de confiança

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

(Cont. da pág. 23)

E me voltei para o centro da confusão nevoenta que formavam as minhas provisões.

Era preciso começar por eliminatórias.

Em meia hora eliminei dois pares de meias, uma calça, um pijama e quase tôdas as latas de conserva e me resolvera ùnicamente pelo que fôsse estritamente indispensável quando mamãe fêz nova e triunfal entrada no quarto.

— Nós esquecemos de algumas pequenas coisas, Michel.

— Não, não e não e não. Nem mais um alfinete. Nada, nada mais!

Gritei com mais fôrça do que respeito, mas . . . Mamãe conservando o sorriso de chofer de ônibus a noventa quilômetros por uma rua movimentada, vitoriosa e corajosa:

— Mas, filhinho, sejamos razoáveis. Tu não vais partir sem levar medicamentos . . .

Mas, era verdade, eu não poderia partir para a Iugoslávia sem levar uma boa quantidade de medicamentos. Acontece que a quantidade de remédios que minha mãe empacotou para eu levar daria para manter um pequeno hospital na Dalmácia.

— Não, mamãe, não é possível. Minha mala já está cheia e nem levo tudo que preciso, como vou levar ainda o supérfluo?

E lembrei novamente de Luís Renato.

— Supérfluo!? Mas, Michel, chamas supérfluo ao iôdo, mercúrio-cromo e álcool?

— Qualquer outro há de levar estas coisas, afinal . . .

— Pois bem. Vais chamar também de supérfluo a isto?

E me encontrei frente a frente com dez quilos de açúcar.

— Mamãe! Estiveste com Bertrand?

— Sim (respondeu mamãe com dignidade) êle mesmo me telefonou esta manhã lembrando o açúcar. Êle tem um primo na O.N.U.

— Não (berrei desesperado porém preciso) na U.N.E.S.C.O.

— Bem, para mim a diferença é quase nenhuma, letras apenas. Afinal, por que perder tempo com estas coisas? Se tu não fôsses engenheiro serias outra coisa qualquer. Mas falando do primo de Bertrand . . . êle conhece bem a Iugoslávia.

Caí exausto na única cadeira que não estava coberta de pacotes e roupas. Mamãe pousou a mão nos meus cabelos. **(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)**

A MARECHALA JUNOT

(Cont. da pág. 34)

Bela, muito atraente por sua inteligência aguda e viva, de uma elegância que invejavam tôdas as mulheres mais em evidência nas Tuilerias, passou incólume entre as chamas de amor que insconscientemente acendia, impassível e fria, como envôlta em amianto.

Exatamente nesse momento Laura conheceu o conde Clemente de Metternich. Um olhar, um só, daquele homem, encheu de luz a alma daquela mulher solitária e abandonada, e a luz se transformou em incêndio.

Tôda Paris não tardou em dar-se conta, porque os dois amantes, ambos vítimas de escandalosas infidelidades conjugais, não esconderam sua paixão recíproca, convencidos, como estavam, de agirem com pleno direito.

A princesa de Metternich foi a primeira a ser informada, porém, conservou para com Laura tôda sua estima. O mesmo não aconteceu a Junot; reagiu com violência tão bruta que encolerizou Paris e o próprio Imperador.

A noite trágica, como a chamou a duquesa de Abrantes, na qual o Marechal se jogou sôbre a mulher com fúria selvagem, deixando-lhe o corpo cheio de feridas, teve lugar ao voltarem de uma festa nas Tuilerias.

Nesse episódio refulgiu, mais uma vez, o nobre caráter de Laura, que, quase morrendo, coberta de sangue, não cometeu a vileza de negar o seu amor, e, lealmente, recusou-se a maldizer o amante.

O destino, porém, quis zombar dêsse sacrifício inútil.

A duquesa de Abrantes não veria mais o seu Príncipe, que, chamado a dirigir a política exterior de seu país, inicia uma brilhante subida no céu da diplomacia européia, e se torna o astro luminoso do firmamento político de todos os tempos.

Tendo ficado viúva em 1813, Laura Junot d'Abrantes morreu em 1838, depois de ter passado como um meteoro brilhante pela vida luxuosa de Paris, que chorou-a com sincero pesar.

Deixou um livro interessante de memórias, pouco conhecido, no qual conta sem falso pudor os episódios de sua vida sentimental, e do qual foram tirados os dados dos capítulos que seguem . . .

(CONT. NO PRÓXIMO NÚMERO)

Sensacional!
CR$ 50
ALBUM RUBRO NEGRO
CR$ 40
ALBUM DO CRACK
CR$ 5
CRACK
À venda nas Bancas de Jornais
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

ARABELLE a última sereia



O sr. Emile, consultado, aprova a decisão de Joe Piper e, por sua vez, diz: — «Iremos beber em sua casa». — E ordena a remessa de bebidas à residência de Joe, por um empregado.



Todos vão para as viaturas. Tching-Tchoung, completamente embriagado, se recosta em Blancha, enquanto Arabelle era puxada, por Joe, para um canto do assento traseiro do carro.



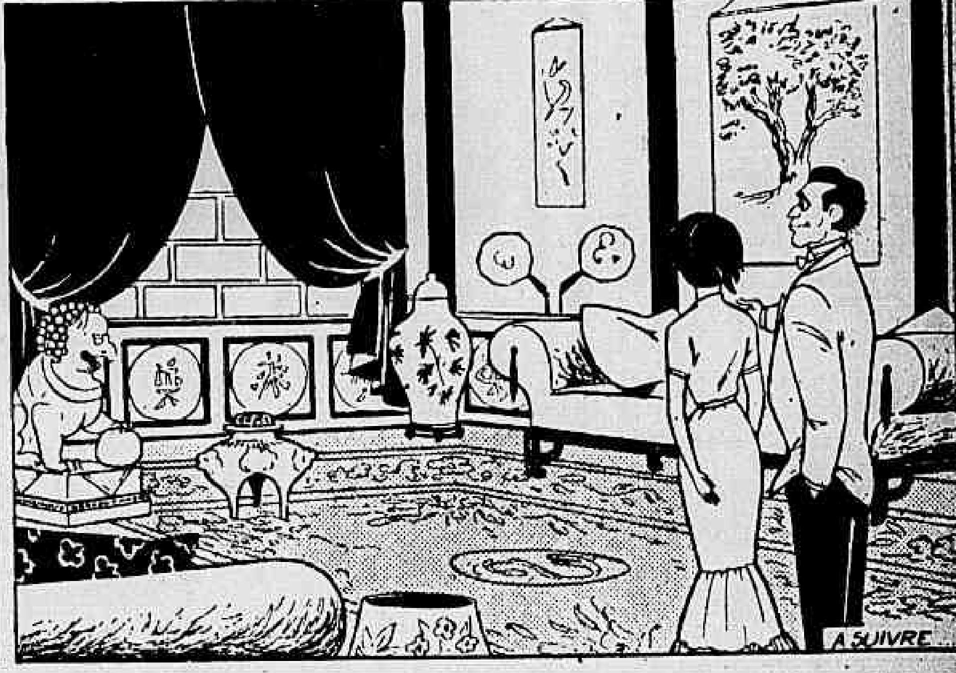
Joe Piper convida, também, outras bailarinas do cabaré, dentre estas, a morena Pepita. Emile se instala e dá ordem ao «chauffeur» que pise o acelerador. Em casa do «Terrivel» a farra prometia.



Instantes depois, chegam à lúxuosa morada do «gangster». Joe Piper, com uma galanteria pouco comum, oferece seu braço à linda Arabelle, conduzindo-a ao interior da casa.



Arabelle está deslumbrada com a opulência da casa. Uma vitrola toca e os pares dançam, enquanto outros casais e homens isolados sentam-se a mesas ou, então, jogam.



Joe Piper léva Arabelle para que esta aprecie outras dependências discretas do palácio, forradas de espessos tapêtes e com ornamentação à maneira oriental. Tching-Tchoung, que, como se sabe, estava embriagado, não resiste e dorme num divã.



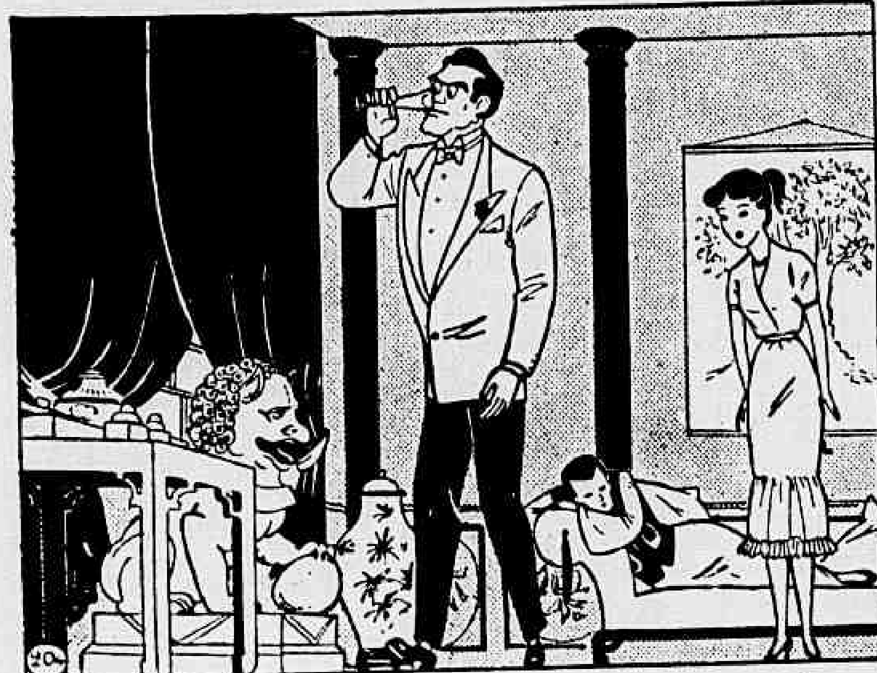
Joe lhe diz: — «Vou oferecer-lhe, agora, uma campanha, que mandei buscar na França, especialmente para mim.» — E acrescenta, sorridente: — «Veja a grande diferença, Arabelle.»



Enche duas taças e pede que Arabelle beba. A jovem não quer beber mais. Entretanto, êle lhe diz que tomaria por uma desconsideração à sua pessoa a recusa da jovem...



Arabelle, seguindo instruções de Ludovic, aceita. Joe Piper fica radiante com a atitude da jovem. Enquanto a jovem apenas de quando em quando bebe um pouco do seu «champagne», Joe vai bebendo um atrás do outro.



Joe Piper, muito contente por estar a sós e a beber com a mais linda «girl» da cidade de Xangai, dirige-se a uma mesa, em que estava instalada uma aparelhagem completa para que êle pudesse fumar ópio.



Ao oferecer um «cachimbo» a Arabelle, ela não acha prudente recusar. Se o fizesse, podia vir a despertar suspeitas. E ela era, ali, uma verdadeira «taxi-girl»



— «E o senhor tem ópio aqui?» — Pergunta, com um sorriso encantador a jovem Arabelle. Êle, então, confessa a rir: — «Ora! Eu fumo ópio aqui e forneço ópio a tôda a América!» — E desatou a rir.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE

DE RÁDIO

GUARACY

O DIA DO RÁDIO



● Com um grande churrasco, a Associação Brasileira de Rádio, tendo à frente a figura de Manoel Barcelos, comemorou a data máxima dos radialistas, que é o dia do rádio, congregando todos os trabalhadores de nossas emissoras, que se confraternizaram pelo grande acontecimento. O rádio brasileiro bem merece essas festividades, porque já atingiu um nível muito elevado, apesar de ter as suas deficiências, que, talvez, venham a ser sanadas dentro de um pequeno praso. Enquanto isso não se verifica, vamos cuitivando o que êle possui de bom e altamente artístico, desejando nesse novo ano de sua existência, o maior progresso, bem como outras inovações, que venham contribuir ainda mais para o seu desenvolvimento.

AO QUE PARECE, todos os funcionários da extinta Rádio Clube do Brasil estão se cotizando no sentido de fundarem uma nova estação: a Rádio Mundial, que aproveitará o mesmo canal da antiga PRE-3. Caso se confirme esta notícia, teremos uma nova emissora à serviço da radiofonia brasileira. Que a nova se concretize, é o que desejamos de todo o coração, porque além de dar trabalho a vários radialistas, que se encontram parados, haverá outra estação trabalhando pelo desenvolvimento do nosso rádio.

OUTRO QUE mudou de prefixo, foi o humorista Aloísio Silva Araújo, que também atuou ao microfone da Rádio Mayrink Veiga durante bastante tempo, ingressando na Rádio Tupi, onde está apresentando os seus programas, além de estar escrevendo também para a Televisão Tupi. Outra boa aquisição da PRG-3, que muito poderá fazer dentro da emissora associada, assim como na televisão, pois é um elemento realmente dotado de qualidades, sem resíduo de licenciòsidade.

FERNANDO LÔBO, êsse dinâmico redator da Rádio Nacional, acaba de lançar outro programa. Trata-se de «Pelo Sim, Pelo Não», que tem a participação de cantores, orquestra e «cast» do rádio-teatro. Esperamos que Fernando Lôbo obtenha outro grande sucesso com mais esta produção. E' um elemento de grande valor e que conseguiu dentro do rádio uma enorme projeção, como prêmio aos seus esforços no sentido de apresentar sempre programas interessantes e de bom conteúdo.

● Carlos Galhardo, depois de militar durante vários anos na PRA-9, Rádio Mayrink Veiga, onde conseguiu o grande sucesso de sua carreira, passou-se para a Rádio Nacional, obtendo também uma atuação destacada. Agora, Carlos Galhardo vem de assinar contrato com a PRG-3, Rádio Tupi, onde já estreou. E' mais um valor que esta emissora consegue para seus domínios, e êle merece, porque é um dos poucos cantores que têm conservado a sua carreira artística dentro de um nível sempre elevado, permanecendo a sua popularidade sempre intacta.



ARMANDO LOUZADA, que agora ocupa o cargo de diretor de «broadcasting» da Rádio Mayrink Veiga, entrou em gôzo de licença a fim de poder descansar um pouco. Por êsse motivo foi afastado de suas funções na PRA-9, devendo voltar muito breve.

MIGUEL CURI, que responde pela publicidade da Rádio Nacional, entrou em gôzo de merecidas férias. Curi ocupa muito bem êste cargo, pois vem desenvolvendo com grande habilidade a distribuição de publicidade sôbre os elementos daquela emissora.

MARLENE, a feliz intérprete de nossa música popular, estreou no Teatro Rival com grande sucesso na peça «Angelina e o Dentista», ao lado de seu espôso Luís Delfino, sob a direção artística dêsse outro elemento da Rádio Nacional, de onde Marlene também é uma das figuras máximas. Aliás, para os que não sabem, a cantora da PRE-8 também já exerceu as funções de rádio-atriz em São Paulo, o que explica o motivo de seu êxito no cinema e teatro.

METEOROLOGISTAS DE. . .

(Cont. da pág. 17)

E passando a uma ordem prática de considerações, o Secretário Geral do Congresso de Meteorologia revela:

— Em 1951, a convite da Light, realizei algumas experiências de chuvas artificiais que obtiveram algum êxito. Não pretendia, então — como não poderia pretender agora — criar chuvas, mas apenas precipitá-las sôbre locais que delas necessitassem, aproveitando condições meteorológicas favoráveis.

— Quer dizer que o senhor não acredita que alguém possa produzir chuvas?

— Realmente, não acredito. E penso mesmo que o têrmo «chuvas artificiais» é, até certo ponto, inadequado. As chuvas são naturais, não artificiais; apenas pode-se fazer com que elas caiam algum tempo antes do que cairiam normalmente, aproveitando a localização das nuvens sôbre locais que necessitem de chuvas. É como uma árvore carregada de frutas: embora estas venham, fatalmente, a cair, com o amadurecimento, você pode balançar a árvore e fazer com que a maioria delas caia de uma só vez.

— Então o dr. Janot Pacheco deve estar enganado?

— É o que se poderia dizer. Êle afirma que um céu azul, sem nuvens, revela condições ideais para suas experiências. Ora, isto soa como um absurdo. Não quero alongar-me, aqui, em considerações científicas, mas devo observar que qualquer pessoa, com um conhecimento ainda que relativo de termodinâmica, sabe que um céu azul, sem nuvens, revela condições atmosféricas absolutamente contrárias à formação de nuvens e, portanto, à chuva. Ora, como pretende o dr. Janot Pacheco, com uma simples fogueira, transformar o prêto em branco, mudando radicalmente as condições atmosféricas? Parece-me que se o sr. Janot Pacheco aceitasse as limitações normais do seu trabalho — teria muito maiores possibilidades de êxito.

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS DA PÁGINA 46:

1 — Quinze
2 — Filósofo e matemático francês
3 — Nascido de Júpiter
4 — Noruega
5 — Nova York
6 — 7.500
7 — Apolo, o Deus do Sol
8 — Três
9 — A de Notre Dame
10 — Na Inglaterra
11 — «O Paraíso», de Tintoretto
12 — Canadá
13 — Noventa e oito
14 — Rio caudaloso
15 — 160.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer



JUVENTUDE
ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

LUTA PELA BELEZA

Na luta incessante pela sua beleza, pela sua boa aparência, pela sua estética, a mulher não poupa sacrifícios, nem os de ordem econômica, adquirindo e usando o mais variado sortimento de cremes, pomadas e todos os artigos de perfumaria e de farmácia, nem os de ordem física, submetendo-se paciente e corajosamente a tôda a sorte de regimes, massagens, ginásticas, etc. Censura nenhuma ela merece por isso, uma vez que lutando pela obtenção ou pela conservação de sua beleza, ela nada mais faz que lutar pela sua própria vitória, isto é, pela sua própria felicidade. Não se pode, pois, censurá-la em relação ao objetivo de sua luta, mas muitas observações nos sugerem os meios sempre eficazes e adequados de que ela lança mão para atingir êsse objetivo. Quantas moças e senhoras tratam com especial cuidado de sua pele, de seus cabelos, de suas unhas, de suas sobrancelhas, de sua boa aparência, enfim, esquecendo-se do principal: de sua saúde íntima. Muitas ginásticas, muitas massagens, muitos cremes, tinturas, e etc. Mas nenhuma providência, nenhum tratamento, no sentido de regularizar o seu organismo, e afastar perturbações que são geralmente a causa primeira dos defeitos da pele, da obesidade e de mil outros inimigos da boa aparência, da beleza! Ilusão perigosa e prejudicial! Sem saúde não há beleza! Antes de qualquer providência, antes de qualquer tratamento, visando assegurar a sua beleza, garanta a regularidade do seu organismo, combata os males do seu sexo e os afaste definitivamente, recorrendo ao remédio que é fabricado de acôrdo com a natureza dêles — REGULADOR XAVIER. O Regulador Xavier número 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier número 2 se aplica na falte de regras em sua diminuição e suas consequências. O Regulador Xavier, o número 1 ou o número 2, conforme com o seu caso — lhe dará saúde permanente, saúde integral. E a saúde é a fonte única e inesgotável de sua beleza! Grave bem: REGULADOR XA-VI-ER.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O bôlo das núpcias de Rita Hayworth-Dick Haymes a 24 de setembro últi mo, oferecido pelo hotel «The Sands» em Las Vegas, vinte e quatro horas depois de ter o cantor argentino obtido seu divórcio e a escultural Rita se tranqüilizado mais com as constantes ameaças por último surgidas...

"GILDA" CASOU OUTRA VEZ...

ÊSTE É O SEU QUARTO MARIDO ★ UMA LUA DE MEL ENTRE PREOCUPAÇÕES ★ O ARGENTINO SE NATURALIZARA NORTE-AMERICANO? ★ YASMIN PROVOCARA UMA TRAGÉDIA ★ VAMOS ESPERAR CALMAMENTE.

O nome de Rita Hayworth está, de quando em quando, no cartaz do noticiário internacional, com toques de sensacionalismo. Recentemente estêve ela envolvida numa questão seríssima, quando o «terceiro homem», em sua vida, o príncipe Aly Khan, ameaçou-a de morte, com o fim de recuperar a filha Yasmin, para que fôsse entregue à educação muçulmana. Rita se indignou e repeliu ameaças e oferecimento de milhões de dólares, repetindo que a menina seria educada de acôrdo com a civilização norte-americana. Já houve uma guerra, a da Criméia, que foi provocada por duas correntes religiosas; felizmente, o nababo Aly não mobilizou as hostes de Alá a fim de atacar a cristã Rita, punindo-a em nome do deus muçulmano e provocando uma guerra santa... Ainda não estava a situação serenada, e Rita arranja outro marido, o cantor e galã argentino, Dick Haymes, que, apesar de viver há muitos anos nos Estados Unidos, não se regularizou sua situação, optando pela cidadania americana do norte, afastando-se da do sul. Haymes era casado. Houve dificuldades para conseguir-se divórcio de sua terceira espôsa e a respectiva licença para convolar núpcias com a famosa Gilda. Mas Haymes foi defendido pelo excelente advogado Harry Clairborne, enquanto Rita o era pelo outro causídico, Oscar Bryan. E, vinte e quatro horas depois de obter-se a licença, casava-se êle com Gilda, ficando sem marido a espôsa número três, Nora Eddington, que deve casar-se com outro, naturalmente. O caso das ameaças de morte contra Rita Hayworth, é preciso que se esclareça, não veio a público como sendo coisa direta do príncipe abandonado. Falam que quem a ameaçou foram «amigos» de Aly Khan, naturalmente com pena dos sofri-

"GILDA" CASOU OUTRA VEZ...

mentos morais de Sua Alteza, que não pode admitir que sua Yasmin continue ao lado de Rita e a educar-se sem as orações do «muezzin» no alto das Mesquitas abençoadas por Alá e seus profetas. Apesar dessa atmosfera de apreensões e sustos, Rita se casou com o argentino. A cerimônia inicial se caracterizou pela maior simplicidade, tudo muito à vontade, todo mundo de blusão, sem chapéu, sem gravata, a começar pela noiva, com um vestido suburbano completamente liso, de fazenda modesta, enquanto êle estava de roupa comum como se estivesse numa praia tropical. Sòmente perante o juiz os indumentos tomaram melhor forma, aparecendo a gravata do noivo e melhor vestido de Rita.

Casaram-se ambos pela quarta vez, para não haver supremacia na estatística nupcial Apenas Rita entra com «eleitores» que lhe dão a maioria no novo lar, isto é, duas filhas: uma, Rebecca, de oito anos de idade, filha dela com Orson Welles, e Yasmin, de três primaveras, filha dela com o príncipe folgadão, Aly Khan. Logo após o casório, foram os dois para o hotel de Las Vegas, Nevada, onde estavam hospedados com as duas meninas. O hotel lhes ofereceu um bôlo que pesava trinta quilos, o qual foi partido pelos nubentes e também pelas duas inocentes crianças, que não têm noção nenhuma do drama em quatro atos por que vem passando a mamãe.

A lua de mel êles a foram passar na propriedade rural que possuem, levando as duas garotinhas, o que muito as alegrou. Tudo ia mui-

Após a obtenção da licença para o casamento, Dick e Rita posam para a U. P. e, conseqüentemente para esta Revista.



A nova família de Dick Haymes: Rita (espôsa); Yasmin (3 anos) filha de Aly Khan; Rebecca (8 anos), filha de O. Welles.



Rita Hayworth assina o compromisso de casamento no cartório, a sorrir. O cidadão que vemos de blusão por trás dos noivos, é Jack Entratter, padrinho do cantor Dick Haymes. Notem os leitores como tudo estava «à vontade»: usaram roupas caseiras e viu-se a ausência de luxo fílmico.

to bem quando, dois dias após o casamento, teve êle que comparecer perante a Côrte de Justiça americana, a fim de responder sôbre sua nacionalidade, desde que, até então, continuava a não declarar por que país optava, se pela do seu nascimento — a Argentina — se pelos Estados Unidos, onde marava e trabalhava há tantos anos. Dick Haymes não adiantou nada ainda dessa vez; mas a coisa não tomou nenhum caráter alarmante, pois a Justiça achou melhor deixar o rapaz terminar a lua de mel com Gilda, adiando-se o julgamento do rumoroso assunto.

E' curioso notar que, para a cerimônia do casamento só foram convidadas dez pessoas; mas ali compareceram mais vinte e cinco: os «camera-men», com suas filmadoras em punho.

E agorá, que ainda acontecerá na vida dessa famosa «estrêla», que ficou famosíssima no mundo inteiro quando apareceu nas telas como «Gilda»? Rita Hayworth, que é uma das mais belas e sedutoras artistas de Hollywood, ao casar-se com Aly Khan estava no firme propósito de abandonar o cinema, dedicando-se exclusivamente ao lar; mas, êsse negócio de arte cênica seja diante das câmaras filmadoras, seja no palco, ou em frente a microfones, é uma doença que, quando entra no sangue da pessoa só a deixa com a morte ou a velhice, o que vem a dar no mesmo. Por isso, Rita não pôde suportar o ostracismo voluntário ao ir viver com o príncipe. Cercada de luxo, opulência, milhões de dólares; com duas filhas para alegrarem o lar; vivendo em palácios na «Côte d'Azur», com hiates, automóveis de luxo, criadagem e tudo o mais que a riqueza proporciona, ela se sentia cada vez mais distante de si



Dick exibe a licença de divórcio de sua terceira espôsa, para casar-se com Rita, sua quarta mulher, que também não fica para trás.

"GILDA" CASOU OUTRA VEZ...



Rebecca (filha de Orson Welles) e Yasmin (filha de Aly Khan), cujos papás estão afastados do [illegible] pelo divórcio, experimentam o bôlo do terceiro casamento de sua mamãe, a «estrêla» Rita Hayworth, com o cantor e galã argentino Dick Haymes, o novo pai da família «à Las Vegas».

mesma, até que, com as cotidianas querelas, as discussões domésticas, os atritos com o espôso, a levaram a uma separação de fato, até que tudo resultou em separação de direito, através do divórcio.

Estava livre a Gilda para voltar ao cinema, ao teatro, aos braços de outro marido que fôsse mais caseiro, embora menos «bonitão» e de sangue azul. Apesar, porém, das alegrias de Rita e de Haymes durante o casamento e depois dêle, não se pode desconhecer que ambos continuam muito preocupados com o futuro. Ela, em face das constantes ameaças, até de morte, que recebe das bandas do príncipe em face da educação de Yasmin; êle, diante do seu caso jurídico, pois, cidadão argentino, está com a permanência nos Estados Unidos em completa irregularidade, devendo optar pela cidadania norte-americana, ou voltar à sua pátria de origem: a Argentina.

Como vemos, os dois, embora sob a delícia de uma lua de mel já experimentada quatro vêzes, não podem estar assim tão felizes como faz crer o sorriso de ambos nas fotos relativas ao casamento em Las Vegas, Nevada, com o gigantesco bôlo de 30 quilos, para adoçar o ambiente...



Rita, aos 18 anos de idade, casou com Ed Judson, de 40 janeiros e seu primeiro marido. Mas êste não deu certo.



«E' impossível viver com um gênio», disse Rita ao deixar Orson Welles, quatro anos depois, levando a filha Rebecca.



Quando Rita Hayworth se unia ao príncipe Aly Khan, seu 3º marido, do qual tem uma filha de 3 anos, de nome Yasmin.



Dick e Rita [illegible] Irão mesmo ser felizes? [illegible] uma nuvem de [illegible] [illegible] Ninguém sabe [illegible] ambos [illegible] digam.

O duelo Garcez x Ademar

OS ASTROS E O SR. ADEMAR DE BARROS

A candidatura potencial do sr. Ademar de Barros à Presidência da República e a indicação dos astros ★ Indiscrições da casa um do horóscopo do ex-Governador de São Paulo e seu parentesco astral com Adolfo Hitler ★ Os trunfos planetários do político bandeirante. ★ O Pessepismo está sob a proteção de Júpiter e de Saturno.

(Primeiro de uma série de seis artigos do astrólogo Batista de Oliveira, exclusivos da "Revista da Semana", sôbre os srs. Ademar de Barros e Lucas Garcez).

OS políticos brasileiros mais ou menos categorizados não se cansam de proclamar a prematuridade da questão relacionada, com a sucessão presidencial. O problema, porém, está sendo equacionado e as fôrças estão sendo consideradas.

Quando o sr. Truman sucedeu ao sr. Roosewelt, no govêrno dos Estados Unidos, tive o desejo de lhe fazer o horóscopo, para estudo. Esbarrei, porém, numa grande dificuldade: não sabia a hora, o minuto exato, o instante preciso do seu nascimento, dados sem os quais nenhum horóscopo é possível. O instante da entrada de uma pessoa, na vida, é o ponto de partida para o levantamento da respectiva carta planetária natal.

Não obstante, sabendo o dia e o lugar do nascimento do novo presidente norte-americano, verifiquei a posição, em longitude, dos seus astros nativos, a única coisa possível, então, e disse ao meu saudoso amigo e colega, prof. Demétrio de Toledo: **Aqui está um homem.**

O caso do sr. Ademar de Barros é diferente, pois eu lhe conheço a hora, o instante em que nasceu, naquela segunda feira nublada em que seus pais anunciaram, aos íntimos, a vinda ao mundo, do seu felizardo rebento. É diferente, não há dúvida, mas, do exame, mesmo superficial, do horóscopo do político paulista, atendo-se o examinador, apenas, à configuração geral dos plexos diretos, chega-se à mesma conclusão: **Aqui está um homem.** Realmente, o tema natal do chefe pessepista revela a existência de uma personalidade marcante. Vou apresentá-la.

O sr. Ademar de Barros nasceu em Piracicaba, no Estado de São Paulo, no dia 22 de abril de 1901, às cinco horas e seis minutos, precisamente, da manhã de um dia já batido pelos ventos frios do inverno a caminho. Nasceu o discutido político brasileiro, sob o signo aéreo da Libra, pois o ascendente, na sua figura horoscópica, se encontra a 192 graus zodiacais.

Naquela manhã, Júpiter e Saturno, quase conjuntos, estavam no meio do céu, cortavam o zênite.

No instante mesmo da «delivrance», no momento em que o nascituro deu o primeiro vagido, iniciando a vida exterior, Júpiter cruzou o meridiano de Piracicaba, exaltado no signo aquático do Câncer, à disposição da Lua. Êsse movimento e a condição do astro foram um prenúncio da fortuna que iria espreitar aquela criança, surgida apenas para a vida, numa das curvas do seu caprichoso destino, disposta a levá-la às mais altas posições, a um completo êxito.

A primeira casa de um tema natal, retrata o nato respectivo. É um resumo autêntico da sua personalidade.

Há, na primeira casa do horóscopo de que me ocupo, dez plexos, diretos uns, e refletidos outros. O dono da casa em aprêço, é o planêta Vênus. Êsses dez plexos são: a) plexos direto do Sol a 20 graus de domitude; b) sextilha da Lua a 8; c) meia sextilha de Mercúrio a 29; d) plexos direto de Vênus a 18; e) trígono de Marte a 13; f) quadratura de Júpiter a 1; g) quadratura de Saturno a 5; h) trígono de Urânus a 5; i) sextilha de Netuno a 16; j) oposição de Lilith (Priapo) a 15.

Há duas conjunções de plexos, na casa em aprêço: a de Saturno com Uranus e a de Vênus com Lilith, Priapo, aliás, e Netuno.

★

O plexos direto do Sol, a 20 de domitude, constitui o «hyleg» afeta, favorável, portanto, do sr. Ademar de Barros. É êsse o mais expressivo símbolo astrológico de uma boa saúde e de um físico robusto e perfeito. O signo da Libra significa equilíbrio.

O ex-governador de São Paulo viverá muito, ainda, e morrerá de modo imprevisto, inesperado, vítima de um atentado ou num acidente. O estudo da casa oito do seu horóscopo poderá detalhar o prognóstico, a conclusão a que cheguei, aliás, autorizado pelos plexos algotanático e tanatíforo, impressos pelo Sol e por Marte, respectivamente, na chamada casa da morte.

Seria uma injúria do Céu e do destino, se um homem como o sr. Ademar de Barros, dinâmico, corajoso, empreendedor e arrojado, findasse seus dias, imobilizado num leito, vítima de insuficiências pancreáticas ou cardíacas, completamente inútil. Seria uma injúria e uma pena.

É melhor morrer ao Sol, pizando a terra firme terçando armas nos embates das paixões ou das idéias, com direito a exalar, de pé, o último suspiro, como Vespasiano, ou, como Clemenceau, exigir que, de pé, também, seja inhumado. O criador do Partido Social Progressista, não tenhamos dúvida, é um homem assim. Vênus que lhe governa o tema e que lhe exprime a sensibilidade e o temperamento, está domiciliada e operante, na casa um.

★

Mas, essa personalidade tão forte, essa individualidade tão marcante, do sr. Ademar de Barros, tem pontos bem vulneráveis, o que é próprio, aliás, da nossa condição humana. Não há nada perfeito.

Defeitos, quem não os tem? Falhas, quem não as acusa? Prejuízos, quem não os traz?

A sextilha da Lua, impressa a oito graus de domitude, partiu do 6º ramo do signo do Sagitário (Júpiter-Mercúrio-Júpiter) e se refletiu no 6º do signo da Libra (Vênus-Júpiter-Sol), sendo Júpiter o elemento de ligação do aspecto. Foi no seu clima, portanto, que o impacto lunar se deu.

Uraniana por sua posição em domitude, a Lua nativa do político paulista, além do mais, juntou-se, através do seu plexos, na casa um, ao plexos do seu dispositor. O trígono de Uranus está no mesmo ramo ocupado pelo sextil da Lua.

Ora, se a Lua fortifica na alma dos indivíduos, os

I astros	A. de BARROS PLEXUS	Casa domit.
☉	☌	20
☽	⚹	8
☿	⚺	29
♀	☌	18
♂	△	13
♃	□	1
♄	□	5
♅	△	5
♆	⚹	16
⚸	☍	15

Um detalhe da primeira casa

dons recebidos dos outros planêtas, como dizia Alberto o Grande, no caso em exame, o satélite fortificou na alma do sr. Ademar de Barros, os dons recebidos de Uranus que se torna, assim, o verdadeiro titular do aspecto, pois além de se encontrar em conjunção com o mesmo, através do seu trígono, é o dispositor da Lua.

O chefe bandeirante, então, é um homem excêntrico, tem lá os seus desvios. Uranus é o responsável pelos gestos e desabusadas atitudes tomadas às vêzes, pelo sr. Ademar de Barros.

Quem não surpreendeu ainda, o ex-ocupante do palácio dos Campos Elíseos, em mangas de camisa, com aquêles suspensórios horríveis sustentando-lhe as calças de cós excessivo, em pleno salão de despacho? Com S. S. não há lá essa coisa de «noblesse oblige». Sua mentalidade é a de um descamisado como o presidente Perón.

★

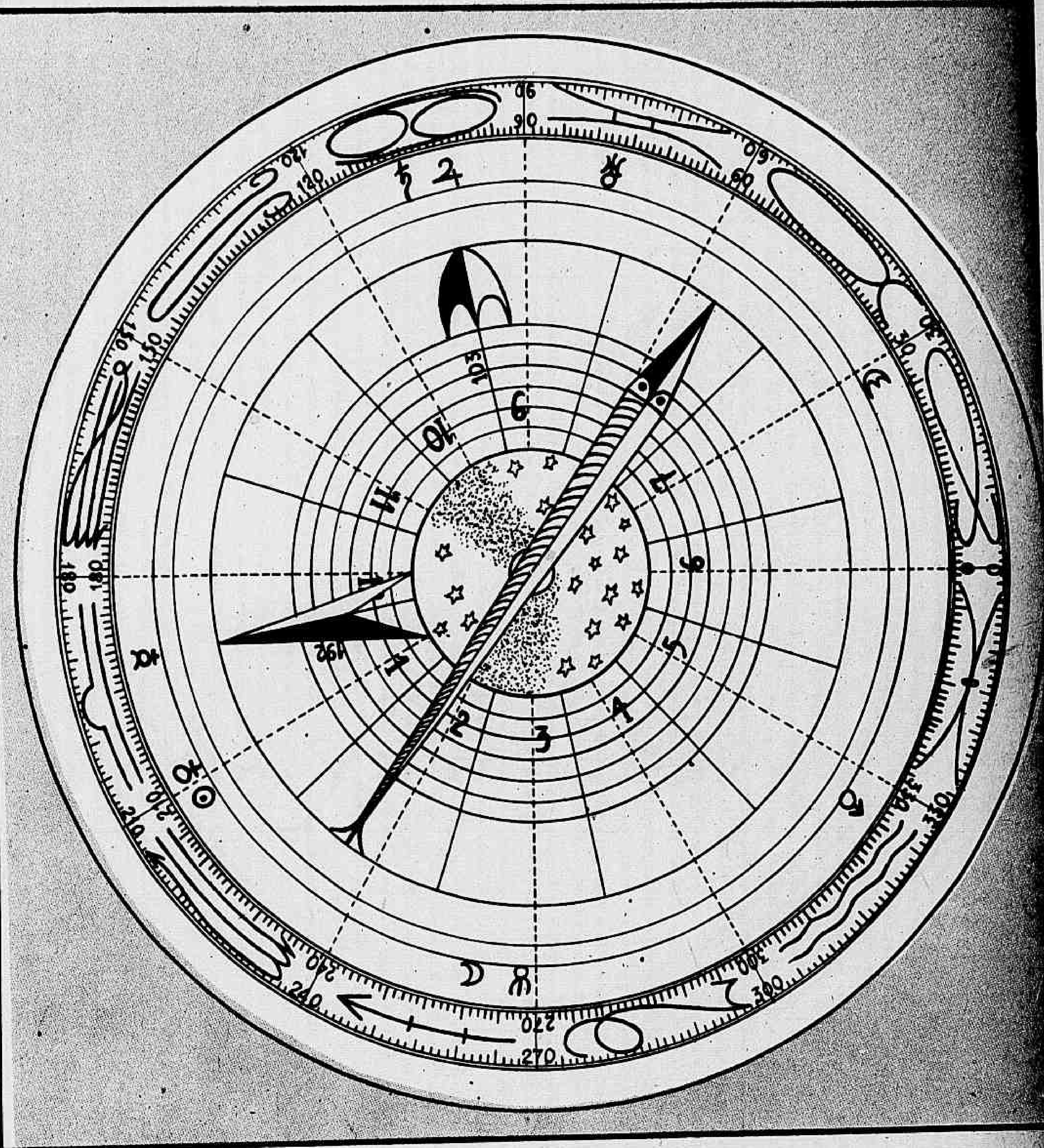
Mercúrio, o astro representativo da mentalidade e da formação intelectual dos indivíduos, lançou uma meia sextilha, aspecto desfavorável, a 29 graus de domitude, já nos domínios extremos da casa um. A impressão do plexos se deu no clima do próprio astro impressor. Não houve dosagem. A emissão foi pura.

D. Néroman, o genial e saudoso presidente do Colégio Astrológico de França, interpretando êsse plexos desfavorável e puro de Mercúrio, na casa um, diz no seu tratado de Astrologia Racional, à página 109: **«Plexus dissonants de Mercure en maison I, significateurs de: astuce, combinaisons confuses (combinazioni) «combines», verbiage fatigant, défaut de scrupules dans l'art de tirer son épingle du jeu, manque de diplomatie, maladresse, activité brouillonne, dispersée, agitation, truculence».**

Estará conforme? Êste quadro da mentalidade do chefe do P.S.P. foi pintado em Paris, em 1942, por D. Néroman.

Com uma mentalidade assim e com o temperamento de que é dotado, não tem o sr. Ademar de Barros, a formação de um verdadeiro chefe democrata. Seu feitio é o de um senhor, de um mandão, patrão ou ditador.

A índole antidemocrática do sr. Ademar de Barros, atestada ainda há pouco pelas reações verificadas no seio da sua agremiação partidária, seção do Distrito Federal, por fôrça do mandonismo, que pretendia exercer, como ressaltou o senador Mozart Lago em declaração à imprensa, dá um forte relêvo à conclusão a que cheguei no estudo da sua carta planetária de nascimento, atribuindo-lhe um grande parentesco astral com Adolfo Hitler.


O tema horoscópico de Ademar de Barros


Alegorias representando Saturno e Júpiter, astros protetores do ex-Goxernador de S. Paulo.

Como o Fuhrer, o sr. Ademar de Barros tem a Libra no ascendente e Saturno no meio do céu. Alguém já quis até, identificar os dois, pelo bigodinho aparado, vendo no detalhe fisionômico, uma similitude de gostos.

★

Fala-se muito da fortuna do sr. Ademar de Barros, havendo mesmo quem diga ser ela a maior do Brasil de hoje e que a do sr. Mário de Almeida está, agora, num plano secundário. Julgo inteiramente procedente o alegado.

O portador dêste horóscopo tem uma chance extraordinária. Sua «Parte da Fortuna» foi impressa na casa dois que é o setor do tema natal relacionado aos bens e à riqueza.

A segunda casa do tema radical do ex-governador de São Paulo, além do mais é um setor em destaque dada a presença, no mesmo, da Caúda do Dragão.

Além da «Parte da Fortuna» e da «Parte da Animosidade», há na casa em foco, os trígonos de Júpiter e Saturno, dois grandes trunfos do jôgo ademarista no terreno da política. O homem é mesmo um afortunado.

Acusam o chefe bandeirante de «pãodurismo». Dizem que ninguém lhe vê o dinheiro e que, das promessas feitas antes das eleições de 1950, ficaram, apenas, as desilusões dos que, sumamente confiados, arquitetaram planos, olhos fitos no conteúdo da «caixinha». Se tivessem feito uma consulta a Júpiter, não teriam sido logrados.

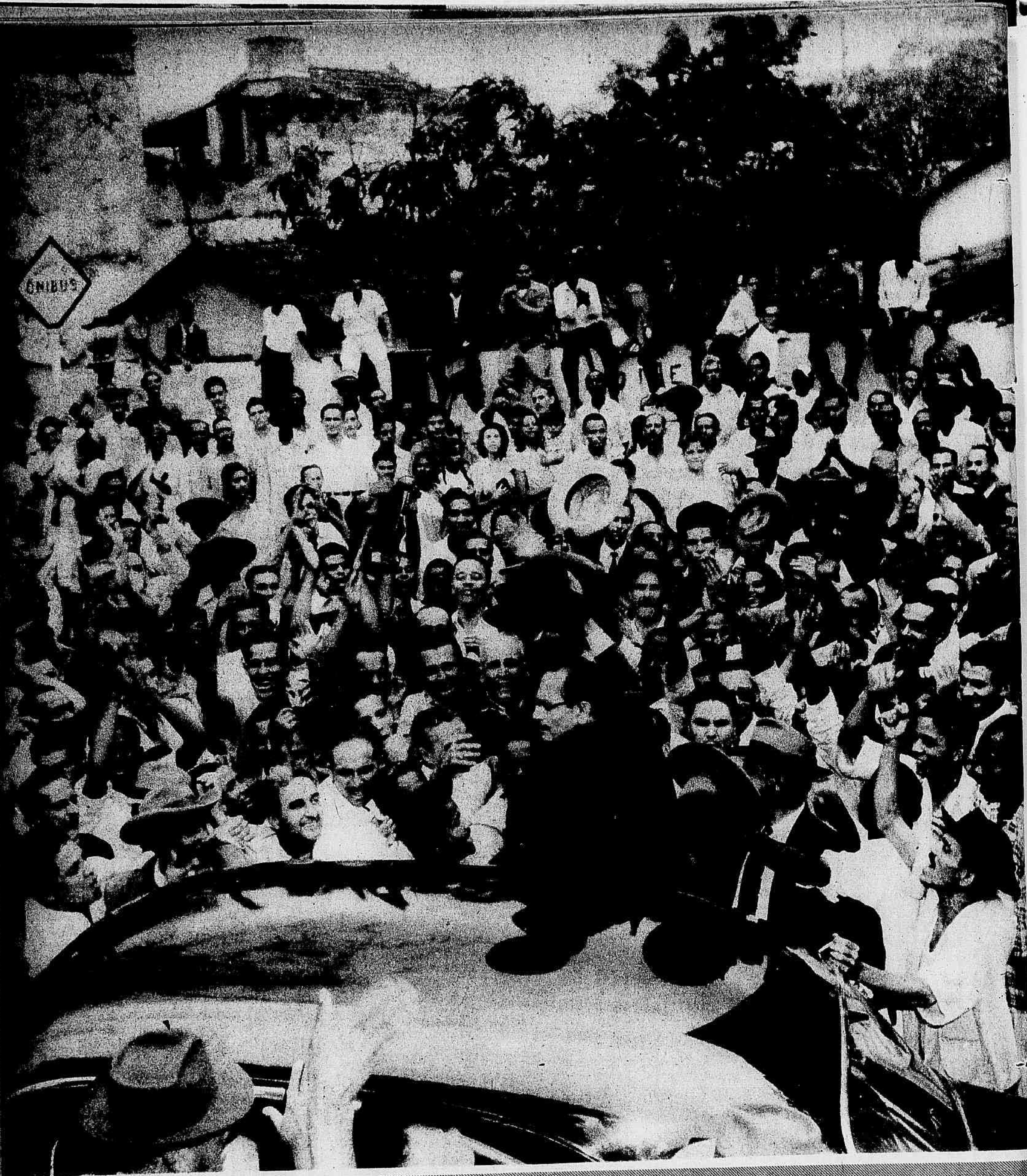
A quadratura do mencionado astro, no ascendente, fêz do sr. Ademar de Barros, um irmão gêmeo da parcimônia. É um «zura» perfeito. Do que é seu não sai nada para ninguém.

Há homens que trazem o dinheiro no bôlso. Estão sempre prontos a gastá-lo. Há os que o trazem na cabeça, não podendo, por isso, pensar noutra coisa. Há, ainda, os que o trazem no coração para senti-lo na intimidade e para adorá-lo. O chefe pessepista não está, certamente, entre os primeiros. Saturno, em mau aspecto na casa um, segundo os mais autorizados interpretadores, dá ambição e egoísmo.

No tema do sr. Ademar de Barros, Saturno imprimiu uma quadratura na casa um, no seu próprio clima. Sejamos justos, pois, dizendo que o egoísmo do político paulista não se exerce com ferocidade. É medido e sensato. Saturno o fêz, ainda, um homem perseverante, tenaz, metódico e paciente nas questões utilitárias.

De acôrdo com essas confidências dos astros e indiscrições da casa um, temos, até aqui, o homem com suas virtudes e com seus defeitos. O exame da casa dez nos vai dizer das suas possibilidades para chegar à presidência da República. Êsse estudo, porém, só será feito na próxima vez.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



ULTIMO FLASH

O deputado Natalício Tenório Cavalcânti, que tem estado na maior evidência em face dos acontecimentos de Caxias e correlatos, depois de alguns dias de repouso no Hospital dos Servidores do Estado, declarou que voltaria àquela cidade a 27 de setembro, não sòmente por ser o dia de seu aniversário, como porque era a festa de S. Cosme e Damião, os «Meninos» a quem o povo caxiense rendia homenagens e êle também festejava todos os anos. A notícia despertou muita curiosidade e apreensões. Iria haver barulho? Era grande a ansiedade. Mas, como era de prever, não aconteceu nada. Nem podia acontecer, pois era o próprio govêrno fluminense que tôdas as medidas tomaria para evitar distúrbios. Não se pode deixar de reconhecer que, em dias comuns, é perigoso ao sr. Tenório Cavalcânti andar em Caxias como qualquer mortal; mas, nessa oportunidade de sua volta, nada aconteceria. E êle voltou em companhia de amigos e num carro da Câmara dos Deputados, sendo recebido festivamente pelos seus amigos e correligionários, envolto na sua «capa preta», que para a crendice popular tem a virtude de «encantá-lo»...

ATENÇÃO! AGUARDEM!



Um manancial de informações, contendo entre outros mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO.

★

Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc. UM ROMANCE COMPLETO. UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR E OUTROS ASSUNTOS.

★

As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

Almanaque

EU SEI TUDO

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA.

Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS

hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

H-88.210

UM PRODUTO SOUZA CRUZ